

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS  
ÁREA DE LITERATURAS, ARTES E CULTURAS

**U LISBOA**

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



**Localização temporal adjunta de natureza não oracional  
introduzida por conetores de tipo preposicional:  
elementos para uma Gramática de PLE.**

**Inna Komkova**

Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa  
(Língua Estrangeira / Língua Segunda)

2014



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS  
ÁREA DE LITERATURAS, ARTES E CULTURAS



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



**Localização temporal adjunta de natureza não oracional  
introduzida por conetores de tipo preposicional:  
elementos para uma Gramática de PLE**

Dissertação orientada pelo  
Professor Doutor António M. S. Avelar

**Inna Komkova**

Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa  
(Língua Estrangeira / Língua Segunda)

2014

# Índice

Resumo.....	7
Abstract .....	8
Introdução .....	9
<b>CAPÍTULO – I.....</b>	<b>13</b>
1.1. O lugar da gramática no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.....	13
1.2. Fontes do conhecimento gramatical na área de PLE.....	15
1.2.1. A apresentação da gramática nos manuais de PLE.....	18
1.2.2. A apresentação da gramática em livros de apoio de PLE .....	23
1.3. Caminhos para uma Gramática de PLE .....	27
<b>CAPÍTULO – II.....</b>	<b>31</b>
2.1. Localização temporal adjunta introduzida por SPs. Justificação da escolha do tema gramatical .....	31
2.2. Opções metodológicas.....	32
2.3. Enquadramento teórico.....	35
2.3.1. Adjunção .....	35
2.3.2. Estrutura do sintagma preposicional.....	38
2.3.3. Localização temporal: distinção entre os termos.....	41
2.3.4. Adjuntos temporais: valores semânticos e comportamento aspetual. Proposta do agrupamento .....	42
2.3.5. Localização temporal adjunta introduzida por SPs .....	46
2.4. Proposta do agrupamento dos adjuntos adverbiais de localização temporal.....	50
<b>CAPÍTULO – III.....</b>	<b>56</b>
3.1. Descrição linguística. Modo de apresentação .....	56
3.2. Proposta da apresentação (fichas) .....	58
3.2.1. A PARTIR DE (Tempo) .....	58
3.2.2. ATÉ (Tempo) .....	62
3.2.3. DESDE (Tempo).....	65
3.2.4. Antes (de), depois (de), após, a seguir (a) e durante. Questões de distinção.....	69
3.2.5. ANTES DE (Tempo) .....	76
3.2.6. DEPOIS DE (Tempo) .....	81
3.2.7. DENTRO DE (Tempo).....	85
3.2.8. DAQUI A / DAÍ A / DALI A.....	87

3.2.9. HÁ (Tempo).....	91
Considerações finais .....	95
Referências Bibliográficas .....	98
Anexos .....	103

## Resumo

A presente dissertação visa propor uma descrição linguística da localização temporal adjunta não oracional introduzida por conectores de tipo preposicional. Esta descrição e a sua apresentação foram realizadas tendo em vista o ensino-aprendizagem de PLE.

A descrição tem como a base de sustentação estudos sobre o tópico, entre os quais, as propostas de T. Mória (2000, 2003) e Viegas (1996) para a classificação e o tratamento semântico das expressões adverbiais de localização temporal. Procurou-se, além disso, fazer um confronto sustentado com as propostas contidas na Gramática do Português (Raposo et alii, 2013) de forma a que todas as especificações tenham um tratamento coerente.

Explora-se a complexidade das relações temporais, aspetuais e semânticas que os localizadores em causa estabelecem. Propõe-se o agrupamento em quadros síntese, para além de uma descrição linguística em documentos sinóticos de fácil consulta. Pressupõe-se que as sínteses produzidas poderão ser usadas ou adaptadas por professores de PLE, autores dos manuais e alunos de PLE dos níveis mais avançados. Espera-se que o trabalho produzido possa constituir um contributo válido para uma eventual Gramática de PLE.

## Abstract

The goal of this study is to propose a linguistic description of the temporal locating adverbials introduced by the prepositional connectors considering the purposes of teaching and learning Portuguese as a foreign language.

The description is based on the studies on the classification and semantic treatment of temporal locating adverbials including Mória T. (2000, 2003) and Viegas (1996). Moreover, a sustained confrontation with the proposals from *Gramática do Português* (Raposo et al, 2013) was attained, so that all specifications have a consistent treatment.

The study explores the complexity of the adverbial temporal locating system discussing the categories of tense and aspect as well as semantic particularities of the locators concerned. We propose a grouping of locators in frames and their linguistic description in synoptic documents. It is assumed that the summaries produced may be used or adapted by PLE teachers, authors of textbooks and PLE students in advanced levels and contribute to the grammatical content of an eventual PLE grammar.

## Introdução

Um dos grandes desafios do ensino do Português Língua Estrangeira (PLE) consiste em dotar os agentes de ensino de uma descrição sistemática e explícita do funcionamento da língua. Entre os aspetos linguísticos, os conteúdos gramaticais exigem uma apresentação especialmente cuidada e rigorosa visto tratarem fenómenos linguísticos, por vezes altamente complexos, alguns deles ambíguos ou pouco tratados nas gramáticas de Português Língua Materna (PLM). Os professores de PLE lidam constantemente com dificuldades que surgem na explicação dos referidos fenómenos aplicada aos diversos momentos curriculares, pelo que as várias fontes de informação gramatical disponíveis são cruciais. Os aprendentes de PLE, por seu lado, necessitam também de literatura de apoio gramatical que utilizam, principalmente, em casos de dúvida linguística.

Nesta medida, qualquer estudo sobre a língua, com rigor científico, é sempre provido de utilidade para o campo do ensino. Porém, o modo como um aprendente de língua não materna acede ao que é vulgar chamar-se de gramática depende de vários fatores, entre os quais, a sua preparação linguística na língua materna ou em outras línguas e as suas próprias crenças sobre o modo como uma língua estrangeira se aprende. Nesta medida, a maneira como a língua é apresentada ao aprendente representa um dos aspetos que mais interferem no sucesso da aprendizagem.

Parte substancial dos tópicos gramaticais acabam por ser evitados nas sínteses gramaticais apresentadas pelos manuais de PLE, justamente, porque, não estando tacitamente estabelecido o momento e o modo de os tratar num currículo PLE e sendo a sua natureza pouco apetecível como tema dos grandes estudos, não são devidamente tratados nas “gramáticas” de PLE. Como consequência, na descrição de uma língua, existem várias zonas de tratamento e sistematização especialmente difíceis, zonas “cinzentas”, como as referem muitos professores que os manuais evitam apresentar (como, por exemplo, a distinção entre os usos das locuções prepositivas *por cima de* e *em cima de* ou entre *desde* e *a partir de*).

No presente estudo exploramos alguns itens da literatura didática de PLE, nomeadamente manuais e livros de apoio, no que diz respeito à apresentação neles feita dos conteúdos gramaticais que suportam as afirmações acima feitas. Na verdade, não é apenas a questão de a bibliografia sobre os assuntos em causa ser dispersa; dir-se-ia que as gramáticas de língua materna podem fornecer ao professor e ao aluno a informação

pertinente; porém, estas fontes não estão ligadas à prática do ensino-aprendizagem, têm um caráter pouco utilitário e apresentam a descrição da língua de forma sucinta ou, pelo contrário, em determinados casos, demasiado pormenorizada para os fins de ensino PLE.

Surge assim a necessidade de uma forma sintética e equilibrada de descrição linguística que, tendo em conta os objetivos pedagógicos, possa unir o rigor estrutural e descritivo com os aspetos pragmáticos da abordagem comunicativa do ensino das línguas. Baseada em *corpora*, a descrição referida ajudaria também esclarecer as dúvidas na escolha do uso mais frequente (por exemplo, entre *daí a x tempo* e *dali a x tempo*).

Partindo destes princípios, pretendemos explorar um tema gramatical que constitui, do certo modo, uma das “zonas cinzentas” de PLE - localização temporal adjunta introduzida por conetores de tipo preposicional. Fazemo-lo com a finalidade de apresentar uma proposta de descrição linguística do tema, bem como do agrupamento dos conetores em causa.

Nas produções linguísticas dos falantes, a categoria do tempo desempenha um papel crucial. As marcas linguísticas temporais manifestam-se em vários subsistemas gramaticais e subdomínios de significação e são indispensáveis para localizar temporalmente situações expressas nos enunciados. Porém, a complexidade dos fenómenos linguísticos que interagem no domínio temporal torna a descrição e estruturação deste domínio uma tarefa difícil. Apesar do grande número de trabalhos nesta área, uma apresentação unificada e rigorosa do tempo linguístico continua ainda a ser uma questão em aberto.

No que foi possível verificar, a literatura didática de PLE, debruça-se sobre o tópico; porém, o tempo é apenas perspectivado se expresso por flexão verbal, predicados de operação aspetual e por orações subordinadas temporais. O tempo adjunto de natureza não oracional, em particular, os adjuntos adverbiais de localização temporal, não encontram uma descrição e sistematização devidamente realizada. Os adjuntos referidos, sendo portadores de informação temporal semanticamente diversificada ocorrem no contexto de uma enorme variedade de situações e apresentam uma alta frequência em atividades de produção e compreensão oral e escrita, desempenhando um papel relevante na comunicação. Os fatores mencionados levaram-nos a escolher os adjuntos de localização temporal como tópico do presente trabalho que visa apresentar uma proposta da descrição linguística que seja, a um tempo, viável e prática para os fins de PLE. Optamos por limitar o grupo de adjuntos aos introduzidos por conetores de tipo preposicional visto que as preposições, no sentido lato, também, constituem um

tema problemático ou pouco sistematizado no âmbito de PLE.

No presente trabalho discutem-se as categorias que têm maior relevância para a descrição linguística em causa: adjuntos e complementos, estrutura do sintagma preposicional, o tempo, o aspeto; analisam-se os adjuntos temporais em relação à sua estrutura sintagmática, valores semânticos e comportamento aspetual.

Procuramos apoiar-nos em investigação atual e em obras de referência sobre língua portuguesa: nos estudos linguísticos contemporâneos dedicados ao tópico: Mória (1995), (1997), (2000) e (2003), Peres (1993), Teixeira (2001), Viegas (1996), Matos (1999), entre outros; nas gramáticas *Gramática do Português* (Raposo et alii, 2013), *Gramática da Língua Portuguesa* (Mateus et alii, 2003), *Nova gramática do português brasileiro* (Castilho, 2010), *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Cunha, Cintra, 1998), *Moderna Gramática Portuguesa* (Bechara, 2002); bem como em *corpus* da língua portuguesa para a sustentação dos exemplos. Gostaríamos de ter tido acesso à produção escrita e oral de alunos de PLE, porém, o *corpus* que estava a ser constituído no momento do início da tese não estava em condições para ser consultado<sup>1</sup>.

O esforço descritivo feito neste trabalho resultou numa proposta de agrupamento dos adjuntos temporais em causa, apresentada de forma sintética, em quadros; enquanto a descrição linguística efetuada com mais pormenor se encontra unificada nos documentos sinópticos de consulta fácil que designamos por "fichas". Cada uma delas trata de um conetor, ou de um grupo dos conectores que introduzem expressões de localização temporal adjunta. Acreditamos que a descrição linguística proposta neste trabalho poderá ser útil para os professores de PLE, autores de manuais e alunos de PLE dos níveis avançados, servindo de suporte à elaboração de conteúdos gramaticais próprios. Trata-se de uma proposta em que se podem encontrar algumas pistas para uma descrição da língua do ponto de vista de PLE, ou seja, para uma desejada Gramática de PLE.

O presente trabalho organiza-se em três partes.

No primeiro capítulo, propõe-se uma reflexão sobre o papel da gramática no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, analisam-se alguns manuais e livros de apoio de PLE no que diz respeito à apresentação dos conteúdos gramaticais e fazem-se algumas observações relativamente à natureza da Gramática de PLE.

---

<sup>1</sup>Referimos-nos ao Corpus de Português Língua Estrangeira / Língua Segunda - COPLE2 (MENDES, Amália; ANTUNES, Sandra; ALEXANDRE, Nélia; AVELAR, António; CASTELO, Adelina; DUARTE, Inês; FREITAS, Maria João; GONÇALVES, Anabela; PASCOAL, José; PINTO, Jorge; JANSSEN, Maarten) em construção sob a égide do ICLP da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Os capítulos seguintes centram-se na descrição linguística do tema gramatical escolhido; no Capítulo II discutem-se as opções metodológicas e os conceitos linguísticos pertinentes para a descrição linguística; propõe-se, também, o agrupamento dos localizadores temporais em causa desenvolvido na forma das fichas. O conjunto destas fichas constituem a parte essencial do Capítulo III.

# CAPÍTULO – I

Neste capítulo discute-se o papel da gramática na prática contemporânea do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Observam-se as principais fontes do conhecimento gramatical no âmbito de PLE e faz-se uma breve análise de alguns manuais e livros de apoio relativamente à apresentação dos conteúdos gramaticais. A análise referida revelará a necessidade de uma abordagem mais sistemática, explícita e detalhada da língua que podia satisfazer as necessidades dos aprendentes e ensinantes de PLE.

## ***1.1. O lugar da gramática no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras***

A gramática é considerada uma parte inalienável do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras; porém, ao longo da sua história, o lugar ocupado pela gramática neste processo variou, dependendo do método predominante. Este percurso histórico da gramática representa uma mudança radical dos papéis respetivos de ator principal (por exemplo, no *método de gramática-tradução* ou *áudio-visual*) e de ator secundário (na *perspetiva naturalista* da abordagem comunicativa<sup>2</sup>).

Uma abordagem *funcional-nocional* ou *comunicativa*, que no início da década de setenta fez uma verdadeira revolução na área de didática de línguas estrangeiras, continua até hoje a ocupar o lugar principal neste domínio. As suas características distintivas – centragem no aprendente (com as suas necessidades de comunicação) e no uso de língua – são razões, entre outras, para que esta metodologia, ou as suas variantes, seja eficaz e frequente na sala de aula.

Nestas circunstâncias, uma competência linguística cederá o seu lugar à competência de comunicação (i.e. as capacidades que permitam ao aprendente “comunicar com êxito usando a língua estrangeira” (Casteleiro et alii (1988: 5)). Respetivamente, a seleção dos meios linguísticos deverá respeitar, em primeiro lugar, os objetivos comunicativos.

No Nível Limiar (ibidem) a relação entre a gramática e os objetivos de comunicação é estabelecida da seguinte forma:

"Trata-se de aprender a *usar* a língua [...] Daí que na planificação e na realização do processo do ensino/aprendizagem sejam *os objetivos comunicativos* que *determinam quais os aspetos gramaticais que o aprendente tem de dominar*. Esta conceção implica também que *a progressão na aprendizagem seja uma progressão na comunicação e não uma progressão no conhecimento da gramática*. A maior ou menor complexidade das formas linguísticas a nível do sistema é irrelevante quando os objetivos a atingir são comunicativos. Por outro lado, só são consideradas as formas de que o aprendente necessita para atingir os seus objetivos de comunicação, não se pretendendo que domine determinadas formas só porque elas fazem parte do sistema da língua" (destaques da nossa responsabilidade).

---

<sup>2</sup>Krashen, 1981.

Podemos resumir que, numa abordagem comunicativa, a gramática, de certo modo, deve perder centralidade na organização dos conteúdos pragmáticos e passa a ser um instrumento auxiliar do aprendente.

No QECR, que sublinha a sua neutralidade relativamente à metodologia do ensino<sup>3</sup>, as competências linguísticas, em combinação com as competências sociolinguísticas e pragmáticas, fazem parte de uma competência comunicativa<sup>4</sup>. O Quadro define as competências linguísticas como “o conhecimento de recursos formais a partir dos quais se podem elaborar e formular mensagens corretas e significativas, bem como a capacidade para os usar” e propõe alguns parâmetros e categorias que podem servir como ferramentas de classificação e “ser úteis para a descrição do conteúdo linguístico e como base de reflexão” (ibidem: 157).

Dentro da competência linguística, o QECR distingue ainda entre competências ortoépica, ortográfica, fonológica, lexical, semântica e gramatical. Optamos por citar uma observação que trata da última:

*“Formalmente, a gramática de uma língua pode ser entendida como o conjunto de princípios que regem a combinação de elementos em sequências significativas marcadas e definidas (as frases). A competência gramatical é a capacidade para compreender e expressar significado, através da produção e do reconhecimento de frases e expressões bem construídas segundo estes princípios (ao contrário da sua memorização e reprodução). Neste sentido, a gramática de qualquer língua é muitíssimo complexa e, até agora, tem sido muito difícil o seu tratamento definitivo e exaustivo” (ibidem: 161);*

e mais adiante:

*“A sintaxe da língua utilizada por um falante nativo adulto é extremamente complexa e largamente inconsciente. A capacidade de construir frases para produzir significado constitui um aspeto central da competência comunicativa” (ibidem: 164).*

Assume-se, deste modo, uma visão da língua como um sistema altamente complexo cuja descrição pormenorizada é essencial para o desenvolvimento da competência comunicativa.

Mais uma questão problemática que se levanta nesta obra é a “dupla articulação” da linguagem, i.e. o facto de que as línguas se baseiam ao mesmo tempo numa organização de forma e noutra de significado. Daí, a existência de duas possibilidades da progressão linguística: do significado para a forma e da forma para o significado. Mas independentemente do método, “o aprendente da língua terá sempre que adquirir tanto as formas como os significados”, concluem os autores do QECR (ibidem: 166).

## ***1.2. Fontes do conhecimento gramatical na área de PLE***

Nesta secção pretendemos explorar várias situações no ensino-aprendizagem em que pode surgir uma necessidade de recorrer à descrição gramatical de língua. Discutem-se, também, os

---

<sup>3</sup>“[...] o objetivo do Quadro não é prescrever nem mesmo recomendar determinado método, mas apresentar opções, convidando o utilizador a refletir sobre a sua prática atual, levá-lo conseqüentemente a tomar decisões e a descrever exatamente aquilo que faz” (QECR, 2001: 15).

<sup>4</sup>Veja-se o Capítulo V do QECR (2001: 147-184).

fatores que determinam uma atitude dos aprendentes perante gramática e as fontes de informação gramatical que eles têm ao seu dispor.

A aquisição dos conhecimentos gramaticais é fundamental em todas as fases da aprendizagem de LE, especialmente, na primeira fase<sup>5</sup> que inclui a apresentação dos conteúdos novos e atividades ligadas principalmente à interiorização destes. Muitas vezes o modelo da língua pode ser completamente diferente do da LM do aluno (caso das línguas orientais *vs.* línguas europeias); neste caso, uma descrição gramatical reflete, de certo modo, uma imagem diferente do mundo.

Em todos os níveis de proficiência, a gramática serve como um recurso ou instrumento de apoio em caso de dúvida. As situações em que as dúvidas surgem são muito diversificadas, desde os casos em que o aprendente enfrenta dificuldades na percepção de uma ou outra estrutura gramatical no discurso do interlocutor, até ao trabalho de tradutor que, para exprimir um certo sentido, procura uma realização linguística mais adequada. Em qualquer dos casos, o aprendente de LE opera com os significados expressos por meios linguísticos tendo como objetivo o desempenho de uma certa tarefa na comunicação.

A atitude dos aprendentes em relação à aprendizagem em geral e à aprendizagem dos conteúdos gramaticais em particular depende de vários fatores que têm a ver, principalmente, com as competências gerais do indivíduo: o conhecimento declarativo, a competência de realização, a competência existencial e a competência de aprendizagem, indicadas no QECR (2001: 31-35). Outros aspetos determinantes na formação da competência linguística do aprendente são 1) a estrutura da LM (fatores de interferência, interlíngua) e a sua competência plurilingue; 2) os hábitos e as estratégias de aprendizagem baseados na experiência anterior; 3) os objetivos da aprendizagem; 4) o contexto da aprendizagem: imersão linguística ou contexto exolingue.

A atitude dos ensinantes relativamente à gramática também pode ser diferente e depende, principalmente, da percepção que estes têm dos objetivos dos seus alunos, definindo, em conformidade com estes, os seus objetivos e o método a usar para aquele grupo, de uma realidade temporal discreta. O professor, tipicamente, tem a liberdade de escolha entre várias formas da apresentação dos conteúdos gramaticais: prescritiva, descritiva ou construída pelo aprendente no processo de aprendizagem, com ajuda dos conhecimentos linguísticos já possuídos (em caso do público adulto).

A escolha de um manual por parte do professor, também, tem um papel significativo. Cada manual segue os seus próprios objetivos no ensino-aprendizagem (definidos pelos autores), tem a sua apresentação específica dos conteúdos gramaticais (mais explícita ou implícita) e a sua maneira de desenvolver as competências estruturais do aluno. O ensinante pode escolher entre um conjunto de materiais pedagógico-didáticos e a combinação dos diferentes materiais letivos; ou seja, entre manuais fechados e manuais abertos:

---

<sup>5</sup>Veja-se uma proposta de várias fases de aprendizagem, por exemplo, em Boyer et alii (1990: 169-171) que distingue entre “fase de acesso ao sentido”, “reformulação criativa”, “conceptualização” e “avaliação”.

*"manuais fechados - que contêm em si mesmos todos os elementos necessários à aprendizagem. São manuais que não incentivam o recurso a outras vias de aprendizagem e que promovem uma aprendizagem de tipo reprodutivo, desenvolvendo capacidades relativamente passivas: saber-redizer e saber-refazer;*

*manuais abertos - que promovem a interação, que incentivam o saber-fazer, a pesquisa, a integração das aquisições e dos saberes. O aprendente deve ser capaz, não apenas de repetir os saberes transmitidos pelo manual, mas também de exercer um saber-fazer cognitivo sobre esses mesmos saberes" (Ribeiro, 2006: 42).*

Obviamente, um manual aberto deixa mais espaço para a criatividade, a comunicação e a inovação, por outro lado, oferece menos segurança e exige mais conhecimentos e experiência por parte do ensinante. Na sua busca da informação gramatical, o professor pode precisar de recorrer a outras fontes além dos manuais, como, por exemplo, gramáticas de LM e prontuários; a seguir, faz-se uma adaptação destes materiais gramaticais aos objetivos do ensino-aprendizagem de LE e ao público-alvo.

No que diz respeito aos aprendentes de LE, na maioria dos casos, é o manual de LE que representa a fonte principal dos conhecimentos gramaticais. À parte dos manuais, existe também uma literatura de apoio gramatical na área de LE e não só: gramáticas aplicadas ao ensino-aprendizagem de LE, dicionários, gramáticas de língua materna, prontuários, gramáticas escolares, guias gramaticais e sites de consulta linguística, entre outros.

É frequente uma situação em que, por exemplo, o aprendente de PLE (adulto, em contexto de imersão linguística, nível B2) ao querer esclarecer uma dúvida sobre a forma verbal correta na frase "Vende-se / vendem-se livros" para escrever um anúncio (domínio público) não tendo ao seu dispor o manual de PLE, pode consultar as outras fontes acima referidas.

Apresentamos no Quadro 1 (em Anexo) a informação linguística fornecida por várias fontes (gramática de PLM, gramática escolar de PLM, guia gramatical de PLM, gramática de PLE, site de consulta linguística) que tratam do tema gramatical no contexto de qual surgiu a dúvida.

Como se verifica, de entre as fontes de informação linguística analisadas, o aprendente de PLE optaria muito provavelmente pela gramática de PLE, onde, de forma simples, se encontra a informação necessária. O conteúdo gramatical é explicado laconicamente e sem excesso de terminologia complexa. O fenómeno linguístico é apresentado como o modelo que é facilmente assimilado e depois reproduzido na comunicação. Além disso, esta gramática é preparada para ser usada no ensino-aprendizagem de PLE, tendo em conta o respetivo público-alvo.

A descrição teórica ou sistémico-estrutural da língua (nas gramáticas de PLM e gramática escolar de PLM), por sua vez, concentra-se na revelação das ligações sistémicas entre as unidades linguísticas e num agrupamento destas (classes, subclasses, tipos, etc.), enquanto o funcionamento destas unidades fica em segundo plano. Em consequência, propõe-se uma terminologia elaborada, que pouco consegue ajudar na explicação do uso. É de notar, porém, que algumas gramáticas de PLM tendo em conta a complexidade da língua e o processo da sua constante mudança observam, a par das formas consideradas "corretas", outras variantes linguísticas usadas por falantes nativos.

Os guias gramaticais, por sua vez, tratam das dúvidas e erros comuns no âmbito de PLM, por isso os aprendentes de PLE podem não encontrar lá os conteúdos gramaticais que pretendem esclarecer pelo facto de estes serem óbvios para os falantes nativos.

É de salientar, porém, que os livros tipicamente usados por aprendentes de LE continuam a ser os manuais. Na próxima secção segue-se a análise destes.

### **1.2.1. A apresentação da gramática nos manuais de PLE**

Nesta secção discutem-se as características gerais e "organização interna" dos manuais de PLE e introduzem-se os parâmetros da escolha e perfis dos manuais do *corpus* que serão analisados adiante.

O manual de língua estrangeira tem um papel essencial em todo o processo de aprendizagem e desenvolvimento da competência linguística. Para os aprendentes de nível inicial, o manual representa o primeiro encontro com uma língua nova e ainda desconhecida. Para os aprendentes de outros níveis, é o meio de rever e aprofundar os seus conhecimentos da língua estrangeira.

Cada manual pode ser caracterizado conforme vários parâmetros: 1) o público a que o manual se destina; 2) os objetivos; 3) o nível de proficiência linguística; 4) a metodologia de base; 5) os conteúdos e duração da aprendizagem, entre outros.

Além disso, o manual pode ser escrito na língua nativa dos aprendentes (manuais bilingues) ou na língua estrangeira em causa, pode ter ou não ilustrações, fotografias, desenhos e outros meios visuais acompanhando o material letivo. A caracterização do manual segundo estes aspetos pode, normalmente, ser encontrada nas notas introdutórias do mesmo<sup>6</sup>.

Por outro lado, a "organização interna" (Ribeiro, 2006) do manual dá-nos uma ideia sobre o número de unidades ou lições e a forma como cada uma está estruturada.

Em López (2004: 725-733) encontramos algumas propostas para a análise de manuais ou de materiais didáticos de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, do ponto de vista da sua organização. Assim, consideram-se 1) os conteúdos comunicativos, incluindo os temas de comunicação, as situações linguísticas relacionadas com esses temas e as funções linguísticas necessárias para que essas situações se desenvolvam; o texto encontra-se no centro de qualquer ato de comunicação linguística; 2) os conteúdos linguísticos que refletem a forma como a gramática é apresentada, o papel que os aspetos gramaticais têm dentro do processo de ensino-aprendizagem e a contextualização das explicações e das atividades gramaticais; 3) conteúdos culturais e interculturais; 4) conceção e organização gráfica; 5) características materiais.

Acrescentemos, também, o papel importante dos conteúdos pragmáticos e discursivos, bem como o equilíbrio e a sequência em que os elementos referidos devem ser organizados.

---

<sup>6</sup>É cada vez mais frequente que um manual venha acompanhado de outros materiais que têm o objetivo de desenvolver determinadas competências: caderno de exercícios, CD-áudio, livro do professor e, por vezes, fichas de avaliação para cobrir todas as funções atribuídas a um manual.

Todos estes aspetos dependem dos objetivos e da metodologia dos autores, no entanto, o desenvolvimento das atividades linguísticas (compreensão e produção, oral e escrita) é essencial para a maioria dos manuais contemporâneos.

No presente trabalho optamos por nos concentrarmos exclusivamente na representação dos conteúdos linguísticos / gramaticais nos manuais de PLE, ou seja, analisar as atividades que têm "foco na língua".

Para a nossa análise escolhemos quatro manuais que correspondem aos seguintes critérios: 1) têm carácter generalista, sem consideração de necessidades específicas dos aprendentes; 2) apresentam o nível posterior ao nível elementar; 3) são dirigidos a um público adulto heterogéneo<sup>7</sup>; 4) são publicados em português e em Portugal nas décadas de 1990 e 2000, nomeadamente:

- "Português Mais : para os níveis avançados de português língua estrangeira" (1997);
- "Lusofonia : curso avançado de português língua estrangeira" (2006);
- "Português XXI: livro do aluno 3: nível B1" (2005);
- "Aprender Português 3 Curso Intermédio de Língua Portuguesa Para Estrangeiros - Nível B2" (2007)<sup>8</sup>.

Fazemos agora uma breve revisão dos manuais referidos centrando na sua organização e objetivos. Deixa-se para último lugar uma análise dos aspetos gramaticais neles apresentados.

#### **Português Mais:** Para os Níveis Avançados de Português Língua Estrangeira (doravante, PM)

Este material letivo consiste num volume que resultou das aulas de Português Língua Estrangeira ministradas ao longo de dois anos letivos a alunos do nível V do CDL - Centro de Difusão de Línguas. No preâmbulo, os autores explicam os objetivos do manual:

"Preside à conceção de "Português Mais" uma intenção simultaneamente intercultural e comunicativa [...] convicção de que, para aprender eficazmente uma língua é necessário considerar os referentes extralinguísticos que a modulam. É igualmente propósito de "Português Mais" apresentar-se aos aprendentes avançados de Português língua estrangeira como meio útil, fácil e atraente de saber mais Português e conhecer melhor a realidade portuguesa".

O livro é dividido em unidades temáticas interativas, cada uma delas contém três textos. Os autores oferecem aos alunos cinco rubricas para exploração dos textos apresentados nas unidades temáticas: "Para Compreender o Vocabulário", "Para Compreender a Cultura", "Para Compreender o Texto", "Para Compreender a Língua", "Para Comunicar".

A terceira e quarta rubricas "servem de orientação, respetivamente, para a descodificação dos textos e para a abordagem de conteúdos gramaticais neles inseridos [...]" Estes últimos são explicados nos quadros coloridos que normalmente ocupam uma página dentro de cada unidade.

#### **Lusofonia** (doravante, L)

---

<sup>7</sup>No entanto, quando falamos, em especial, de manuais de PLE, constatamos que, essencialmente por motivos de interesses editoriais, a sua grande maioria são manuais generalistas, ou seja, que não se dirigem a um público-alvo específico, mas a um público heterogéneo, tanto no que diz respeito ao nível etário, como ao nível cultural e linguístico" (Ribeiro, 2006: 38).

<sup>8</sup>Quando começámos o estudo tivemos acesso aos manuais referidos. Entretanto foram publicadas edições mais recentes, como *Português XXI: livro do aluno 3: nível B1* / Ana Tavares; dir. Renato Borges de Sousa; colab. Ana Dias et alii. Lisboa. Lidel, 2013; e *Português XXI: caderno de exercícios 3: nível B1* / Ana Dias, Ana Tavares; dir. Renato Borges de Sousa. Lisboa. Lidel, 2013. Também: *Aprender Português 3: Português Para Estrangeiros: Nível B2 (QEER)* / Carla Oliveira, Luísa Coelho, Direcção e coordenação: Prof. Doutor João Malaca Casteleiro. 4ª ed. Lisboa: Texto, 2013; e *Aprender Português 3: Caderno de exercícios: Nível B2 (QEER): Português Para Estrangeiros* / Carla Oliveira, Luísa Coelho. 3ª ed. Lisboa: Texto, 2013.

Este curso avançado (como também o curso básico) inclui Livro do Aluno, Caderno de Exercícios, Livro do Professor e cassete.

O Livro do Aluno é constituído por 4 Conjuntos de 5 Blocos, em que cada Bloco (excetuando o último de cada conjunto que se apresenta como unidade de revisão) está organizado em 5 momentos diferentes, aglutinados sob um tema comum.

A característica marcante do manual é a escolha exclusiva de textos autênticos o que corresponde ao objetivo principal dos autores - apresentar situações de comunicação próximas da realidade, sem submissão, nem dependência rígida de estruturas gramaticais.

As explicações gramaticais estão concentradas nos quadros e no apêndice gramatical, enquanto os exercícios de compreensão e de aplicação de estruturas gramaticais e de léxico se encontram exclusivamente no Caderno de Exercícios. A informação gramatical apresenta várias formas que permitem exprimir o mesmo tipo de relação (temporal, comparativa, lógica, etc.) e fica exemplificada essencialmente com frases dos textos iniciais do bloco. Em alguns aspetos, este manual apresenta a primeira tentativa de atribuir um carácter comunicativo ao tratamento da gramática em manuais de PLE.

Algumas notas sobre a organização do trabalho com o conteúdo gramatical podem ser encontradas no Livro do Professor:

“Gramática constitui um espaço onde estão arrumadas informações úteis sobre o funcionamento geral da língua que, de alguma forma, se encontram presentes nos textos previamente apresentados. Os exemplos que ilustram as explicações são retirados desses mesmos textos.

Neste local são incluídos alguns quadros que pretendem ilustrar sequências implícitas na língua. Tais quadros são uma tentativa de ajudar os aprendentes no seu esforço de sistematização gramatical; podem auxiliar a compreensão do funcionamento sintático e não aparecem habitualmente nas gramáticas de língua materna. Uma atividade possível para trabalhar os aspetos gramaticais de cada Bloco é solicitar aos alunos que retirem outros exemplos dos textos, ou construam eles próprios frases e textos onde as estruturas alvo possam aparecer” (5).

O manual é destinado ao público adulto heterogéneo e pretende contribuir para aquisição da competência linguística e comunicativa oral e escrita.

### **Português XXI (doravante, PXXI)**

Segundo a nota dos autores, este manual "destina-se a alunos que pretendem aprofundar os seus conhecimentos na língua portuguesa" e "tem uma grande preocupação pelo desenvolvimento da compreensão e da expressão oral do aluno". Os materiais letivos incluem o Livro do Aluno, o Caderno de Exercícios e o Livro do Professor.

A nível gramatical, o manual trabalha principalmente com os tempos essenciais do Conjuntivo. Cada Unidade tem um Apêndice Gramatical, no qual o aluno pode encontrar uma síntese e explicação das estruturas gramaticais apresentadas. De 3 em 3 Unidades surge uma Unidade de Revisão.

No Livro do Professor os autores acentuam o seu objetivo em relação ao desenvolvimento da competência linguística:

"O objetivo é que o aluno se habitue a pensar sobre a língua que está a aprender, tentando compreender as formas gramaticais que lhe estão subjacentes mas fazendo-o de uma forma ativa. Embora no livro do aluno não encontrem muitos exercícios estruturais, o caderno de exercícios vem ao encontro dessas necessidades, proporcionando um maior trabalho a esse nível" (3).

### **Aprender Português 3 (doravante, AP3)**

No Prefácio, os autores definem o seu manual como o conjunto de materiais pedagógico-didáticos "destinado a adolescentes e adultos aprendentes de português como língua segunda e língua estrangeira, que, tendo concluído o nível elementar, desejam ampliar e aprofundar os seus conhecimentos da língua a um nível mais adiantado”.

O conjunto didático é constituído por um manual, um caderno de exercícios e um CD Áudio. O manual apresenta uma referência direta ao QEQR sublinhando o seu carácter comunicativo e definindo o nível de proficiência correspondente ao material letivo. Segundo os autores, "estes mesmos materiais permitem também a aquisição dos conhecimentos necessários para a obtenção do DIPLE [...], correspondente ao Nível 3 do CAPLE”.

Sobre os conteúdos gramaticais lemos que "são expostos com rigor, concisão e clareza, de modo a facilitar a consolidação da aprendizagem”.

Numa secção introdutória "Competências a adquirir", são enumeradas e explicadas as competências principais que os utilizadores da língua deverão ter no final do nível: leitura, expressão escrita, competência estrutural, compreensão do oral, expressão oral. Em relação ao desenvolvimento da

competência estrutural, "os utilizadores da língua devem mostrar que são capazes de reagir adequadamente a itens que testam: o uso de artigos, preposições, verbos, conjunções, pronomes, construções com *é que*", etc. (são nomeados os temas gramaticais abordados neste nível).

O manual é composto por 12 unidades. Em cada deles o aprendente poderá trabalhar as quatro competências da língua portuguesa anteriormente referidas. Ao longo das unidades surgem dois grandes testes de revisão. Todas as unidades começam por um texto seguido por exercícios (responder as perguntas, trabalho com o vocabulário, etc). O texto normalmente já contém alguns exemplos das estruturas gramaticais que vão ser explicadas no conteúdo gramatical. Estes fragmentos aparecem em negrito.

As estruturas são apresentadas e explicadas em quadros gramaticais (que usam os vários meios gráficos: sinais para chamar atenção, tabelas coloridas), seguidos por exemplos e exercícios de tipo estrutural para a sua aplicação.

Os exercícios propostos pelo caderno de exercícios incidem essencialmente na aplicação das estruturas gramaticais.

Este manual, o mais recente de todos os analisados, já apresenta uma nova tendência na didática de PLE onde a gramática ganha mais peso na sala de aula, como confirma o grande número de exercícios estruturais quer no Livro do aluno, quer no Caderno de Exercícios.

Como resultado desta breve análise da organização dos manuais e dos seus objetivos (definidos por autores) verificaram-se as seguintes características:

1) os manuais apresentam conjuntos diferenciados de materiais letivos, como ilustra o Quadro 2;

	PM	L	PXXI	AP3
Livro do Aluno	X	X	X	X
Caderno de Exercícios		X	X	X
Livro do Professor		X	X	
CD/Cassete		X	X	X

**Quadro 2. Materiais letivos dos manuais do corpus**

2) um dos manuais aponta a sua referência ao QECR e ao Nível Limiar acentuando o seu carácter de preparação para o DIPLE (AP3);

3) em relação aos objetivos, alguns manuais dão maior importância ao desenvolvimento da competência cultural mostrando a realidade portuguesa nos textos autênticos (PM, L, PXXI), outros da compreensão e da expressão oral do aluno (PXXI) e outros ainda das competências estruturais (L, AP3);

4) alguns manuais analisados revelam a preocupação de levar o aluno a descobrir, por si, as regras de funcionamento da língua através da reflexão e elaboração de hipóteses o que exige uma maior participação do aprendente no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da sua competência gramatical (especialmente os manuais PM, L, PXXI);

5) todos os manuais dizem respeito à abordagem comunicativa, já que pretendem desenvolver as capacidades comunicativas (ouvir, ler, falar, escrever), explicam o mecanismo de funcionamento da língua partindo dos textos e apresentam a gramática

em função das intenções comunicativas.

No que diz respeito à apresentação dos conteúdos gramaticais nos manuais escolhidos, podemos definir os seguintes critérios de análise: 1) a sequência em que os conteúdos e os textos são apresentados; 2) as características da metalinguagem do manual; 3) o papel do aprendente no processo da aquisição dos conhecimentos gramaticais.

Os resultados desta análise são ilustrados no Quadro 3 (em Anexo).

Podemos concluir, que todos os manuais referidos dão preferência à sequência de apresentação dos conteúdos partindo do texto, o que anuncia uma correspondência à apresentação típica da abordagem comunicativa.

Outra característica da perspectiva comunicativa que aparece nos manuais, baseia-se na suposição de que as estruturas linguísticas não precisam de ser aprendidas explicitamente podendo ser deduzidas pelos aprendentes. Os manuais PM, PXXI (e parcialmente, L) revelam a preocupação de levar o aluno a descobrir por si as regras de funcionamento da língua, através da reflexão e elaboração de hipóteses, o que exige uma maior participação do aprendente no processo de aprendizagem.

No entanto, nem sempre as competências linguísticas do aprendente lhe dão tanta independência nesta área. Os aprendentes podem precisar de recorrer à gramática explícita em caso de dúvida, especialmente na produção escrita, usando-a como material de apoio.

Nem todos os professores optarão por complementar o manual escolhido com outros materiais letivos no âmbito gramatical, podendo assim pôr em causa o desenvolvimento dos conhecimentos estruturais dos alunos.

O manual AP3 apresenta, neste aspeto, um equilíbrio entre os conteúdos. A gramática tem no manual um papel importante, tendo um tratamento bastante explícito e tomando em conta os fatores linguísticos que podem causar dificuldades no público aprendente (prevenção de erros).

Como vimos, os manuais de PLE nem sempre (e, admitimos, não é o seu objetivo) conseguem colocar à disposição dos aprendentes o material gramatical completo. Por este motivo, poderá existir, por parte de aprendentes de PLE, a necessidade de recorrer a outras fontes de informação linguística. Como já foi referido acima, esta necessidade pode surgir em caso de dúvida em relação ao uso no ato de produção oral ou escrita; na interpretação semântica do texto; num exercício de escolha múltipla; ou numa atividade de mediação (interpretação ou tradução), entre outros.

Neste contexto, consideramos relevante fazer uma breve caracterização de livros de apoio de PLE.

## **1.2.2. A apresentação da gramática em livros de apoio de PLE**

Encontrar livros de apoio gramatical dirigidos aos aprendentes de PLE revelou-se uma tarefa bastante difícil visto o seu número ser restrito. No ensino-aprendizagem de PLE a prioridade é dada aos manuais que já contêm os conteúdos gramaticais considerados suficientes para determinado nível de proficiência.

O facto é que o ensino de LE como disciplina tem a característica do "infinito" ou seja não existem limites na assimilação da língua. Por isso o volume do material linguístico na prática precisa de ser limitado e bem organizado.

Para o nosso *corpus* escolhemos três livros que têm a função da referida gramática de PLE:

- "Gramática Ativa 1" (2012);

- "Gramática Ativa 2" (2012);

- "Gramática Aplicada Português Língua Estrangeira Níveis Intermédio e Avançado B2 e C1" (2007).

Os livros escolhidos correspondem aos seguintes **critérios**: 1) destinam-se ao ensino-aprendizagem de PLE; 2) o público-alvo são *aprendentes* de PLE; 3) cada livro apresenta uma referência aos níveis da proficiência do QECR; 4) contêm explicações gramaticais de PLE ajudando o utilizador não só a formar frases corretas como a usá-las adequadamente em contextos situacionais "reais"; 5) não são livros de curso, mas antes materiais suplementares, para revisão e consolidação de estruturas; 6) não deverão ser trabalhados do princípio ao fim; 7) cada unidade pode ser selecionada e trabalhada de acordo com as dificuldades do utilizador; 8) permitem um trabalho individualizado em casa, na sala de aula, ou autónomo; 9) têm carácter generalista, sem consideração de necessidades específicas dos aprendentes; 10) estão publicados em português e em Portugal nos últimos 10 anos.

### **Gramática Ativa 1-2.**

Este material letivo consiste em dois volumes que se destinam ao ensino-aprendizagem de PLE e PL2 e contemplam as principais estruturas dos níveis elementar e pré-intermédio - A1, A2 e B1 (Gramática Ativa 1) e dos níveis intermédio e avançado - B1, B2 e C1 (Gramática Ativa 2).

Cada volume divide-se em unidades (54 e 43 respetivamente). As unidades são maioritariamente constituídas por duas páginas, contendo explicações gramaticais e respetiva exemplificação à esquerda, página par, e exercícios de aplicação correspondentes à direita, página ímpar (algumas unidades, porém, abrangem quatro páginas).

No fim de cada volume encontram-se apêndices e a chave dos exercícios.

### **Gramática Aplicada Português Língua Estrangeira Níveis Intermédio e Avançado B2, C1.**

Serve de apoio ao conjunto dos materiais letivos *Aprender Português 3 - Nível B2* (2007). Como explicam os autores na Introdução, "esta gramática aplicada destina-se aos aprendentes de Português que querem conhecer melhor as regras gramaticais da língua e que, ao mesmo tempo, necessitam de as praticar".

Quanto à organização, o livro está dividido em 39 unidades.

Cada unidade trata de um ou vários temas gramaticais que são apresentados na primeira parte da unidade.

A segunda parte da unidade contém os exercícios estruturais relacionados com o que se aprendeu na unidade dada e nas anteriores.

O livro também inclui exercícios de revisão adicionais, um conjunto de tabelas da conjugação verbal e soluções para todos os exercícios. A gramática de forma concentrada junta os conteúdos gramaticais do respetivo manual para ajudar os aprendentes no seu esforço de sistematização.

No geral, os livros analisados, apesar de terem a palavra "gramática" no seu título, revelam uma certa semelhança com os manuais de PLE em vários aspetos, nomeadamente:

- escolha dos temas gramaticais e sequência destes nas unidades correspondem ao princípio dos manuais de PLE (das estruturas mais simples e mais frequentes na comunicação → para as estruturas mais complexas e raras);

- organização dos conteúdos gramaticais de modo mais prático para o aprendente (por exemplo, combinação numa unidade de vários temas gramaticais ("*Indicativo e Conjuntivo* com verbos de opinião e expressões de certeza e evidência" - Gramática Ativa 2) para tornar óbvia a diferença entre os usos;

- uma parte importante das unidades consiste na aplicação dos conteúdos gramaticais (exercícios estruturais);

- ilustrações, quadros gramaticais coloridos, explicações rigorosas, lacónicas e claras;

- os conteúdos gramaticais são apresentados como estruturas / construções / modelos.

Os livros não pretendem dar a descrição linguística exaustiva e detalhada, ao contrário, esta revela-se bastante seletiva e adaptada a determinado nível de proficiência.

Em relação ao tema que pretendemos abordar no presente trabalho – **localização temporal adjunta não oracional**, as gramáticas referidas fornecem a seguinte informação.

### **Gramática Ativa**

No primeiro livro da Gramática Ativa (Nível A1, A2, B1) encontramos duas unidades dedicadas à localização temporal adjunta: uma trata de várias preposições de tempo escolhendo apenas as preposições simples de uso mais frequente (*a, de, em, para, por*); outra fornece alguma informação sobre o uso dos conetores *desde* e *há*.

Em relação às outras expressões de localização temporal adjunta, podemos concluir que estas são poucas e marcam a sua presença na Gramática apenas no contexto de exemplos e exercícios de aplicação. Não conseguimos detetar na Gramática Ativa 1 nenhuma ocorrência para o estudo das construções adjuntas como *daqui a/ dentro de/ de hoje a x tempo* (que são incluídas no Nível Limiar para descrever uma noção geral duma situação no tempo (Casteleiro et alii (1988: 350). As últimas podiam ser inseridas, por exemplo, na unidade relativa ao futuro próximo (unidade 23).

O segundo livro da Gramática Ativa (Nível B1+, B2, C1) não apresenta nenhuma unidade que trate dos adjuntos de localização temporal ou dos conetores que os introduzem, tirando os casos das orações subordinadas do tempo. Algumas ocorrências das expressões temporais com *há, dentro de, daqui a, durante, até a, depois de, desde* e *a partir de* surgem esporadicamente no corpo de

exercícios sem sistematização ou descrição de uso destas.

### **Gramática Aplicada**

Visto que cada unidade desta gramática é organizada exclusivamente à volta dos tempos verbais, não se encontra qualquer informação explícita sobre a localização temporal adjunta, embora alguns exemplos da utilização destes elementos no contexto estejam presentes na gramática, surgindo ocasionalmente e de forma dispersa no manual.

Se procuramos as expressões temporais em questão, encontraremos os seguintes exemplos: *esta manhã/ noite/ semana/ nesse mês; no próximo fim-de-semana, na próxima semana/ sexta-feira; no ano passado, na semana passada, no Verão passado, etc.*; também as ocorrências com a preposição *até*: (ter muitos dias) *até ao teste*, (terminar tudo) *até ao meio-dia de amanhã*, (concluir tudo) *até ontem ao fim do dia*, (estudar tudo) *até amanhã*, (chegar) *até às dez da manhã*; com a preposição *durante*: (ir de férias) *durante o mês de Julho*, (talvez ela tenha ficado doente) *durante o fim-de-semana*, (eu adormeci) *durante a sessão de cinema*, (ficando em Lisboa, decidi passear) *durante a manhã*; com a locução prepositiva *antes de*: (só vai ao passeio quem pagar) *antes de sábado*, (tenta chegar) *antes do dia 15*; com a locução prepositiva *depois de*: (é provável que só chegue) *depois das cinco*, (espero que a faças logo e não) *dois dias depois*; com *há*: (eles já não lá foram) *há muito tempo*; com *desde*: (A Maria não atende o telefone) *desde ontem*; com locuções adverbiais *logo, em breve, nos últimos tempos, hoje em dia, um dia*: (escreverei o texto) *logo*, (ele vai escrever o romance) *em breve*, (tenho de partir) *já*, e pouco mais.

Poderíamos concluir, pois, que a gramática em referência não se ocupa em estabelecer qualquer sistematização ou agrupamento de adjuntos adverbiais não oracionais, provavelmente considerando as regras da utilização deles facilmente deriváveis dos contextos (em pequenos textos e exemplos).

Como já mencionámos acima, um manual de PLE ou um livro de apoio, numa abordagem comunicativa, não é, de modo nenhum, destinado a ser um prontuário gramatical, nem uma gramática descritiva dado que tem restrições quanto ao nível de proficiência a que pretende corresponder, quanto à sua organização interna e quanto aos objetivos didáticos e comunicativos que pretende atingir. Estas restrições exigem uma rigidez na seleção e na ordem de apresentação dos conteúdos gramaticais.

Caso o aprendente de PLE (por exemplo, do nível B1) queira compreender a diferença de uso entre os conetores *desde* e *a partir de*, ou *daqui a* e *dentro de*, poderá ter dificuldade em encontrar a explicação necessária tanto no manual de PLE como na gramática aplicada ao ensino-aprendizagem de PLE ou no dicionário. Isto pode ser explicado pelo facto de os conteúdos gramaticais referidos não satisfazerem, na opinião de autores, o respetivo nível de proficiência, não estarem devidamente sistematizados ou se encontrarem com dificuldade dentro do manual. Não iremos comentar o caso dos dicionários, visto que estes não têm por objetivo a descrição dos usos da língua<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup>Optamos por não incluir neste trabalho uma análise das entradas lexicais dedicadas aos conetores em causa que se encontram nos dicionários. Segundo os dados recolhidos sobre estes em Houaiss (2003) e no dicionário eletrónico priberam.pt, verifica-se pouca preocupação por parte de dicionários em descrição

Percebendo a natureza da maioria dos manuais de PLE e de livros de apoio, que dão importância à intensidade do processo do ensino-aprendizagem e à perspectiva comunicativa, admitimos que haja uma necessidade de outras fontes de conhecimento linguístico para os aprendentes de PLE.

Este facto levanta uma questão relativamente a uma Gramática de PLE que podia satisfazer as necessidades comunicativas dos aprendentes de qualquer nível de proficiência independentemente do manual.

### ***1.3. Caminhos para uma Gramática de PLE***

Nesta secção pretendemos fazer algumas observações relativamente à natureza da gramática que poderá ser usada no ensino-aprendizagem de LE e discutimos as suas características principais.

O fundador da linguística moderna, Ferdinand de Saussure, usava os termos "objeto escondido" e "ponto de vista" em relação ao estudo duma língua natural: "bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto"<sup>10</sup>

Partindo deste ponto de vista em relação à língua, constroem-se as teorias linguísticas e as gramáticas (perceção da língua como "um conjunto de produtos", "um conjunto de processos mentais", "um conjunto de 'usos bons'", etc.)<sup>11</sup>

A prática do ensino-aprendizagem duma língua como língua estrangeira ou língua segunda, dá-nos a oportunidade única de conseguir um **novo "ponto de vista"** que revela os processos linguísticos que os falantes nativos utilizam naturalmente sem dar conta das suas estruturas interiores. Esta abordagem tenta *exteriorizar* a língua, torná-la um objeto mais explícito.

A investigação linguística na área do ensino-aprendizagem de LE poderá ajudar a aperfeiçoar e enriquecer as gramáticas descritivas estudando "os aspetos relevantes da enunciação, as descrições textuais pertinentes, a semântica dos atos de fala, a informação pragmática necessária" (Casteleiro, 1991: 115). A particularidade da gramática de LE consiste no facto de ela não só dar a descrição da língua, mas também iluminar os fatores linguísticos que apresentam dificuldades para os falantes não nativos, analisar os erros mais frequentes e procurar os meios para os evitar. Neste aspeto a gramática de LE tem certas semelhanças com a gramática pedagógica.

A nossa perceção da gramática de LE, neste trabalho, é bastante lata e apresenta as seguintes características: 1) é dirigida quer aos aprendentes quer aos ensinantes de LE; 2) combina os aspetos linguísticos e pedagógicos da gramática; 3) adapta uma descrição linguística aos objetivos do ensino-aprendizagem de LE.

Apresentamos algumas considerações relativamente à gramática de LE em geral (doravante, GLE).

---

das particularidades semânticas e sintáticas. A definição dos conectores é realizada por meios da sinonímia, fornecendo pouca informação sobre o uso destes.

<sup>10</sup>Saussure, F. de. *Curso de linguística geral*. Trad. A.Chelini, J.P. Paes e Izidoro Blickstein. São Paulo: Cultrix, 1917/1972: 15.

<sup>11</sup>Veja-se Castilho (2010: 41-94).

- 1) A GLE tem como objetivo apoiar o ensino da língua aos aprendentes para quem esta língua não é materna.
- 2) A GLE diz respeito às gramáticas normativas e descritivas da língua materna, usa os seus resultados e descobertas, aplica novas ideias teóricas nos seus estudos e na prática do ensino, estabelecendo uma ligação flexível, seletiva e mútua.
- 3) A GLE procura os meios para facilitar o domínio da língua pelos aprendentes estrangeiros, mostrar o funcionamento da língua e dos seus elementos no processo de fala, descrever usos da língua e dar o material necessário, apresentado de forma a desenvolver as competências comunicativas. Assim sendo, a GLE é um instrumento e documento de ensino pelo que tem uma forte ligação à prática deste.
- 4) Enquanto a gramática da língua materna pode tratar das questões com valor exclusivamente teórico (discussões sobre o estatuto desta ou de outra categoria gramatical, etc), a GLE estuda, normalmente, os factos linguísticos que as outras gramáticas não incluem ou mantêm na periferia do seu interesse.
- 5) A GLE oferece uma abordagem plural da apresentação da língua: como o meio de transmissão da informação, de comunicação, de expressão de emoções; a língua com a sua função estética, a língua como reflexo da mentalidade nacional, etc.
- 6) A GLE propõe, também, uma descrição da língua a nível do texto.
- 7) A GLE usa a eficácia das categorias cognitivas universais (de pessoa, coisa, espaço, tempo, movimento, quantidade, etc.) na apresentação do material linguístico, e concentra-se na explicação dos traços específicos para a dada língua (por exemplo, em português: a diferença entre os advérbios de lugar *aquí, aí, ali* e os pronomes demonstrativos *este, esse, aquele*, etc.)
- 8) A GLE permite uma apresentação concêntrica do material linguístico: a mesma unidade da língua pode ser observada várias vezes, quando é tratada nos diferentes contextos (por exemplo, a preposição *por* encontra-se nos temas: expressão do tempo, do espaço, causa, etc.).
- 9) A estrutura da GLE corresponde à combinação do princípio estrutural-semântico com o funcional-comunicativo.

Deste modo, uma GLE distingue-se do conceito tradicional de gramática pelo público-alvo, objetivos, tarefas, estrutura e apresentação do material gramatical<sup>12</sup>. Uma gramática ideal de PLE, tendo em conta os objetivos da comunicação preocupar-se-á com a descrição de usos da língua tratando os aspetos semânticos, pragmáticos e socioculturais. Poderá fornecer aos aprendentes e aos ensinantes uma descrição linguística devidamente sistematizada e profunda, realizada com rigor e precisão, tratando a língua na sua complexidade e dando uma especial atenção às zonas críticas do ponto de vista de PLE.

---

<sup>12</sup>Todos estes aspetos merecem um estudo à parte que trataria do desenvolvimento de uma base metodológica para a elaboração de uma gramática de PLE.

O presente trabalho pretende explorar o tema gramatical que faz parte de uma “zona cinzenta” de PLE e apresentar a sua descrição linguística (do ponto de vista do uso e da relevância para os objetivos de PLE) usando várias fontes de informação gramatical (principalmente, gramáticas do português e estudos da linguística contemporânea).

A descrição proposta pretende, apenas, servir de referência a professores e autores de materiais didáticos de PLE e, eventualmente a alunos que possam a partir desta construir a sua própria gramática do tópico. Trata-se de uma proposta que pode facilmente ser adaptada para vários materiais didáticos (cf. livros de apoio de PLE, gramáticas e prontuários de PLE, entre outros). Um segundo destinatário deste estudo são alunos de PLE com um perfil particular, a partir do nível B1, com conhecimentos linguísticos sólidos, como acontece frequentemente com alguns profissionais como tradutores e intérpretes, professores, linguistas, etc.

Fora dos limites deste estudo fica o óbvio passo seguinte que constaria no desenvolvimento de uma apresentação destes conteúdos gramaticais, organizada de forma mais conveniente e compreensível que, essa sim, poderia ser integrada numa gramática pedagógica destinada ao uso de ensinantes e aprendentes, uma sempre almejada gramática de PLE.

Entretanto, o presente trabalho se limita apenas a uma descrição linguística no âmbito de PLE e visa explorar um dos **caminhos possíveis para uma Gramática de PLE**.

## CAPÍTULO – II

No presente capítulo pretendemos situar e limitar o tópico da dissertação no âmbito das questões sobre os meios da expressão do tempo. Discutem-se as opções metodológicas, o enquadramento teórico e os conceitos linguísticos pertinentes para a descrição linguística em causa.

### **2.1. Localização temporal adjunta introduzida por SPs. Justificação da escolha do tema gramatical**

A expressão do tempo na língua é muito diversificada e envolve vários sistemas gramaticais e processos linguísticos que servem para localizar temporalmente as situações expressas nos enunciados.

Uma observação dos manuais do *corpus* referidos no capítulo anterior revela uma especial atenção dada aos seguintes temas gramaticais ligados à expressão do tempo: 1) os tempos verbais (do indicativo, do conjuntivo e as formas verbais não finitas); 2) os verbos de operação aspetual (*estar a* + infinitivo, *começar a* + infinitivo, etc.); 3) as orações subordinadas adverbiais (temporais).

O que sobressai, analisando os manuais de PLE, é a predominância dos casos onde o SP desempenha a função do complemento do SV (*contar com, opor-se a, apaixonar-se por, acreditar em, etc.*), do SA (*ser solidário com, ser capaz de, ser obrigado a, etc.*) e do SN (*ter vontade de, ter dificuldade em, ter jeito para, etc.*). Entretanto, o grande grupo de adjuntos adverbiais temporais de natureza não oracional introduzidos por SPs é tratado nos manuais (exceto manual *Lusofonia*<sup>13</sup>) como um tema gramatical secundário ou passageiro.

A informação sobre estas expressões temporais nem sempre é suficiente nem devidamente estruturada nos manuais e livros de apoio de PLE, enquanto nas gramáticas de PLM e nos estudos linguísticos, o tratamento destas expressões muitas vezes acaba por ser ou demasiado sucinto ou demasiado especializado, factos que revelam a necessidade de uma abordagem mais explícita e detalhada do tema.

Escolhemos, então, como o objeto do nosso estudo, o conjunto de expressões nominais de tempo introduzidas por conetores da natureza preposicional visto que apresentam uma alta frequência no discurso, constituem, porém, o grupo menos conhecido e mais problemático do ponto de vista da descrição linguística.

### **2.2. Opções metodológicas**

Nesta secção discutem-se alguns aspetos metodológicos e formais que irão conduzir a

---

<sup>13</sup>Assim, encontramos alguma informação sobre os conetores que participam na expressão do Tempo Passado: *desde, durante, entre ...e...; de...a...; de... até...; ao longo de*. A localização temporal é dividida em exata (*em 1915, no dia 3, às 4 horas, mesmo (ás/em)*), aproximada (*por volta de 1883, em vésperas de, em meados de, após=depois, antes de*) e informal (*lá mais para o Verão..., lá para o princípio de..., fim de..., meio de...*). A frequência temporal é apresentada como regular (*aos domingos, duas vezes por mês, de dois em dois anos*) e irregular (*uma vez por outra, de vez em quando, etc.*) (Lusofonia, 2006: 25).

descrição linguística proposta neste estudo.

A perspetiva seguida na elaboração da análise linguística em questão é primariamente descritiva; porém, uma particular atenção aos aspetos relevantes para o ensino-aprendizagem de PLE nunca deixam de estar presentes na análise. A terminologia usada no presente trabalho corresponde à prática da linguística contemporânea, tendo como referência principal a adotada por E. P. Raposo et alii, *Gramática do Português* (2013) (doravante, GP). O carácter uniformizado dos termos técnicos, uma descrição dos fenómenos gramaticais apoiada em resultados de investigações recentes sobre a língua, uma multiplicidade de autores são alguns dos fatores que nos levaram a escolher esta Gramática mais recente da língua portuguesa (PLM) como a fonte principal da informação linguística. Entre outras obras de referência, consideradas neste trabalho, destacamos também Mateus et alii (2003) e Campos e Xavier (1991).

Sublinhamos que a nossa escolha das fontes gramaticais se baseia nos critérios que correspondem ao padrão de uma Gramática Descritiva: o carácter descritivo e não prescritivo, uma elaboração a partir de corpora e um mínimo de formalismo na exposição, bem como uma caracterização cuidadosa e sistemática de um conjunto vasto de fenómenos de uma língua<sup>14</sup>. Todos estes fatores são determinantes, também, para construção de uma boa gramática de PLE.

Os exemplos que acompanham a descrição linguística são parcialmente construídos por nós, parcialmente são abonações extraídas do *corpus* eletrónico<sup>15</sup>. Será sempre fornecida informação sobre a sua referência. Os dados de *corpora* permitem também verificar a frequência de ocorrência de várias construções no discurso. Entre os exemplos destacamos os chamados “exemplos negativos”, que se assinalam com um asterisco inicial (“\*”), e os de aceitabilidade duvidosa marcados por um ou dois pontos de interrogação (“?”, “??”). Consideramos estes tipos de exemplos essenciais para prática do ensino-aprendizagem de PLE, visto que identificam as dúvidas sobre uso e os erros potenciais e permitem explicar com maior clareza as particularidades de uso mais correto.

Os adjuntos adverbiais da localização temporal são portadores de informação temporal de grande importância tanto mais que ocorrem no contexto de uma vasta variedade de situações pertencentes aos diferentes domínios (privado, público, profissional ou educativo<sup>16</sup>). Podemos facilmente imaginar o enunciado *Muito tem mudado na sociedade portuguesa desde a década de 70* usado em qualquer um dos domínios mencionados: numa conversa entre amigos, no discurso político ou na sala de aula, de história, onde este pode ser pronunciado quer pelo professor quer pelo aluno.

Os adjuntos temporais ocorrem em atividades de produção e compreensão oral e escrita, mostrando uma alta frequência de uso na conversação, monólogos em sequência (que descrevem uma experiência, contam uma história, etc.), na escrita criativa, anúncios, exposições públicas, entre

---

<sup>14</sup>A este tópico é dada uma especial atenção em Matos (1996), que faz uma breve panorâmica cronológica do termo “Gramática Descritiva” nos estudos gramaticais do século XX e observa o tratamento da Sintaxe e Morfo-Sintaxe nas Gramáticas do Português que se assumem como descritivas.

<sup>15</sup>CETEMPúblico.

<sup>16</sup>Segundo QECR (2001: 76).

outras<sup>17</sup>.

Assim, numa situação em que o aprendente de PLE assume o papel de, por exemplo, cliente dos serviços de correio num *role play*, ou numa situação real em imersão, e recebe uma telefonema que inclui o seguinte enunciado *A sua encomenda vai chegar daqui a três dias*, considera-se crucial, para uma interpretação correta da informação, que conheça rigorosamente o significado da expressão temporal *daqui a três dias*. Reparemos que na mesma situação de comunicação o interlocutor podia ouvir o enunciado seguinte *A sua encomenda vai chegar dentro de três dias* que se distingue do anterior apenas por conetor temporal. O seu significado, porém, muda radicalmente, e com ele, também as expectativas do destinatário. No primeiro caso, o cliente fica a saber uma data exata da chegada da encomenda, no segundo caso, esta informação temporal é imprecisa indicando apenas o limite final. Assim se demonstra que as expressões temporais adjuntas desempenham um papel crucial na construção do significado das situações de comunicação quotidianas e não só.

O presente trabalho, porém, ocupa-se primariamente com a descrição linguística das expressões temporais em questão. Analisa-se a função do adjunto adverbial, a sua estrutura sintagmática e o estatuto categorial, as possibilidades de ocorrer com vários complementos<sup>18</sup>, bem como a sua compatibilidade com o tipo de situação<sup>19</sup> descrita e com os outros elementos da frase. O estudo destes fenómenos linguísticos é efetuado, principalmente, a nível da frase. Assim, os exemplos na sua maioria são abordados como frases, tendo em conta a sua organização estrutural, funcional e, parcialmente, semântica. Por outras palavras, a frase constitui o ponto de partida da análise gramatical que pretendemos fazer.

Convém notar que os numerosos casos de dêixis temporal que observaremos adiante, também são tratados do ponto de vista do significado lexical (ou denotação) das expressões dêiticas, i.e. a sua referência dêítica é construída a partir das propriedades semânticas lexicais dessas expressões (assim, *a partir de hoje* denota o intervalo temporal que começa no dia em que se produz o enunciado). Desta maneira, pretendemos abstrair a referência das expressões dêiticas dos fatores variáveis do ato da enunciação e do contexto situacional, a fim de tornar a descrição mais sistemática e generalizada.

Uma frase é um elemento abstrato cuja organização o falante domina de forma a poder convertê-la em ato de comunicar, ato de fala. Temos, porém, consciência de que, sobretudo em sede de ensino-aprendizagem de PLE, o elemento funcional do enunciado precede as preocupações com a mera organização interna das frases que o compõem. Insistimos, no entanto, na ideia de que sem uma boa descrição ao nível frásico, dificilmente professores e alunos encontram suportes linguísticos

---

<sup>17</sup>As intenções comunicativas, por sua vez, realizam-se por vários atos ilocutórios, que segundo Searle (1969 e 1975), se distribuem em seis tipos, em relação aos objetivos (assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos, declarações e declarações assertivas).

<sup>18</sup>Falamos sobre os complementos introduzidos por preposições, locuções prepositivas e outros conectores em questão.

<sup>19</sup>O termo *situação* aqui é usado com o valor utilizado em GP (585): “**situação** (ou **eventualidade**), no contexto dos estudos semânticos sobre o aspeto, é um termo teórico que designa a **representação linguística** de um determinado estado de coisas ou acontecimento do mundo num contexto espaço-temporal [...] Nesse sentido, ao atribuir propriedades gramaticais ou semânticas a situações [...] não estamos a falar propriamente de acontecimentos do mundo, mas sim das entidades linguísticas que os representam”.

para o caminho que têm que percorrer.

É de realçar que a descrição linguística em questão muitas vezes irá ultrapassar as fronteiras da frase e apelar aos aspetos pragmáticos, especialmente em questões relacionadas com o significado atribuído às expressões temporais em vários contextos. Assim, uma ambiguidade semântica que surge em frases com algumas expressões temporais (por exemplo, introduzidas por *até*<sup>20</sup>), tipicamente, desaparece no processo da contextualização. Os aspetos da coesão temporal entre as situações e da possibilidade de expressões temporais analisadas ocorrerem no interior ou fora duma sequência narrativa são discutidos, também, ao nível textual.

Na secção seguinte, pretendemos abordar o tema gramatical escolhido para o nosso estudo. Discutem-se algumas categorias que têm maior relevância para a descrição gramatical: adjuntos e complementos, estrutura do sintagma preposicional, o tempo, o aspeto e os mecanismos sintáticos que os atualizam nos enunciados. Apresenta-se uma breve panorâmica de cada um destes fenómenos.

## 2.3. *Enquadramento teórico*

### 2.3.1. *Adjunção*

Do ponto de vista da sua organização funcional, uma frase pode conter, para além do predicador e dos seus argumentos, expressões “que enquadram as situações descritas em dimensões circunstanciais de natureza variada” mas “não são essenciais para completar o sentido do predicador e, logo, para obter uma proposição (completa)” (GP: 364). Chamamos estes constituintes adjuntos adverbiais<sup>21</sup> (ou adjuntos)<sup>22</sup>.

São adjuntos adverbiais que primariamente “contribuem para o significado do sintagma verbal, quantificando, qualificando ou localizando (temporal ou espacialmente) a situação que se descreve” (ibidem: 1161).

Observemos as frases seguintes<sup>23</sup>:

- (1) Os pais compraram um carro novo.
- (2) Os pais compraram um carro novo *ontem*.
- (3) Os pais compraram um carro novo *esta semana*.
- (4) Os pais compraram um carro novo *às 11h no dia 1 de setembro de 2014*.
- (5) Os pais compraram um carro novo *há pouco tempo*.
- (6) Os pais compraram um carro novo *depois do seu regresso a Portugal*.
- (7) Os pais compraram um carro novo *logo depois do seu regresso a Portugal*.
- (8) Os pais compraram um carro novo *depois de vários anos de poupança*.

---

<sup>20</sup>Veja-se adiante uma análise da ambiguidade semântica na frase *O Paulo está com um problema no joelho, mas conta treinar até ao final do mês* (exemplo de Mória (1995)).

<sup>21</sup>A inclusão do adjetivo “adverbial” na expressão remete apenas a uma função típica dos advérbios e não faz ligação à sua classe estrutural, visto que outras classes sintagmáticas também podem exercer a função do adjunto adverbial. É de notar que adjuntos podem modificar não só os verbos mas também os nomes eventivos, chamados neste caso adjuntos adnominais (*Lembro-me do nosso encontro há muitos anos atrás*).

<sup>22</sup>Em outras gramáticas usam-se também os termos “adjunto circunstancial”, “complemento circunstancial” ou “modificador adverbial”.

<sup>23</sup>Colocamos as expressões temporais na posição final da frase (quando isto for aceitável) para tornar os exemplos mais ilustrativos.

- (9) Os pais compraram um carro novo *depois que ganharam um prêmio*<sup>24</sup>.  
(10) Os pais compraram um carro novo *depois de ganharem um prêmio*.  
(11) *Depois de ganhar um prêmio os pais compraram um carro novo*

Todos os elementos da frase assinalados em itálico exercem uma função de adjuntos adverbiais de localização temporal, pertencendo às várias classes estruturais. O facto de estes constituintes poderem ser facilmente omitidos sem que a frase deixe de ter um conteúdo proposicional completo, como em (1), confirma a sua função de adjuntos. Embora os adjuntos não sejam essenciais, nem gramaticalmente nem semanticamente, para a boa formação da frase (em contraste com os complementos do verbo), a informação circunstancial sobre a situação que eles fornecem pode ser de grande importância numa situação comunicativa particular.

Assim, todos os adjuntos presentes nos exemplos, localizam temporalmente uma situação descrita na frase; alguns deles, indicando a data e hora certa do evento acontecer (4), outros, dando uma informação temporal aproximada e realizando a localização em relação ao momento de fala (2), (3) e (5), e os terceiros, relacionando a situação descrita com uma outra situação (6), (7), (8), (9), (10) e (11).

Os exemplos acima ilustram uma variedade de estruturas que podem realizar a localização temporal adjunta: assim, em (2), o adjunto é o advérbio; em (3), o sintagma nominal; em (4), (5)<sup>25</sup>, (6), (7) e (8) os adjuntos são representados por sintagmas preposicionais, em alguns deles, nomeadamente, em (6), (7) e (8), o complemento é constituído por um nome eventivo; em (9), o adjunto é uma oração subordinada finita, em (10), uma oração subordinada de infinitivo flexionado e em (11), uma oração subordinada de infinito não flexionado.

Deste modo, o estudo de adjuntos adverbiais constitui uma tarefa complexa, mesmo se considerarmos apenas um dos seus numerosos valores semânticos - o tempo. A sua complexidade advém da diversidade de formas que os expressam, da variedade de interpretações que um só adjunto temporal pode introduzir<sup>26</sup>, da sua posição na frase e da natureza categorial e referencial dos seus constituintes.

Respeitando os limites do presente trabalho, optamos por analisar apenas as expressões temporais na função de adjuntos que, do ponto de vista formal, são introduzidas por sintagmas preposicionais<sup>27</sup> e do ponto de vista semântico, apresentam o valor da localização temporal.

Deste modo, o nosso trabalho não inclui o estudo dos adjuntos expressos por advérbios, como em (2), nem os casos da adjunção representados por (9), (10) e (11).

Os advérbios temporais, sem dúvida, merecem um estudo à parte no âmbito de PLE. Uma distinção do significado e uso de advérbios como *brevemente*, *futuramente*, *imediatamente*, *recentemente*, *outrora*, etc., bem como vários usos contextuais e discursivos de *agora*, *logo*, *já*, podem causar dúvidas legítimas ao aprendente de PLE.

No que diz respeito às orações subordinadas adverbiais, verificámos que o seu uso nos

---

<sup>24</sup>*Depois que* tende, na atualidade, a ser evitado pelos falantes, quer no discurso oral quer no discurso escrito.

<sup>25</sup>Uma discussão sobre o estatuto categorial do conector *há* segue na secção 2.3.2.

<sup>26</sup>Tenha-se em linha de conta que esta interpretação depende do tipo de verbo com que combina e do tempo morfológico da forma verbal.

<sup>27</sup>Cujo núcleo constituem preposições, locuções prepositivas e conectores que consideramos muito próximos destas.

manuais de PLE, tipicamente, se aborda aquando do trabalho sobre os conteúdos gramaticais dedicados aos temas “Verbo em Conjuntivo”, “Infinitivo Flexionado”, “Infinitivo não flexionado”.

Para melhor se perceber o paralelismo semântico entre várias estruturas sintáticas, atente-se nas frases:

- (1) *Eu li o livro com atenção e percebi a ideia do autor*
- (2) *Depois de ter lido o livro com atenção, percebi a ideia do autor*
- (3) *Depois da leitura atenciosa do livro, percebi a ideia do autor*

Cada dos exemplos apresenta duas situações (de “eu ler o livro com atenção” e de “eu perceber a ideia do autor”) relacionadas entre si; nomeadamente, a primeira situação é interpretada como sendo anterior à segunda.

A frase (1) apresenta um exemplo de coordenação assimétrica, quando a ordem das duas orações (coordenadas pela conjunção *e*) denota uma sequência temporal. Em (2) estamos perante duas orações conectadas por subordinação onde o conector *depois de* exprime um valor temporal de posterioridade; e em (3) o mesmo valor é introduzido pelo adjunto adverbial de localização temporal composto por uma locução prepositiva (*depois de*) e o seu complemento expresso por nome deverbal que guarda a sua grelha temática (*a leitura atenciosa do livro*).

Repare-se que (1), (2) e (3) referem o mesmo estado de coisas e asseguram a coerência e a coesão temporal entre as situações interpretadas como sequenciais no tempo, envolvendo também uma relação de causalidade entre si (“eu li o livro com atenção e por isso percebi a ideia do autor”). A diferença entre as três frases consiste nas estruturas sintáticas que as formam. A escolha destas pelo falante no processo da comunicação pode depender de diversos fatores, entre quais o modo de produção falado ou escrito, o registo formal ou informal, o tipo do discurso.

Numa perspetiva do ensino-aprendizagem de PLE, é importante realçar um mecanismo linguístico que consiste na conversão de uma frase em sintagma nominal (o processo chamado por alguns autores *nominalização*<sup>28</sup>) e vice versa. A preferência do uso de um adjunto em vez de uma oração é mais comum nos textos escritos ou no discurso mais formal. Consideramos importante que os aprendentes de PLE (começando com nível A2 ou B1) saibam usar o mecanismo acima referido nas várias situações de comunicação. O presente trabalho analisa o uso de alguns conectores temporais que podem introduzir como complemento nomes eventivos, de maneira que uma situação se encontra compactada no adjunto temporal (*antes de, durante, depois de, após, a partir de, até, desde*).

Como já referimos, os sintagmas preposicionais com função de adjuntos representam uma “zona cinzenta” no quadro atual dos documentos de ensino PLE, apesar da sua alta frequência no discurso. Foi este o facto que nos levou escolhê-los como o tema principal deste trabalho.

Passaremos agora à análise desta classe sintagmática.

---

<sup>28</sup>Na tradição sistémico-funcional, “metáfora gramatical”.

### 2.3.2. Estrutura do sintagma preposicional

Sabemos que a função de preposições<sup>29</sup> consiste em estabelecer uma relação sintática e semântica entre o termo subordinante (que determina a presença da preposição) e o complemento. Em conjunto com o seu complemento, a preposição forma um sintagma preposicional (SP).

O núcleo do sintagma preposicional pode ser constituído por preposições simples e locuções prepositivas. As primeiras, tipicamente, consistem em uma palavra, enquanto as segundas apresentam expressões compostas por várias palavras que, porém, funcionam como preposições simples. Em GP, as locuções preposicionais são caracterizadas pela presença nelas de uma base (nominal, adverbial ou preposicional) seguida obrigatoriamente de uma preposição gramatical (tipicamente *de*, *a*, *em* ou *com*)<sup>30</sup>. Atenta-se também o alto grau de lexicalização dos elementos que formam as locuções prepositivas<sup>31</sup>.

Neste contexto, convém fazer um comentário sobre os conectores *daqui a/ daí a/ dali a* e *há* que pretendemos analisar adiante, visto que estes se encontram no processo de recategorização. Relativamente a *daqui/ daí/ dali* em GP (287), afirma-se que podem ser analisados como formas contraídas (do advérbio com a preposição *de*) devido à possibilidade de alternância entre os advérbios *aqui*, *aí* e *ali*. No entanto, quando as formas referidas têm valor temporal e se integram numa expressão mais extensa (*daqui a/ daí a/ dali a X tempo*), envolvem um princípio de lexicalização, “com variação no preenchimento da expressão de quantificação temporal, formando um padrão regular” (ibidem: 286), nomeadamente *daqui a/ daí a/ dali a* + quantificador + nome<sup>32</sup>. Designaremos este padrão gramatical regular como expressão temporal semifixa, segundo a GP (1549) e os constituintes *daqui a/ daí a/ dali a* como conectores.

O carácter categorial de *há* discute-se, por exemplo, em Mória (2003) e (2011). Como se afirma em Mória (2003: 116), “o carácter verbal (de *há*) parece estar a perder-se, em prol de um carácter de conector preposicional [...] o qual se manifesta, por exemplo, no uso da forma morfológica presente *há* em qualquer contexto temporal, mesmo passado ou futuro [...] e, principalmente, na combinação com *atrás*, incompatível com o valor verbal em causa”. Sublinhamos que para a nossa análise, no âmbito de PLE, consideramos a função do conector mais pertinente do que o seu estatuto categorial.

Outra questão teórica que suscita controvérsia entre linguistas consiste na identificação de uma diferença categorial entre advérbio, preposição, locução adverbial e locução prepositiva (como *depois do almoço*, *ao lado da cama*, etc.)

Assim, no estudo da distinção entre sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais efetuado em Lobato (1989) os advérbios de tipo *perto* são considerados como

---

<sup>29</sup>Tomamos como referência, aqui, a definição desta classe de palavras presente no Dicionário de termos linguísticos (1992: 304): “**Preposição** (PREP) – palavra invariável que liga um constituinte de frase a um outro constituinte ou a uma frase, indicando eventualmente uma relação espaço-temporal. É uma categoria atribuidora de caso, sendo o núcleo do SP que tem obrigatoriamente um complemento” (Fonte: Chomsky (1981)/Chomsky (1986))

<sup>30</sup>Cf. 32.2.2 (ibidem).

<sup>31</sup>Ibidem: 1501.

<sup>32</sup>Para discussão sobre o tópico veja-se GP, capítulo 10.

advérbios com complemento implícito, ou não expresso, enquanto usados no contexto *Estou perto*; e são tratados como advérbios com complemento explícito, na frase *Estou perto de casa*. Indica-se também uma característica importante da classe de preposições a qual não obedecem os advérbios referidos: preposições sempre exigem a manifestação do seu conseqüente.

Costa (2008: 23-24) propõe resolver o problema da classificação, assumindo que os advérbios e locuções adverbiais relacionais (*perto, depois, ao lado, à esquerda, etc.*) podem ocorrer com um complemento. Assim sendo, uma combinação de itens lexicais *ao lado* é concebida como locução adverbial sem complemento, e *ao lado do banco* como locução adverbial com complemento.

Em Mateus et alii (2003: 419-420), porém, a questão da distinção entre advérbio e locução prepositiva não é tida como sendo problemática. Por um lado, atenta-se num pequeno grupo de advérbios de localização espacial e temporal que selecionam argumentos (*longe da casa, abaixo da mesa, depois da aula, antes do almoço*), sendo a sua transitividade a qualidade que “os aproxima das preposições”; por outro lado, os mesmos advérbios acompanhados por uma preposição simples aparecem na lista das locuções prepositivas (ibidem: 391).

Uma outra visão sobre o problema tem Castilho (2010) que relaciona *perto* com a classe dos advérbios dêiticos. Sublinha-se uma natureza relacional das preposições: “o sentido básico das preposições é o de localizar no espaço e no tempo os termos que elas ligam [...] A localização é uma operação relacional por excelência [...] As preposições, em suma, são operadores que realizam a relação assimétrica entre o objeto A que queremos localizar (a FIGURA) e o objeto B com referência ao qual queremos localizar o objeto A (o PONTO DE REFERÊNCIA)” (ibidem: 584). Nesta perspectiva, a Gramática define os advérbios dêiticos quando seguidos de um complementador, como “preposições complexas”, negando, de certo modo, a definição de “locuções prepositivas”, que “não dispõem de estatuto categorial próprio” e “não representam outra classe morfossintática” (588).

Em GP (1505) considera-se como o critério definatório principal da classe das preposições a sua transitividade obrigatória. Analisam-se os advérbios relacionais (*depois, perto, à direita, em frente, etc.*) “que não incorporam lexicalmente o complemento mas permitem a sua recuperação contextual” e que para se combinarem com o complemento expresso precisam de uma preposição gramaticalizada e assim formam uma locução prepositiva (*depois do jantar*).

Seguindo a lógica da GP, consideramos *depois* como advérbio relacional que pode ocorrer com a preposição *de* e formar uma locução prepositiva que, por sua vez, introduz um complemento.<sup>33</sup>

A distinção entre preposições e locuções prepositivas faz parte da discussão na área da linguística teórica enquanto para os objetivos de ensino-aprendizagem de PLE são essenciais outras

---

<sup>33</sup>Uma análise detalhada dos complementos dos SP em causa é apresentada na secção 2.3.5.

características de SP, nomeadamente a sua *função*<sup>34</sup> na oração.

Visto que o presente trabalho pretende explorar a sua função do adjunto adverbial da localização temporal, concretizamos agora as relações temporais que este implica.

### 2.3.3. Localização temporal: distinção entre os termos

Nesta secção discutiremos brevemente os conceitos que fundamentam a análise da categoria linguística do tempo, nomeadamente, localização temporal, tempo de referência, tempo da enunciação e tempo da situação, apoiando-nos na percepção destes fenómenos em GP.

Em primeiro lugar, indicamos uma característica principal da localização temporal: “a localização temporal é sempre feita em relação a um outro tempo, chamado **tempo de referência** (cf. Reichenbach 1947<sup>35</sup>)” (GP: 510).

Ao termo “localização temporal”, porém, podem ser atribuídos pelo menos dois significados que consideramos importante distinguir.

Por um lado, uma situação descrita na frase é sempre localizada num determinado ponto ou intervalo do eixo temporal que se articula em três domínios, passado, presente e futuro. Esta localização temporal<sup>36</sup> toma como referência o momento ou intervalo temporal em que o falante produz o enunciado (tempo da enunciação, doravante chamado **momento de fala**). Daí, falarmos em tempo da situação expresso por meios verbais<sup>37</sup>; no presente, por sobreposição ao momento de fala (*O Pedro trabalha em Lisboa*), no passado, exprimindo anterioridade relativamente ao momento de fala (*O Pedro trabalhou em Lisboa*) e no futuro, exprimindo posterioridade relativamente ao momento de fala (*O Pedro vai trabalhar em Lisboa*).

Por outro lado, além do tempo da enunciação, existe um **tempo de referência** adicional, que introduz uma informação temporal em relação a qual o tempo da situação também tem de ser calculado. Este tempo, tipicamente, é marcado por adjuntos adverbiais com valor temporal ou por encadeamento de orações autónomas (tempo discursivo<sup>38</sup>).

Assim, na frase *Daqui a dois meses, o Pedro vai trabalhar em Lisboa* a expressão adverbial *daqui a dois meses* marca um tempo de referência, um ponto no eixo temporal calculado em relação

---

<sup>34</sup>Começando pelo termo subordinante, podemos considerar três casos: 1) o termo subordinante pertence a uma das classes lexicais (um verbo, um nome, um adjetivo, um advérbio ou uma preposição) e rege o SP, i.e., seleciona os seus complementos; 2) o termo subordinante é o sujeito da predicação; 3) o termo subordinante faz parte dum SV ou duma frase e semanticamente não exige o SP.

<sup>35</sup>Reichenbach propõe um sistema bidimensional do tempo, considerando dois tipos de relações: uma relação entre o ponto de referência R (“reference time”) e o momento da enunciação S (“speech time”), e uma outra entre o tempo do evento E (“event time”) e o ponto de referência R.

<sup>36</sup>Usamos a expressão “localização temporal” para referir o tempo expresso pela flexão verbal: “Nas línguas naturais, o tempo é concebido como um eixo linearmente ordenado, orientado do Passado em direção ao Futuro [...] Localizar temporalmente a situação descrita numa frase significa [...] associá-la a um momento ou a um intervalo de tempo numa ordenação linear orientada desde o Passado até ao Futuro” (GP: 509).

<sup>37</sup>Falando sobre a expressão do tempo, também tomamos conta de outros processos linguísticos especializados nesta função como os verbos auxiliares ou semiauxiliares (*estar* seguido da preposição *a*; ou *ir*) ou o tempo argumental (predicados *datar* ou *durar* com os seus complementos obrigatórios).

<sup>38</sup>Sobre este tópico veja-se GP (577-581).

ao momento de fala, onde se localiza a situação de “o Pedro trabalhar em Lisboa” e se acentua a fase inicial do processo de “trabalhar”. Chamamos às sequências deste tipo, expressões adverbiais de localização temporal, ou localizadores temporais adverbiais<sup>39</sup>.

As expressões temporais adjuntas, por sua vez, distinguem-se semanticamente, veiculando vários valores temporais, sendo um deles o da **localização temporal**. É precisamente este valor semântico do tempo adjunto que constitui o objeto central deste estudo.

### 2.3.4. Adjuntos temporais: valores semânticos e comportamento aspetual. Proposta do agrupamento

Uma classificação semântica dos adverbiais de tempo ainda é uma questão em aberto<sup>40</sup>. As gramáticas de PLM propõem várias formas de agrupamento. Mateus et alii (2003: 168) distingue entre adverbiais de **localização temporal** (*O Manuel nasceu em 1992*), de **frequência** (*A revista é publicada quatro vezes por ano*) e de **duração** (*O Rui correu durante meia hora*<sup>41</sup>) mas admite que existem também os adverbiais que dão simultaneamente informação de localização e duração, ou localização e quantificação (ibidem: 168).

Em GP, acrescenta-se aos grupos referidos mais um, com valor de **delimitação temporal da quantificação** (*A Ana foi a Paris seis vezes desde janeiro*) (562-563)<sup>42</sup>.

Devido às limitações deste trabalho, não se pretende explorar todos os valores mencionados do tempo adjunto, privilegiando apenas os adjuntos da localização temporal e os casos da sua interpretação ambígua. Os casos referidos surgem, por exemplo, quando o mesmo conector consegue desempenhar funções do operador de localização temporal e de duração<sup>43</sup> (caso de expressões introduzidas por *durante, em, há, desde*).

Atente-se nas frases *Não o vejo há três dias* e *Vimos-nos há três dias*, onde o conector *há* introduz uma expressão temporal durativa (“não o vejo durante os últimos três dias”) e pontual (“vimos-nos num determinado dia, o terceiro contando do momento de fala em direção ao passado”), respetivamente. Na verdade, nestas situações, o que determina o significado de cada uma das frases são os tipos de situações nelas descritas.

Para construir uma estrutura discursiva temporalmente coesa, o localizador temporal tem de apresentar compatibilidade com o tempo linguístico externo que localiza a situação, e com a temporalidade intrínseca do tipo de situação, i.e. o aspeto.

Como se afirma em GP:

“A informação aspetual de uma frase é dada por duas vias distintas: uma de natureza lexical e outra de cariz gramatical. O **aspeto lexical**, também designado tradicionalmente “Aktionsart”, consiste no perfil temporal interno básico de uma

<sup>39</sup>A designação referida encontra-se em Mória (2003), e em Viegas (1996).

<sup>40</sup>Cf. uma bibliografia relativamente a este tópico em GP (559); em Mateus et alii (2003: 168).

<sup>41</sup>Os três exemplos - ibidem.

<sup>42</sup>A hipótese de que a delimitação temporal da quantificação constitui uma área de significação autónoma é defendida em Mória (2004).

<sup>43</sup>A duração temporal, ou medição temporal de situações, “envolve a determinação da quantidade de tempo que elas ocupam, independentemente da sua localização no eixo do tempo” (uma distinção considerada por Mória (1996: 228), segundo Kamp e Reyle (1993)).

situação, isto é, na sua classe aspetual básica [...] A classe aspetual básica, obtida através da informação lexical, pode, no entanto, sofrer alterações de vária ordem graças à intervenção de elementos como os tempos gramaticais, os verbos de operação aspetual ou os adjuntos adverbiais temporais, dando origem a perfis aspetuais derivados [...] Aos efeitos da atuação deste género de fatores sobre a classe aspetual básica de uma situação chama-se **aspeto gramatical** ou **aspeto derivado**” (587).

Neste trabalho consideramos cinco classes aspetuais básicas<sup>44</sup> que se distribuem entre estados e eventos conforme a ausência ou presença do traço “dinamicidade”, respetivamente.

Entre os estados, analisamos em primeiro lugar os que se encontram compatíveis com os localizadores temporais, nomeadamente, estados episódicos (como *estar contente*, *estar doente*, etc.) que “descrevem propriedades transitórias dos indivíduos, ligadas a porções espacial e temporalmente delimitadas da sua vida e suscetíveis de mudança frequente” (ibidem: 595) e estados estativos faseáveis (como *viver em Lisboa*, *ser sincero*, etc.) que apresentam propriedades de dinamismo, aproximando-se dos eventos<sup>45</sup>. No que diz respeito a estados estativos não faseáveis, verifica-se uma certa marginalidade da sua ocorrência com adjuntos adverbiais de localização temporal, embora possível em determinados contextos ?*A Maria tinha olhos azuis há muitos anos* (mas, agora, usa lentes de cor diferente) ?*O Pedro vai ser português daqui a três anos* (vai mudar a sua nacionalidade para portuguesa) ??*O João foi inteligente ontem às 18h45*.

Os estados episódicos, pelo contrário, descrevem situações ligadas a contextos temporais e combinam bem com localizadores temporais (*A Maria teve febre há dois dias atrás*. *O Pedro está com dores de cabeça desde ontem*).

Relativamente aos eventos, consideramos quatro classes (processos, processos culminados, culminações e pontos), visto que cada um destes se combina com adjuntos adverbiais em questão.

Assim, os processos apresentam situações que se prolongam num intervalo do tempo (durativas), que podem ser divididas sem alteração das suas propriedades básicas (homogéneas) e não tendem para uma meta (atélicas). Os processos como *correr*, *nadar*, *trabalhar* combinam-se bem com adjuntos adverbiais de duração introduzidas pela preposição *durante* (*A Maria correu/ trabalhou/ nadou durante duas horas*), mas não ocorrem no mesmo contexto com os iniciados pela preposição *em* cujo complemento constitui uma quantidade de tempo (*\*A Maria correu/ trabalhou/ nadou em duas horas*).<sup>46</sup>

Por sua vez, os processos culminados descrevem situações télicas e heterogéneas, visto que pressupõem sempre um ponto terminal intrínseco que deve ser atingido para que o evento se realize (por essa razão combinam-se bem com adjuntos adverbiais com *em*, já referidos acima, *O Pedro escreveu o artigo em duas horas*).

As culminações e os pontos apresentam situações pontuais e são compatíveis com adjuntos

---

<sup>44</sup>Propostas apresentadas por Vendler (1967) e Dowty (1979).

<sup>45</sup>Para uma abordagem prática sobre os testes linguísticos dedicados à distinção entre estados e eventos e entre estados faseáveis e não faseáveis, veja-se GP (593-598).

<sup>46</sup>A compatibilidade com adjuntos adverbiais introduzidos por *durante* ou por *em* serve como característica distintiva entre os processos e processos culminados, respetivamente.

adverbiais de localização pontual (*O Pedro marcou o golo às 19h40. O carteiro bateu à porta às 19h40*). Os pontos, porém, são caracterizados pela telicidade, daí a possibilidade de ocorrência com os adjuntos adverbiais durativos (*O carteiro bateu à porta durante cinco minutos*).

Os casos de compatibilidade entre classes aspetuais e adjuntos adverbiais temporais (durativas ou de localização temporal) descritos acima, atuam em complementaridade reforçando o valor aspetual da situação. Deste modo, é possível caracterizar cada adjunto adverbial em relação à sua ocorrência mais natural, frequente ou típica, com este ou outra classe aspetual.

Existem, porém, inúmeros casos em que adjuntos adverbiais de tempo alteram a classe aspetual básica das predicções, funcionando como operadores aspetuais. Por exemplo, a situação descrita na frase *A Maria fechou a loja* pode mudar a sua natureza aspetual consoante o adjunto adverbial que se aplica à situação.

(1) *A Maria fechou a loja às 6 horas*

(2) *A Maria fechou a loja durante meia hora para dar de comer ao filho*

Em (1), estamos perante uma situação pontual e télica, formada por um predicado culminativo (*fechar*) e apoiada por um adjunto adverbial de localização pontual (*às 6 horas*). Em (2), o adjunto adverbial de duração (*durante meia hora*) altera a natureza aspetual da situação, acentuando o estado resultativo da culminação que se prolonga no interior de uma extensão temporal (“a loja esteve fechada durante meia hora”).

Como vimos, a caracterização aspetual de uma dada situação é obtida a partir da cooperação entre vários portadores de informação aspetual<sup>47</sup> que se encontram em relações de dependência mútua e bidirecional.

Voltemos agora aos valores semânticos do tempo adjunto. Tendo como base as classificações mencionadas acima, propomos uma forma de agrupar semanticamente os adjuntos temporais. Este agrupamento tem, naturalmente, preocupações com uma possível adoção à prática de PLE.

Deste modo, apresentamos os seguintes grupos de adjuntos temporais:

- grupo “QUANDO”;
- grupo “QUANTO TEMPO”;
- grupo “QUANTAS VEZES”.

Cada um destes grupos é identificado através da pergunta (no quadro) e pode ter subdivisões conforme as particularidades dos seus valores semânticos. Os exemplos visam dar uma breve panorâmica das expressões pertencentes a cada grupo, não pretendem, porém, fornecer uma lista exaustiva destas.

Uma visão global do agrupamento é apresentada no Quadro 1.

Nome de grupo	Pergunta	Exemplo
“QUANDO”	<i>Quando acontece a situação?</i>	<i>O José nasceu no Porto no dia 10 de Agosto de 1989</i>

<sup>47</sup>Temos em conta, também, outros componentes linguísticos que determinam as propriedades aspetuais de uma frase, como a presença ou ausência do complemento direto, do sintagma preposicional que veicula indicações de natureza espacial ou uma forma singular ou plural do sujeito, bem como os casos da vagueza aspetual. Cf. GP (604-606).

		Descansarás <i>durante a semana de Páscoa</i>
		Ligo-te <i>daqui a duas horas</i>
		Encontrámos-nos <i>há três anos</i>
		Ele chegou a casa <i>depois da meia-noite</i>
“QUANTO TEMPO”	<i>Quanto tempo dura a situação?</i>	Vou estudar <i>durante uma hora e meia</i>
		Interrompemos a reunião <i>por cinco minutos</i>
		Não o vejo <i>há muito tempo</i>
	<i>Quanto tempo leva a situação a realizar-se?</i>	A ponte foi construída <i>em dois meses</i>
“QUANTAS VEZES”	<i>Quantas vezes a situação ocorre por intervalo de tempo?</i>	Visitamos os avós <i>cinco vezes por ano</i>
		Compro esta revista <i>de duas em duas meses</i>
		Participou em <i>seis conferências desde 2010</i>

#### Quadro 4. O agrupamento semântico de adjuntos temporais introduzidos por SPs

O presente trabalho restringe-se à análise do primeiro grupo (“QUANDO”) que inclui realizações portadoras do valor semântico de localização temporal, dando uma especial atenção às expressões temporais introduzidas por preposições, locuções prepositivas e elementos estruturalmente próximos delas: *após, até (a), durante, desde; antes de, dentro de, depois de, a seguir a, a partir de; daqui /daí a /dali a, há.*

### 2.3.5. Localização temporal adjunta introduzida por SPs

De um modo geral, “a localização temporal envolve o posicionamento de situações no eixo do tempo” (ibidem: 560) e pretende dar informação sobre *quando acontecem as situações*. É de notar, porém, que o domínio da localização temporal adjunta integra não só a associação direta de situações com intervalos do eixo do tempo (*O Pedro nasceu em 1984*), como também as relações temporais entre situações (*O Pedro nasceu durante a viagem dos seus pais a Paris*). Além disso, os adjuntos de localização temporal participam na expressão de distâncias temporais entre entidades (situações ou intervalos temporais), como em *O Pedro nasceu três dias antes do início da guerra*.

Importa notar que a distinção entre vários tipos de localização temporal realizada neste estudo considera, em primeiro lugar, os objetivos do ensino-aprendizagem de PLE e por isso, preocupando-se, muito embora com o rigor, evita as complexidades demonstrativas. Apoiando-se nos trabalhos de Peres (1993), Mória (2000) e (2003), Viegas (1996) e Matos (1999) dedicados às questões de localização temporal adjunta, optamos por apresentar este tema de modo mais explícito, tendo em conta, porém, as particularidades semânticas e sintáticas que os autores identificam.

Como já foi mencionado, as expressões de localização temporal em questão operam com os intervalos de tempo que constituem o complemento do sintagma preposicional e estão, tipicamente, relacionados com um sintagma nominal cujo núcleo é um nome portador de qualquer informação temporal (*A Maria trabalha até às 11 de noite*). Os sintagmas referidos podem apresentar uma grande complexidade estrutural (*A Maria trabalhou muito no último ano da década de 90 / no fim de semana passado / no dia da abertura da conferência*).

Em Mória (2003: 97-98), os sintagmas que fazem a referência a intervalos são designados por **expressões denotadoras de intervalos**. Quando a sua denotação é estritamente temporal e não depende do contexto em que ocorre (*o século XXI, o dia 3 de junho de 2010*, etc.) estas são referidas como **básicas**, ou **independentes de situações** (em contraste com as expressões denotadoras de intervalos **derivados** que denotam “entidades de categorias ontológicas não temporais”).

Em Viegas (1996), encontramos uma distinção entre **localizadores temporais independentes** e **dependentes**, conforme a sua (in)dependência de um Ponto de Perspetiva Temporal. Assim se explicam as propriedades de localizadores temporais (LTs) independentes: “O LT independente é constituído a partir da combinação de um Nome de Calendário com uma preposição ou locução prepositiva sendo o seu referente autónomo, fixo e único. A definição dos LTs independentes articula-se com a definição de data [...] uma data é definida como a nomeação de um intervalo fixo e único no eixo do tempo, através de unidades de medição do tempo: dia, mês, ano, década, século, milénio” (ibidem: 40).

Mateus et alii (2003: 169) e Matos (1999: 293) designam a expressão do tempo em questão como a localização absoluta.

Uma forma mais ilustrativa de apresentar expressões temporais compostas por várias unidades de medida de tempo (*dia, mês, ano, século*) e por nomes que designam essas unidades (*janeiro, 2015*) seria pela nomeação “data”. Repare-se que estes localizadores temporais podem combinar-se com vários especificadores regulando o grau de precisão que o falante pretende exprimir (*cerca do ano de 1800, por volta de 1950, nas vésperas do 25 de abril de 1974*, etc.). Também, existem várias formas de especificar as fases do intervalo, mediante estruturas de complementação ou modificação nominal (*no início de 2014, no fim de março de 2010*, etc.). Porém, quando os nomes de referência cronológica são acompanhados por determinantes demonstrativos (*este, esse, aquele*) ou modificadores como *passado/próximo, anterior/seguinte*, perdem a sua independência denotativa e passam a exprimir valores dêiticos, anafóricos ou polivalentes (*no passado mês de agosto, este ano, na semana que vem, no domingo*, etc.).

Mateus et alii (2003: 169) distingue entre localização absoluta e relativa; a última é considerada dêitica quando depende de uma referência estabelecida pelo momento de enunciação; e anafórica, quando depende de uma referência estabelecida por alguma expressão na frase ou texto. As autoras dão conta de adverbiais com uma certa duplicidade, dado que podem ser dêiticos e anafóricos, dependendo do contexto em que surgem. Em Matos (1999), os respetivos localizadores designam-se por localizadores díticos, anafóricos e relativos duplos, em Viegas (1996), por localizadores dêiticos, anafóricos e polivalentes.

O presente trabalho ocupa-se com a caracterização dos conetores em causa em relação ao seu estatuto referencial (a capacidade de formar expressões temporais autónomas, dêiticas, anafóricas ou polivalentes), bem como à sua compatibilidade com várias expressões dêiticas e anafóricas sendo

complementos destes (*a partir desse momento, desde ontem, até hoje, etc.*).

As relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade entre uma situação descrita na frase e o intervalo temporal são, muitas vezes, indicadas por um conector (*A Lei entra em vigor antes do / no / depois do dia 1 de março*). Quando as expressões temporais integram o componente situacional as mesmas relações passam a ser estabelecidas entre as duas situações (*O nosso avô esteve em Paris antes da / durante a / depois da Segunda Guerra Mundial*).

Outro aspeto que consideramos importante na descrição de expressões da localização temporal consiste nos modos de localização. Tipicamente, na localização realizada por adjuntos adverbiais, são envolvidas as relações de sobreposição entre a situação localizada e o intervalo de localização. Como afirma Mória (2003: 111-112), “estas podem corresponder à mera coincidência em pelo menos um ponto – a **localização de simples sobreposição** – ou a subtipos mais específicos, como a inclusão – **localização inclusiva** – e a cobertura total do intervalo de localização pela situação localizada – **localização durativa**” (negritos no original). No caso dos conectores que analisaremos adiante falaremos, primariamente, sobre os casos da sobreposição, localização inclusiva e localização inclusiva derivada<sup>48</sup>.

Como já foi mencionado, os sintagmas nominais que tipicamente constituem os complementos de conectores em questão incluem vários nomes com o valor temporal. Alguns fazem uma **referência cronológica** (várias unidades de medida de tempo: *segundo, minuto, hora, dia, manhã, tarde, noite, semana, mês, ano, século*; e os nomes que designam essas unidades de tempo: *domingo, Janeiro, 2015, etc.*); outros são **nomes de informação temporal** (*tempo, momento, instante, período*; fases: *início, fim, final, termo*).<sup>49</sup>

Os nomes referidos podem ser acompanhados por vários **determinantes** (artigos definidos e indefinidos, determinantes demonstrativos *este, esse, aquele*), **quantificadores**, como os numerais cardinais (*três, sete, treze, etc.*) ou os quantificadores “vagos”<sup>50</sup> (*muitos, poucos, vários, numerosos, etc.*). Podem também ser **modificados** por adjetivos (por exemplo, com valor temporal: *passado/próximo, anterior/seguinte*) e por estruturas mais complexas (*a semana que vem, o dia quando receberás a carta de condução, etc.*).

Até agora, discutimos os intervalos como entidades temporais principais na localização temporal adjunta. É de notar, porém, que o outro tipo de entidades temporais – as quantidades de tempo que caracterizam a duração, também, podem participar na localização, nomeadamente marcando **distâncias temporais** entre situações ou entre situações e intervalos do tempo,<sup>51</sup> como em *Chegámos quinze minutos depois do início do jogo. O Pedro acabou o curso há cinco anos*.

Uma breve observação das realizações linguísticas das entidades referidas demonstra as seguintes diferenças. Os complementos que designam **intervalos** temporais incluem os nomes de medida de tempo necessariamente acompanhados por especificadores de vários tipos (*às 18h, às 6 horas da manhã, naquele ano, esta semana, no dia 1, no mês anterior*; cf. *\*às horas, \*em ano, \*semana, \*no dia*) ou por nomes de unidades de tempo (*a partir do mês de setembro, depois do ano*

---

<sup>48</sup>Veja-se mais uma proposta da distinção entre os modos de localização em GP (573-574).

<sup>49</sup>Distinção proposta em Mateus et alii (2003: 168).

<sup>50</sup>Chamam-se “vagos” os quantificadores que não exprimem um valor preciso (GP: 718)

<sup>51</sup>Cf. GP (561).

2015). Esta regra não se aplica aos nomes que designam as partes do dia (*antes da noite, a partir da tarde, até à manhã*). O complemento deste tipo também pode ser expresso por nomes que designam unidades de tempo (*depois de 2015, a partir de junho, até sábado*). Por seu lado, os complementos de natureza **quantificacional** têm como núcleo um nome de medida temporal (*daqui a cinco anos/ poucas horas/ alguns minutos*) ou um nome de informação temporal (*há poucos momentos/ muito tempo*) precedidos por quantificadores que ajustam o grau da precisão expresso pelo adjunto adverbial.

Em Viegas (1996), faz-se uma distinção entre dois tipos de localizadores temporais adjuntos quanto à estratégia de identificação dos intervalos: direta e indireta. A identificação indireta é próxima do processo que Mória (2003: 98) designa como “medição de tempo a partir de um ponto de ancoragem” (*há cinco dias atrás, daqui a muito tempo, dois anos depois do casamento, etc.*) que opera com as quantidades de tempo realizando uma localização temporal.

Optamos por definir o modo indireto da localização como a **indicação de uma distância temporal** entre situação descrita na frase e o momento de referência.

Neste ponto, estamos a aproximar-nos das questões da classificação dos localizadores temporais adjuntos que irão ser discutidas na secção seguinte.

## ***2.4. Proposta do agrupamento dos adjuntos adverbiais de localização temporal***

Tendo em conta os aspetos sintáticos e semânticos da localização temporal adjunta analisados nas secções anteriores podemos, agora, prosseguir com algumas variantes do agrupamento dos localizadores temporais do grupo "QUANDO" que respeitam cada um o seu critério:

(1) localização da situação descrita na frase como anterior (*antes de, há, até*), simultânea (*em, a, durante, entre, de... até*) ou posterior (*depois de, após, a seguir a, daqui a, daí a, dali a, dentro de, desde, a partir de*) em relação ao momento/intervalo de referência;

(2) capacidade de ordenar situações uma em relação a outra que caracteriza os conectores *antes de, depois de, após, a seguir a, a partir de, até, desde, durante*; e não é típica dos localizadores com *a, em, daqui a, dentro de, há, etc.*;

(3) localizadores que têm orientação primariamente prospetiva (*daqui a, dentro de*), retrospectiva (*desde, há*) ou se combinam com situações no passado, presente e futuro (*em, a, durante, depois de, antes de, a seguir a, após, a partir de, até, etc.*);

(4) tipo de situação que os localizadores primariamente introduzem: pontual (*daqui a, daí a, dali a, dentro de, depois de, antes de, a seguir a, após*), durativa (*a partir de, desde, até, de... a, ao longo de, etc.*) ou ambos (*em, a, há, durante, etc.*);

(5) localizadores, relativamente ao seu estatuto referencial, que podem formar expressões temporais autónomas (*em, a, de, etc.*) dêiticas (*daqui a, dentro de*), anafóricas (*depois de, antes de, a seguir a, após*) ou polivalentes (*a partir de, até, desde, há*);

(6) localizadores que associam, diretamente, a situação descrita na frase com outra situação

ou intervalo temporal (*em, a, durante, até, a partir de, depois de, antes de, etc.*) ou indiretamente, participando na expressão de distâncias temporais entre entidades (*daqui a/ daí a/ dali a, há, depois, antes*).

Tendo em consideração os objetivos do ensino-aprendizagem de PLE, procurámos, inicialmente, estabelecer um quadro a partir duma perspetiva semântica, escolhendo como o valor semântico distintivo, por exemplo, a expressão do tempo preciso *vs.* aproximado. Porém, abandonámos essa possibilidade visto que os valores referidos apresentam uma grande variedade na sua expressão, incluindo o uso de determinantes e quantificadores.

Assim, optámos pela sistematização que respeita o critério apresentado em (6), ou seja, localização mediante intervalos *vs.* localização mediante quantidades de tempo, concretizando, no primeiro caso, o modo da localização da situação em relação às fronteiras do intervalo (no interior do intervalo (*em, durante*), mediante uma das fronteiras marcadas do intervalo aberto (*até, a partir de, depois de, antes de, após*), mediante uma das fronteiras marcadas do intervalo fechado (*desde*) ou mediante ambas as fronteiras do intervalo fechado (*entre, de... a, desde... até*)).

Apresentaremos a nossa proposta no Quadro 5.

<b>(1) INTERVALOS DE TEMPO</b> <b>no eixo temporal</b> <i>(as 15h, o dia 3 de junho, a semana de Páscoa, 2015, a I Guerra Mundial, etc.)</i>	
(1.1) Localização da situação dentro do <b>intervalo temporal</b> <i>em, a, de, durante, ao longo de, desde ... até, de...a/ até, entre</i>	
Exemplos	Comentários
<p>O museu foi inaugurado ...</p> <p>Ele esteve a trabalhar muito ...</p> <p>... <b>às</b> seis horas de tarde, <b>no</b> dia 3 de junho de 1997</p> <p>... <b>no</b> primeiro fim de semana de junho</p> <p>... <b>durante</b> o mês de junho</p> <p>... <b>no</b> final do passado mês de junho</p> <p>... <b>no</b> verão de 1997</p> <p>... <b>na</b> década de 90</p> <p>... <b>durante</b> a I Guerra Mundial, etc.</p> <p>Ele esteve a trabalhar muito ...</p> <p>... <b>ao longo do</b> mês de junho</p> <p>... <b>de</b> janeiro <b>alaté</b> maio de 2012/</p> <p>... <b>desde</b> janeiro <b>até</b> maio de 2012/</p> <p>... <b>entre</b> janeiro e maio de 2012</p>	<p>Os adjuntos realizam uma localização temporal (pontual ou aproximada) de situações pontuais ou durativas estabelecendo as relações de simultaneidade entre o intervalo introduzido por conectores e a situação. Assim, a situação pode situar-se por inteiro dentro do intervalo ou cobrir o intervalo total ou parcialmente; porém, os valores de anterioridade ou posterioridade não são envolvidos.</p> <p>Note-se que estas expressões temporais, tipicamente, não apresentam resistência de uso com situações no passado, presente e futuro. O intervalo que eles descrevem é definido pelo nome de unidade de medida do tempo ou pelas fronteiras, inicial e final, marcadas ou por um evento com as próprias fronteiras temporais.</p>
(1.2) Localização da situação mediante <b>uma das fronteiras temporais do intervalo marcada</b> <i>a partir de, depois de, após, a seguir a, até, antes de, desde</i>	
<p>O trabalho pode ser entregue...</p> <p>A ponte está em obras...</p> <p>... <b>até</b> ao dia 5 de outubro</p> <p>... <b>a partir do</b> dia 5 de outubro</p>	<p>Uma situação pontual ou durativa é localizada anteriormente (<i>até a</i>) ou posteriormente (<i>a partir de</i>) em relação à fronteira do intervalo (final ou inicial, respetivamente) marcada pela expressão temporal pontual (<i>o dia 5 de outubro</i>).</p> <p>A situação pode acontecer <u>a qualquer momento</u> dentro deste intervalo, inclusive <u>coincidir com a fronteira marcada</u> ou prolongar-se no interior do intervalo aberto.</p> <p>“O trabalho pode ser entregue o mais tardar no dia 5 de outubro”. “As obras vão acabar o mais tardar no dia 5 de outubro”.</p> <p>“O trabalho pode ser entregue já no dia 5 de outubro”. “As obras começam no dia 5 de outubro”.</p>
<p>A ponte está em obras...</p>	<p>Uma situação durativa tem o seu início no momento indicado por complemento da</p>

<p>... <i>desde o dia 10 de janeiro</i></p>	<p>expressão (<i>o dia 10 de janeiro</i>) e prolonga-se no intervalo temporal até o momento de fala que constitui o limite final deste intervalo: <i>A ponte está em obras desde o dia 10 de janeiro</i> (“até agora”).</p> <p><i>Desde</i> transmite simultaneamente informação sobre localização e duração: “a ponte está em obras há uma quantidade de tempo que equivale à duração do intervalo que medeia entre o dia 10 de janeiro e o momento da enunciação” e “a ponte esteve em obras durante cerca de três meses”.</p>
<p>O museu foi inaugurado... A biblioteca está aberta...</p> <p>... <i>antes do dia 1 de junho</i> ... <i>depois do dia 1 de junho</i> ... <i>após o dia 1 de junho</i> ... <i>a seguir ao dia 1 de junho</i></p>	<p>Estas expressões temporais introduzem o intervalo com uma fronteira marcada (<i>o dia 1 de junho</i>), e a situação fica localizada anteriormente (<i>antes de</i>) ou posteriormente (<i>depois de, após, a seguir a</i>) à esta fronteira, <u>próximo</u> dela, mas <u>não coincidindo</u> com ela, estabelecendo-se, deste modo, uma localização temporal aproximada.</p> <p>Muitas vezes, os conetores referidos atribuem o valor eventivo aos seus complementos que inicialmente contêm apenas uma referência cronológica (<i>o dia 1 de junho</i>). Assim, este intervalo temporal fica implicitamente marcado por um evento qualquer (por exemplo, <i>A biblioteca está aberta depois do dia 1 de junho</i> (<i>o dia em que acabam as obras na faculdade</i>)).</p>
<p><b>(1.3) Ordenação das situações</b> através de relações de anterioridade/posterioridade (sem a distância temporal marcada) <i>antes de, depois de, após, a seguir a</i></p>	
<p>O museu foi inaugurado...</p> <p><i>antes das últimas eleições presidenciais</i> <i>depois das últimas eleições presidenciais</i> <i>após as últimas eleições presidenciais</i> <i>a seguir às últimas eleições presidenciais</i></p> <p><i>antes de vários anos da crise</i> <i>depois de vários anos em obras</i> <i>após vários anos em obras</i></p>	<p>Uma situação é localizada como anterior ou posterior à outra.</p> <p>Uma situação que serve como referência temporal é especificada por uma expressão quantificacional (<i>vários anos</i>).</p>
<p><b>(2) QUANTIDADES DE TEMPO</b> <b>que indicam distância temporal</b><sup>52</sup> (<i>meia hora, duas semanas, pouco tempo, alguns anos, etc.</i>)</p>	
<p>(2.1) Indicação de uma distância temporal que separa a <b>situação e o momento de fala</b> <i>há, faz, daqui a, dentro de</i></p>	

<sup>52</sup>Uma distância temporal corresponde à quantidade de tempo indicada numa expressão temporal

O museu foi inaugurado... ... <i>há três anos</i> ... <i>faz três anos</i>	Uma situação é localizada anteriormente em relação ao momento de fala com a distância marcada.
O museu vai ser inaugurado... ... <i>daqui a duas semanas</i> ... <i>dentro de semanas</i>	Uma situação é localizada posteriormente em relação ao momento de fala com uma distância temporal mais ou menos precisa.
(2.2) Indicação de uma distância temporal que separa a <b>situação e a outra referência temporal</b> <i>há, antes de, depois de, após, daí a</i>	
A Maria chegou às três. O João saiu... ... <i>há cinco minutos</i> ... <i>cinco minutos antes</i>	Uma situação é localizada anteriormente em relação a outra referência temporal recuperável do contexto anterior.
A Maria chega às três. <i>Daí a meia-hora chega o João</i> <i>Meia-hora depois chega o João</i>	Uma situação é localizada posteriormente em relação a outra referência temporal recuperável do contexto anterior.
O museu foi inaugurado... ... <i>dois meses antes das eleições</i> ... <i>dois meses depois das eleições</i>	Uma situação é localizada anterior ou posteriormente em relação à referência temporal (expressa por outra situação).

#### Quadro 5. O agrupamento dos adjuntos adverbiais de localização temporal

Tipicamente, os adjuntos de localização temporal direta<sup>53</sup> (1.1) introduzidos por preposições *a*, *em* e *de* são os primeiros (entre os adjuntos temporais) a ser apresentados aos aprendentes de PLE, provavelmente porque são indispensáveis para localizar uma situação num momento ou num intervalo que é representado pelo sistema das horas, dos minutos (preposição *a*) e das partes do dia (preposição *a* e *de*) ou que consiste em dias da semana, meses, estações do ano e períodos festivos (preposição *em*). Por esta razão, a presença dos adjuntos referidos nos manuais de PLE é bastante frequente.

As dificuldades, porém, podem surgir quanto aos complementos que os conectores em questão introduzem. Assim, aos aprendentes de PLE deve ser fornecida informação sobre o uso de adjetivos com valor temporal *passado/próximo*<sup>54</sup>, *anterior/seguinte* ou de determinantes demonstrativos (*este/ esse/ aquilo*) com os nomes de tempo<sup>55</sup>, entre outros temas. Consideramos que

<sup>53</sup>Falamos sobre a localização temporal direta quando “o intervalo de localização da situação descrita pela frase coincide com o intervalo denotado ou suprido pelo complemento do conector” (GP, 2013: 572)

<sup>54</sup>Por exemplo, a sua posição relativamente ao nome; o adjetivo *próximo* é obrigatoriamente pré-nominal (GP: 1101).

<sup>55</sup>Veja-se uma descrição linguística deste uso em GP (873-874): “Quando o antecedente refere um intervalo de tempo anterior ao da enunciação, qualquer um dos demonstrativos pode ser usado” (*Terminei o meu curso em 1973. Neste/Nesse/Naquele ano, havia um regime fascista em Portugal*); “no entanto, quando o antecedente refere um tempo posterior à enunciação, só *esse* é gramatical” (*Daqui a dois anos, no verão, vou a Portugal. Nesse verão, aliás, faço intenções de viajar por toda a Europa* (impossibilidade de *\*naquele verão*)).

este grupo de adjuntos merece uma descrição à parte.

No nosso trabalho, não pretendemos explorar este grupo de adjuntos temporais. Apenas mencionamos alguns aspetos de uso que podem ser relevantes no contexto do ensino-aprendizagem de PLE, como, por exemplo, o uso de *durante* como o localizador temporal ou as particularidades de uso da preposição *desde* com e sem *até*. Optamos por concentrar o nosso estudo em adjuntos que realizam a localização temporal da situação mediante as fronteiras do intervalo ou indicando a distância temporal, introduzindo os valores de anterioridade e posterioridade.

Uma análise pormenorizada destes adjuntos tem lugar no Capítulo III.

## CAPÍTULO – III

Neste capítulo passamos à descrição linguística do grupo dos adjuntos adverbiais destacado no capítulo anterior.

### ***3.1. Descrição linguística. Modo de apresentação***

Como vimos, podem existir várias classificações dos adjuntos adverbiais em causa, cada uma delas tendo o seu critério organizador. O agrupamento dos localizadores temporais que propomos neste trabalho é apenas uma das possibilidades da sistematização. Consideramos esta forma suficientemente explícita e transparente para os fins do ensino-aprendizagem de PLE que pode ser facilmente transformada e reagrupada se os utilizadores acharem necessário.

Para facilitar esta tarefa, bem como apresentar a complexidade das relações temporais, aspetuais e semânticas que estabelecem os localizadores em causa, escolhemos apresentar a descrição linguística numa forma sintética que, aqui, designamos por “ficha”, mas que admite outras designações que abarcam os documentos sinópticos, com preocupações pedagógicas. Cada uma delas trata de um conector ou de um grupo que introduzem expressões de localização temporal. Consideramos aqui os conectores como elementos estruturalmente simples e facilmente detetáveis que, porém, conseguem agregar os valores de localização temporal em toda sua complexidade.

As preposições (e outros conectores do tipo preposicional) constituem um tema bastante problemático que revela ainda a ausência de uma sistematização e descrição adequada para o ensino-aprendizagem de PLE. É por esta razão que decidimos centrar o nosso estudo em adjuntos introduzidos por sintagmas preposicionais. No geral, o tema “Preposição” necessita de um estudo à parte, em que na sua forma ideal forneceria ao aprendente de PLE toda a informação pertinente sobre o uso desta classe de palavras. Um prontuário deste tipo podia, em primeiro lugar, proporcionar o esclarecimento de dúvidas relativamente às diferenças de significado e uso entre as várias preposições, designadamente, os casos de homonímia e ambiguidade preposicional.

No que diz respeito à utilização, pretendemos organizar as fichas para tornar a consulta delas mais fácil e permitir uma reformulação para os fins pedagógicos. Como já foi mencionado, as fichas podem ser utilizadas por professores e aprendentes mais avançados.

Tendo como base o enquadramento teórico apresentado no capítulo anterior, elaboramos os parâmetros da descrição efetuada nas “fichas”.

#### **1. Estatuto categorial e estrutura interna**

Discute-se o estatuto categorial do conector: preposição simples, locução prepositiva (de base nominal/adverbial/preposicional) ou uma expressão estruturalmente próxima destas; a possibilidade de ocorrência sem um complemento expresso; a possibilidade de ocorrência com outras preposições formando conectores descontínuos.

## 2. Significado

Faz-se uma descrição geral de uso e significado do conector.

## 3. Natureza aspetual

Carateriza-se o conector em relação à sua ocorrência com as principais classes aspetuais (estados, processos, processos culminados, culminações e pontos) que determinam o tipo da situação descrita na frase (pontual ou durativa, télica ou atélica); analisam-se também os casos quando o conector influencia a natureza aspetual da situação funcionando como o operador aspetual.

## 4. Relações temporais

Discute-se a orientação da localização temporal introduzida pelo conector em relação ao momento de fala (prospetiva ou retrospectiva); identificam-se as relações entre a situação localizada na frase e o intervalo de localização (localização inclusiva ou durativa).

## 5. Conteúdo referencial

Analisa-se o estatuto referencial do conector, bem como a sua compatibilidade com várias expressões dêiticas e anafóricas.

## 6. Natureza do complemento

Determina-se o tipo de entidades temporais com que o conector opera (intervalos ou quantidades de tempo); apresentam-se os meios lexicais da expressão dos complementos introduzidos pelo conector.

## 7. Sinonímia

Mencionam-se outros conectores e expressões temporais que apresentam o valor semântico igual ou próximo ao do conector em causa.

## 8. Erros potenciais

Propõe-se a identificação de algumas zonas críticas relacionadas com o uso do dado conector.

## Sinopse conclusiva

Procede-se a um breve resumo da descrição linguística.

Optamos por não incluir na nossa análise dos conectores a descrição da sua posição na frase e outros aspetos ligados à ordem das palavras visto que, apesar de serem muito importantes para a semântica da localização temporal, no seu conjunto, estes assuntos fariam ultrapassar os limites do presente estudo.

### **3.2. Proposta da apresentação (fichas)**

Começaremos pela apresentação dos conectores que realizam localização

temporal da situação mediante uma das fronteiras temporais do intervalo marcada, (1.2) no Quadro 5.

### 3.2.1. A PARTIR DE (Tempo)

#### 1. Estatuto categorial e estrutura interna

A *a partir de* é uma locução prepositiva de base preposicional.

A (preposição simples) + PARTIR (verbo) + DE (preposição simples)

A *a partir de* não funciona autonomamente sem um complemento: \**A biblioteca está aberta a partir.*

A *a partir de* pode ocorrer com a preposição *até* no mesmo enunciado embora este uso não seja tão frequente como o uso conjugado dos conectores *desde* e *até* para exprimir valores semanticamente idênticos.

#### 2. Significado

A *a partir de* usa-se para localizar uma situação durativa ou pontual num intervalo aberto com a fronteira inicial marcada.

A situação pode começar no momento indicado pelo complemento da locução prepositiva e prolongar-se sem o limite final (*Vou estar no Porto a partir da próxima segunda-feira*) ou pode ocorrer no interior deste intervalo a qualquer momento (*As propostas podem ser apresentadas a partir do dia 5 de novembro*).

#### 3. Natureza aspetual

O carácter ambíguo desta locução prepositiva consiste no facto que ela indica um ponto no eixo temporal e, ao mesmo tempo, pressupõe o prolongamento da situação. Daí, a sua capacidade de localizar situações durativas e pontuais e ocorrer com todos os tipos de predicados.

A frase *A Lei entra em vigor a partir do dia 1 de setembro* reflete a ambiguidade referida visto que assume os significados seguintes: “a Lei entra em vigor no dia 1 de setembro” e “a Lei vai estar em vigor a partir desta data”.

Assim, quando *a partir de* ocorre com culminações, indica-se a possibilidade de uma situação pontual acontecer quer no momento inicial do intervalo quer a qualquer momento dentro de um intervalo com a fronteira inicial marcada (*O Pedro chega a casa a partir das 18h*: “o Pedro pode chegar a casa a qualquer momento depois das 18h, incluindo 18h”). Neste caso, expressa-se o valor de habitualidade.

Nos outros casos, *a partir de* desempenha o papel de operador aspetual.

Assim, *a partir de* acentua o momento inicial em combinação com estados (*Estou em casa a partir das 18h*: “Chego a casa às 18h e fico lá”) e processos (*Ele trabalha a partir das 9h*: “Ele começa a trabalhar às 9h”).

Com processos culminados *a partir de* salienta uma duração, ignorando a culminação (*A partir das 16h, a Maria escreve os relatórios para os apresentar na reunião no dia seguinte*: “Todos os dias a Maria começa a escrever os relatórios às 16h e passa algum tempo fazendo isto”).

Além disso, *a partir de* pode introduzir uma leitura iterativa<sup>56</sup> em combinação com pontos (*O carteiro bate à porta a partir das 8h*: “O carteiro começa a bater à porta às 8h e continua durante algum tempo”).

#### 4. Relações temporais

*A partir de* realiza uma localização temporal (mediante a fronteira inicial) 1) pontual, (*A Lei entra em vigor a partir do dia 1 de janeiro*: “A Lei entra em vigor no dia 1 de janeiro”); 2) durativa (*Ele trabalha a partir das 9h*: “o processo de trabalhar começa às 9h e prolonga-se durante algum tempo”); ou 3) inclusiva (*Ele chega a casa a partir das 18h*: “a qualquer momento a partir das 18h”).

*A partir de* usa-se, tipicamente, 1) para localizar as situações que irão acontecer (*A polícia promete a normalização da situação a partir da tarde de hoje*; *O museu abre as suas portas a partir de janeiro*); 2) para descrever situações habituais (*A partir das 15h, o banco está fechado*) ou, mais raramente, 3) situações no passado que pressupõem alguma duração (ou iteração) e fazem parte de uma sequência de eventos (*A partir de 2010, comecei a jogar neste clube. A partir de ontem, senti-me muito melhor*).

Note-se que com as situações pontuais télicas no passado *a partir de* apresenta uma resistência de uso, visto que uma localização inclusiva pressupõe uma interpretação de eventualidade (*chegar a partir das 18h* implica “a possibilidade de chegar a qualquer momento a partir das 18h”) que se torna impossível no caso de uma situação já ter acontecida (*\*Ele chegou a partir das 20h*; *\*Fiquei a saber esta notícia a partir do dia 1*).

Porém, as situações não pontuais introduzidas numa sequência de eventos no passado, aceitam *a partir de*, como se vê no exemplo seguinte: *A partir de 2010, joguei neste clube, mas dois anos depois mudei para o outro*.

Repare-se que o mesmo não acontece com as expressões temporais introduzidas pela preposição *desde* com que *a partir de* tem muito em comum (ambas marcam a fronteira inicial do intervalo, descrevem situações durativas): *\*Comecei a jogar neste clube desde 2010 (mas dois anos depois mudei para o outro)*. A locução *desde*, enquanto usada sem *até*, tem uma forte ligação com o momento de fala<sup>57</sup> que marca a sua fronteira final, por isso não pode descrever uma situação dentro de uma sequência de situações no passado.

Uma outra diferença significativa entre *a partir de* e *desde* pode ser vista nos seguintes exemplos:

<i>a partir de</i>	“ainda não abriu”
<i>A loja está aberta ..... o dia 3 de setembro.</i>	
<i>desde</i>	“já abriu”

Enquanto *a partir de* descreve a situação com a orientação prospetiva (no futuro) e sem a fronteira final do intervalo marcada (“a loja vai abrir no dia 3 de setembro e vai estar aberta a partir deste dia”), *desde* localiza a situação como anterior ao momento de fala (no passado) e o intervalo, além da fronteira inicial da situação, também tem a fronteira final – o momento de fala (“a loja abriu no dia 3 de setembro e continua aberta até hoje”).

<sup>56</sup>Quando uma repetição sucessiva das situações pontuais é perspectivada como um evento único com duração.

<sup>57</sup>É um conector dêitico.

## 5. Conteúdo referencial

*A partir de* pode marcar posterioridade tendo como referência quer o momento de fala (*A partir de agora, vou começar tudo de novo*) quer um outro momento de referência (*A partir do dia 5 de março, a empresa passa a fazer parte de um grupo empresarial; A partir de certo momento comecei a perceber o seu comportamento*), ambos expressos no seu complemento.

## 6. Natureza do complemento

*A partir de* opera com os intervalos de tempo (*11h, sexta-feira, janeiro, 2015, hoje, etc.*), incluindo os expressos por nomes eventivos (*a entrada em vigor das sanções, a tomada de posse pelo presidente, etc.*).

Tipicamente, *a partir de* introduz uma expressão nominal (SN) ou adverbial (SAdv) que traz alguma informação temporal cronológica (sobre a localização no eixo temporal). Observam-se os seguintes variantes de uso:

A PARTIR DE + ...

advérbios dêiticos de localização temporal

*A partir de agora, vamos ter mais uma hora de repouso.*  
*A partir de amanhã, começamos a trabalhar neste projeto.*

nomes de unidades de tempo

*A partir da segunda-feira/ de abril/ de 2015 o processo de inscrição torna-se mais fácil.*

Nomes de referência cronológica (doravante, NRC)<sup>58</sup>  
Nomes de informação temporal (doravante, NIT)<sup>59</sup>

*A partir das 18h/ da década de 90/ da hora de ponta/ deste momento a quantidade do trânsito na cidade aumenta drasticamente.*

nomes eventivos

*A partir da entrada em vigor das sanções, prevê-se que entrem nos EUA entre cinco mil a dez mil refugiados por mês.*

Visto que *a partir de* introduz intervalos de tempo, esta locução prepositiva não se usa com os nomes que designam quantidades de tempo (*muito/pouco tempo, alguns minutos, vários anos, etc.*)

## 7. Sinonímia

Uma diferença de uso entre os conectores *a partir de* e *desde* já foi ilustrada acima.

Quando *a partir de* introduz uma localização pontual, tem como sinónimo expressões com *em*: *A Lei entra em vigor a partir do dia 3 de junho / no dia 3 de junho. O Pedro começa a trabalhar a partir da segunda-feira dia 5 / na segunda-feira dia 5.*

Em caso de uma localização durativa, *a partir de* pode ser substituída por *de ... em diante* ou outras expressões de valor semântico idêntico:

*Vou trabalhar nesta empresa a partir do dia 5 de março / Vou trabalhar nesta empresa do dia 5 de março em diante.*

---

<sup>58</sup>Nomes de referência cronológica (*segundo, minuto, hora, dia, ano, etc.*)

<sup>59</sup>Nomes de informação temporal (*momento, tempo, instante, etc.*)

## 8. Erros potenciais

\**O Pedro chegou a partir das 20h.*

\**A partir de alguns minutos o espetáculo vai começar.*

\**Conheço essa pessoa a partir de 1988.*

**Sinopse conclusiva:** *a partir de* pode formar adjuntos adverbiais de localização temporal pontual, durativa ou inclusiva. Introduce um intervalo temporal aberto com a fronteira inicial marcada. Descreve situações, primariamente, no futuro e no presente (em alguns casos também no passado) com valor de posterioridade. Pode combinar-se com os nomes dêiticos.

### 3.2.2. ATÉ (Tempo)

#### 1. Estatuto categorial e estrutura interna

*Até* é uma preposição simples.

*Até* alterna com a locução prepositiva *até a*<sup>60</sup>.

ATÉ (preposição simples) + A (preposição simples)

Quando o complemento introduzido por preposição é um SN especificado por um artigo definido, a presença de *a* é obrigatória: *As contas devem ser pagas até ao final do mês.* \**Tens que acabar isso até o fim do dia.*

Caso contrário, *até* ocorre como preposição simples: *Vivemos no Porto até março 2014.*

*Até* não funciona autonomamente sem um complemento: \**Vou estar à tua espera até.*

*Até* ocorre muitas vezes no mesmo enunciado com *desde* e *a partir de*, formando conectores descontínuos: *A exposição pode ser visitada desde maio até setembro.*

#### 2. Significado

As expressões temporais com *até* usam-se para localizar situações durativas ou pontuais num intervalo com o limite final marcado, incluindo os casos quando a localização coincide com a fronteira final.

#### 3. Natureza aspetual

*Até* pode ocorrer com todos os tipos de predicados.

*Até* combina-se bem com estados (*Ela esteve doente até março*) e processos (*Hoje trabalhamos até às 16h por causa do feriado*).

---

<sup>60</sup>Uma observação em GP (1556). Doravante, para simplificar a referência, usamos *até* para indicar quer a preposição quer a locução prepositiva.

Reparemos numa interpretação ambígua da frase seguinte:

*O Paulo está com um problema no joelho, mas conta treinar até ao final do mês*<sup>61</sup>.

A esta frase podíamos atribuir os dois significados: 1) “o Paulo, apesar de estar com um problema no joelho, conta continuar a treinar até ao final do mês” (interpretação durativa); 2) “o Paulo está com um problema no joelho e neste momento não consegue treinar, mas espera voltar a treinar antes do fim do mês” (interpretação inclusiva derivada<sup>62</sup>).

Com processos culminados, *até* permite duas variantes de uso: uma fica limitada à fase processual do evento – interpretação durativa (*Todos os dias, ele escreve o seu romance até às 13h e depois vai almoçar*: “a escrita do romance não ficou concluída”); a outra salienta o ponto de culminação próprio – interpretação inclusiva (*Prometo escrever o relatório até ao dia 5*: “o relatório ficará escrito até ao dia 5”).

Com pontos e culminações, *até* introduz uma leitura iterativa (*O carteiro bateu à porta até às 9h e foi-se embora*: “O carteiro bateu à porta durante algum tempo tendo acabado às 9h”; *Até ao fim daquele conflito morreram muitas pessoas*).

Quando *até* ocorre com culminações, indica a possibilidade de uma situação pontual acontecer a qualquer momento dentro de um intervalo com a fronteira final marcada (*As candidaturas podem ser entregues até ao dia 1*).

#### 4. Relações temporais

Como já foi mencionado, *até* pode introduzir uma expressão temporal durativa (*Ele vai trabalhar até às 18h*) ou inclusiva (*Ele chega a casa até às 19h*).

*Até* pode localizar situações no passado, no presente e no futuro.

Devido ao facto de *até* introduzir um intervalo aberto com uma fronteira final marcada e poder realizar uma localização durativa e inclusiva, as expressões temporais introduzidas por esta preposição podem descrever situações terminadas na sua totalidade no passado (*Ela sentiu-se muito sozinha até ao final da festa* (interpretação durativa); *Os trabalhos foram entregues até ao fim do período* (interpretação inclusiva)).

A frase, por exemplo, *\*Ele chegou a casa até às 19h*, que inclui o verbo culminativo “chegar” no Pretérito Perfeito, apresenta uma ação pontual realizada no passado que exige uma localização pontual (*às 19h*) ou aproximada (*pelas 19h, antes das 19h*) e não aceita uma expressão temporal com *até* que traz várias possibilidades de localização, quer no interior do intervalo quer na sua fronteira final.

#### 5. Conteúdo referencial

*Até* pode marcar anterioridade quer em relação ao momento de fala (*Até agora, o tratado foi assinado por 50 países*) quer em relação a um outro momento de referência (*Os participantes deverão fazer a inscrição até ao dia 5 de Abril; O serviço encontra-se indisponível até à conclusão dos testes; O prazo acaba no dia 1 de Janeiro. Até esse dia, todos podem apresentar as suas candidaturas*), ambos expressos no seu complemento.

A fronteira final pode ser localizada anteriormente (*até ao sábado passado*) ou posteriormente (*até ao próximo sábado*) relativamente ao momento de fala mas a

---

<sup>61</sup>Exemplo de Mória (1995).

<sup>62</sup>Cf. GP (574).

fronteira inicial tipicamente é indefinida.

## 6. Natureza do complemento

*Até* opera com os intervalos de tempo (*11h, sexta-feira, janeiro, 2015, hoje, etc.*), incluindo os expressos por nomes eventivos (*a entrada em vigor das sanções, a tomada de posse pelo presidente, etc.*).

*Até* pode ter como o complemento uma expressão nominal (SN) ou adverbial (SAdv) que traz alguma informação temporal cronológica (sobre a localização no eixo temporal). Observam-se os seguintes variantes de uso:

ATÉ + ...

advérbio dêitico de localização temporal

*Até agora estamos contentes com a situação.*

*Até ontem tínhamos recebido 500 propostas de candidaturas.*

*Até amanhã ainda tens algum tempo para pensar.*

nomes de unidades de tempo

*Até ao dia 1 de janeiro/ ao sábado/ abril/ ao próximo mês de novembro/ 2015 eles estarão nos Estados Unidos.*

NRC

*Levanto-me cedo e fico com muita fome até à hora de almoço.*

*Até este momento nunca pensei nisso.*

nomes eventivos

*Tavares Moreira prevê baixa das taxas de juro até às eleições<sup>63</sup>.*

Visto que *até* introduz os intervalos de tempo, não se usa com os nomes que designam quantidades de tempo (*muito/pouco tempo, alguns minutos, vários anos, etc.*)

## 7. Sinonímia

Quando *até* faz uma localização inclusiva, o seu significado é próximo de *antes de*.

Mas enquanto *até* permite a situação acontecer no interior do intervalo bem como na sua fronteira final (*O trabalho deve ser entregue até ao dia 5 de outubro*: “antes do 5 de outubro e no dia 5 de outubro”), *antes de* não implica uma localização que coincide com a fronteira final (*O trabalho deve ser entregue antes do dia 5 de outubro*: “até o dia 4 de outubro”).

Em caso de uma localização durativa, *até* não apresenta os sinónimos. Como alternativa, pode ser usado o perífrase:

*Vou trabalhar nesta empresa até 2015 ≈ O meu trabalho nesta empresa acaba a 31 de dezembro do 2014.*

## 8. Erros potenciais

\**O Pedro chegou até às 20h.*

\**Espero por ti até as 10h.*

---

<sup>63</sup>CETEMPúblico: *par=ext42029-eco-95b-1*.

**Sinopse conclusiva:** *até* pode formar adjuntos adverbiais de localização temporal durativa e inclusiva introduzindo um intervalo temporal aberto com a fronteira final marcada. Pode descrever situações no passado, presente e futuro exprimindo o valor de anterioridade. Pode combinar-se com os nomes dêiticos.

### 3.2.3. DESDE (Tempo)

#### 1. Estatuto categorial e estrutura interna

*Desde* é uma preposição simples.

*Desde* não funciona autonomamente sem um complemento: \**O edifício está em obras desde*.

*Desde* ocorre muitas vezes com a preposição *até*, formando um intervalo fechado com as fronteiras inicial e final marcadas: *O Paulo vai estar em Londres desde junho até agosto*.

Usadas em conjunto, estas preposições introduzem outra classe de expressões adjuntas de localização (com ambas fronteiras do intervalo marcadas). As preposições que funcionam com a mesma classe de expressões são os conectores descontínuos: *de ... a*, *de ... até (a)* e a preposição *entre*<sup>64</sup>.

Nesta secção, centramos-nos na localização temporal introduzida por apenas uma preposição – *desde*.

#### 2. Significado

*Desde* usa-se para localizar uma situação durativa num intervalo fechado onde o complemento marca a fronteira inicial e a fronteira final coincide com o momento de fala.

*Desde* pode transmitir simultaneamente a informação sobre localização e duração de uma situação (*O edifício está em obras desde o dia 3 de março*).

#### 3. Natureza aspetual

As situações descritas por expressões temporais com *desde* são tipicamente durativas, daí a possibilidade de ocorrência com estados (*Ela está doente desde sexta-feira*), processos (*Ele trabalha desde 15 anos*) e processos culminados (*Ele escreve o diário desde a sua juventude*).

Neste último caso, *desde* funciona como operador aspetual, focando na duração do processo e ignorando o seu ponto de culminação.

Com pontos *desde* também desempenha o papel de operador aspetual, introduzindo uma leitura iterativa (*O carteiro bate à porta desde as 8h*).

Com culminações, que representam situações temporalmente pontuais, *desde* cria um conflito visto que a sua natureza durativa é incompatível com a natureza instantânea das situações descritas por estes predicados: \**Ele chega a casa desde as 18h*, \**Desde a tua partida, nasceu o meu sobrinho*.

Apenas quando dentro de um limite temporal introduzido por *desde* ocorrem situações de um determinado tipo e existe uma contagem delas ou há uma enumeração de eventos, torna-se possível a combinação com culminações e pontos<sup>65</sup>: *Ele não ganhou nenhum prémio desde 2008. O carteiro bateu à porta 5 vezes desde as 8 de manhã. Desde a tua partida, nasceu o meu sobrinho, compramos*

<sup>64</sup>Segundo o agrupamento proposto neste trabalho, estes conectores pertencem ao grupo de localizadores temporais que estabelecem relações de simultaneidade com a situação descrita na frase (1.1 do Quadro 5).

<sup>65</sup>Móia (1995), (2004) determina este tipo de valor temporal veiculado por meios adverbiais ou adnominais “delimitação temporal da quantificação”.

*o carro e mudamos de casa.*

#### 4. Relações temporais

Confirma-se que *desde* introduz sempre um intervalo temporal fechado, onde a fronteira final pode ser marcada pela preposição *até* ou não explicitamente marcada, mas assinalada pelo momento de fala.

*Desde* localiza uma situação como anterior ao momento de fala. Na frase *O edifício está em obras desde sábado* ficamos a saber que as obras já começaram e continuam até ao momento de fala<sup>66</sup>.

Se observarmos o comportamento de *desde* com os verbos no futuro (*\*O Paulo estará em Londres desde junho*), verificaremos uma necessidade de marcar a fronteira final: *O Paulo estará em Londres desde junho até agosto*.

No que diz respeito às situações terminadas no passado, verifica-se uma incompatibilidade entre elas e as expressões com *desde*:

*\*Desde terça-feira senti-me muito melhor (e na quarta-feira já consegui fazer um passeio curto)*. Visto que uma sucessão de eventos no passado não tem uma ligação com o momento de fala, *desde* necessita escolher uma outra fronteira final marcada por *até* para a frase ser possível: *Senti-me muito melhor desde terça-feira até quinta-feira, mas depois o meu estado piorou outra vez*.

Assim, podíamos concluir que *desde* se usa apenas para localizar uma situação anterior ao momento de fala que, por sua vez, marca a fronteira final do intervalo da localização (*Estou em Paris desde janeiro 2012*).

Pela mesma razão, as expressões temporais com *desde* não podem descrever uma situação terminada no passado, visto que sempre exigem uma ligação ao momento de fala (*\*Estive em Paris desde janeiro 2012*).

Para descrever uma situação posterior ao momento de fala ou uma situação terminada no passado, *desde* deve ter uso conjugado com *até* (*Vou estar em Paris desde janeiro até março 2015; Estive em Paris desde janeiro até março deste ano*).

#### 5. Conteúdo referencial

As observações feitas na secção anterior levam-nos a concluir que *desde* pertence à classe de conectores dêiticos.

A fronteira final do intervalo introduzido por *desde*, quando não está explicitamente marcada, coincide com o momento de fala, daí a impossibilidade de formar as expressões: *\*desde agora*, *\*desde este momento*, onde o momento de fala marca a fronteira inicial.

*Desde* pode exibir ao mesmo tempo os dois tipos de dependências referenciais<sup>67</sup>: dêitica e anafórica como demonstra o exemplo seguinte: *O Paulo partiu no dia 5 de Maio. Está incontactável desde esse dia* (anáfora), o que pressupõe também que ele “está incontactável até agora” (dêixis).

#### 6. Natureza do complemento

*Desde* opera com os intervalos de tempo (*10h, segunda-feira, maio, 2015*, etc.), incluindo os expressos por nomes eventivos (*a II Guerra Mundial, a última conferência, Newton*, etc.).

Tipicamente, *desde* introduz como o complemento uma expressão nominal (SN) ou adverbial (SAdv) que traz alguma informação temporal cronológica (sobre a localização no eixo temporal). Observam-se os seguintes variantes de uso:

DESDE + ...

advérbio dêitico de localização temporal

<sup>66</sup>As diferenças entre *desde* e *a partir de* já foram mencionadas na secção 3.2.1.

<sup>67</sup>Uma observação feita em GP (569).

*Não o vejo desde anteontem.*

nomes de unidades de tempo

*Estamos à espera que o passaporte fique pronto desde sábado/ abril/ 2013.*

NRC

*Muito tem mudado na sociedade portuguesa desde a década de 70/ desde o ano quando foi proclamada a democracia.*

nomes eventivos

*As relações entre católicos e muçulmanos permanecem tensas desde a guerra na Bósnia.*

## 7. Sinonímia

Uma locução semanticamente mais próxima de *desde* é a *partir de*, embora que a sua comparação mostre umas diferenças significativas, mencionadas acima.

Uma maneira de transmitir o significado de uma expressão temporal com *desde* por outro adverbial de tempo é usando os conectores *de ... até* (*A Ana está ao computador desde meio-dia. / A Ana está ao computador do meio-dia até agora*); ou com uma expressão introduzida por *há*: *A Ana está ao computador há X tempo.*

## 8. Erros potenciais

*\*Desde janeiro vou estudar na universidade de Berlim.*

*\*Desde hoje vou começar uma nova vida.*

*\*Estive no Porto desde 2010.*

*\*Desde 2008 comecei a jogar neste clube.*

**Sinopse conclusiva:** *desde* tipicamente realiza uma localização temporal durativa, anterior ao momento de fala. *Desde* pertence aos conectores dêiticos, introduzindo um intervalo fechado onde a fronteira inicial é marcada por um complemento e a fronteira final coincide com o momento de fala. *Desde* descreve situações primariamente no passado e presente.

### 3.2.4. *Antes (de), depois (de), após, a seguir (a) e durante. Questões de distinção*

Optamos por dedicar uma análise à parte às locuções formadas por *antes (de)*, *depois (de)*, *após* e *a seguir (a)* que pertencem a (1.2), (1.3) e (2.2) do Quadro 5, devido ao seu comportamento ambíguo na expressão de localização temporal adjunta, bem como a alguma dificuldade em definir a classe de palavras a que estas pertencem.

Do ponto de vista formal, *durante* e *após* são preposições, *a seguir* é uma locução adverbial (que em combinação com a preposição *a* se transforma numa locução

prepositiva<sup>68</sup>: *A seguir às aulas, o Pedro ajuda o pai na oficina*), e *antes* e *depois* são, primariamente, advérbios relacionais que se combinam com a preposição *de* para formar uma locução prepositiva seguida por um complemento (*O Pedro saiu antes do espetáculo. O Pedro saiu depois das 18h*).

A possibilidade de *antes*, *depois* e *a seguir* ocorrerem sem complemento, ou anaforicamente, tomando-se como referência um momento ou intervalo previamente introduzido no discurso e recuperável pelo ouvinte, prova a sua natureza adverbial (*O Pedro saiu antes. A notícia vem a seguir*). *Durante* e *após* não passam o mesmo teste (*\*O Pedro saiu durante. \*O Pedro saiu após*).

Semanticamente, as locuções prepositivas *antes de*, *depois de* e *a seguir a* combinam-se com complementos locativos ou temporais. É importante notar que enquanto estas locuções configuram o espaço relacionam-no sempre com o vetor temporal, o que significa que são marcadores prioritariamente temporais<sup>69</sup>. Vejam-se os exemplos: *Para já o ciclista português está depois do espanhol* (posição no espaço com o vetor temporal), *mas vai chegar à meta antes. O extremo poente do viaduto inicia-se a seguir às Olaias, no Vale de Chelas*.

Entretanto, com os complementos temporais o valor espacial pode não estar presente (*Depois de ouvir Mozart, ouvimos Beethoven*).

O mesmo pode ser dito sobre a preposição *após*, que organiza uma localização espacial e temporal, mas também pertence aos marcadores prioritariamente temporais<sup>70</sup> (*Segues em frente e 200 metros após viras à esquerda*: o complemento espacial traz ao mesmo tempo uma informação temporal “após percorrer 200 metros”).

Quando *antes de* e *depois de* localizam uma situação por referência a outro momento ou intervalo temporal, a distância entre o momento da localização e o momento de referência não está, tipicamente, indicada, visto que a situação acontece no interior do intervalo aberto (*A Joana chegou antes das cinco da tarde*).

Mas quando as locuções referidas relacionam duas situações, esta distância pode ser marcada por uma quantidade de tempo (*A Joana chegou 20 minutos antes do início do concerto*). Neste enunciado uma situação (“a Joana chegar”) está situada anteriormente à outra (“o concerto começar”) com uma distância entre as situações igual a 20 minutos.

---

<sup>68</sup>Esta locução prepositiva é de base preposicional devido à sua estrutura interna: A (preposição simples) + SEGUIR (verbo) + A (preposição simples).

<sup>69</sup>Para um análise aprofundada do tópico veja-se Teixeira (2001).

<sup>70</sup>Neste particular, a nossa observação contradiz à definição de *após* dada em GP (1560), segundo qual “qualquer destes domínios é básico em relação ao outro”.

Em GP (1591), este tipo de expressões define-se do seguinte modo: “Os advérbios relacionais de valor temporal *antes* e *depois* [...] admitem especificação por sintagmas nominais quantificacionais com um núcleo nominal que denota uma unidade de medida temporal” e, mais adiante, refere-se a possibilidade da ocorrência com um especificador quantificacional como característica que distingue os advérbios das preposições (ibidem: 1592).

A pouca aceitabilidade do uso da preposição *durante*, aparentemente, confirma esta conclusão (??*Três horas durante o espetáculo, o Pedro aguentou firme*<sup>71</sup>).

Porém, se analisarmos estas expressões não do ponto de vista formal, mas semântico, podemos inclui-las na classe de expressões de localização temporal que indicam uma distância entre uma situação e outra referência temporal (outra situação ou o momento de fala).

Numa frase como *A Joana chegou 20 minutos antes do concerto* optamos por definir *antes de* como locução prepositiva seguida por um complemento (SN com o nome eventivo como núcleo) e antecedida por uma expressão de quantidade de tempo (SN composta por nome que é unidade de medida temporal (*minutos*) com o quantificador numeral cardinal (*20*)).

Admitimos, que esta expressão de quantidade de tempo particulariza as relações de anterioridade e pode ser entendida como “especificador”; porém, esta qualidade deve ser atribuída não apenas ao advérbio (*20 minutos antes*) mas à locução prepositiva com o complemento (*20 minutos antes do concerto*).

Notamos também que *após*, apesar de ser considerada como preposição, também ocorre com este especificador, não só seguida por complemento mas também em posição anafórica (sem complemento):

*A turbulência começou cinco minutos após a descolagem.*

*Acolheu-me com a mesma indiferença profissional com que o vi, logo após, acolher as provas impressas que da tipografia lhe enviavam.*

Obviamente, *após*, neste último exemplo, participa na ordenação de situações, aproximando-se do advérbio *depois* que no mesmo contexto exprime o mesmo valor.

*Após* sem complemento ocorre mais frequentemente no discurso enquanto precedida por *logo*. Entretanto, os casos quando *após* ocorre com o especificador expresso por um SN (*três horas, muitos anos*, etc.) e sem complemento são muito raros. Os dados do *corpus* confirmam o caráter marginal destas ocorrências, que, porém, são

---

<sup>71</sup>Exemplo de GP (1593).

consideradas no limite aceitáveis (*Três horas após, eles foram para casa; ?Jantámos e após fomos ao cinema*).

Assim, é lícito concluir que *após* apresenta as características de uma preposição, podendo também se aproximar do advérbio quando usada sem complemento expresso e precedida por *logo* ou outro especificador.

Por sua vez, *logo*, sendo o advérbio de localização temporal, desempenha aqui o papel de especificador, visto que se combina com um SP para indicar uma distância temporal bastante curta entre as situações. Atente-se também nos seguintes exemplos:

*Nunca esqueci o comportamento dele logo após a reunião.*

*O concurso público deverá ser aberto logo depois do ato eleitoral.*

Sabemos que o advérbio *logo* também pode ser usado para representar uma localização temporal futura (mas não imediata) em relação ao momento de fala<sup>72</sup>, i.e. ter o valor dêitico.

É de notar, que o advérbio *depois*, apesar da sua natureza anafórica, em certas circunstâncias pode atribuir o mesmo valor dêitico: *Agora não posso falar. Falamos depois*. Nesta situação, ancorada no momento de fala, *depois* é o sinónimo de *logo* e *mais tarde*: *Agora não posso falar. Falamos mais logo/ mais tarde*.

Mas se tentarmos inserir nesta frase um especificador com o núcleo nominal (*5 minutos depois*), *depois* deixa de funcionar (*Agora não posso falar. \*Falamos 5 minutos depois*), sendo obrigatório substituí-lo por um conector dêitico *daqui a* (*Agora não posso falar. Falamos daqui a 5 minutos*).

O facto de *durante* não ocorrer com o especificador (*??Três horas durante o espetáculo, o Pedro aguentou firme*), nem só prova a sua natureza preposicional como, sobretudo, confirma a particularidade da localização temporal que *durante* introduz. Tipicamente, *durante* não se usa para indicar a distância entre as situações, por isso não pode ter especificador desta distância.

Mais uma observação importante prende-se num facto de uma expressão que especifica a distância temporal entre situações, tipicamente, preceder a locução prepositiva ou advérbio.

Se uma expressão de quantidade de tempo vem a seguir à locução prepositiva,

---

<sup>72</sup>Este tópico é abundantemente desenvolvido em GP(1628-1631).

ela especifica a duração do evento descrito no complemento.

Comparamos as frases onde o especificador marca a distância temporal (*A Maria chegou 20 minutos depois do início do espetáculo*: “se espetáculo começou às 19h, a Maria chegou às 19h20”) com as outras onde fica especificada a duração do evento (*Depois de 20 minutos do espetáculo, a Maria começou a ficar com sono*: “passaram 20 minutos do espetáculo e a Maria começou a ficar com sono”; *A Maria chegou a Paris em 1989. Após um ano, voltou a Genebra*: “após passar um ano em Paris a Maria voltou a Genebra”; *Durante as três horas de espetáculo*<sup>73</sup>, *o público permaneceu hipnotizado*: “o tempo todo que durou o espetáculo o público permaneceu hipnotizado”).

É importante mencionar o caráter ambíguo da preposição *durante* já que pode introduzir tanto o valor de duração como o de localização temporal. Observemos três frases:

- (1) Choveu muito *durante o fim de semana*.
- (2) Conversamos muito *durante a viagem*.
- (3) Hoje choveu *durante mais de duas horas*.

Em (1), a situação é localizada no interior de um intervalo temporal (*o fim de semana*), em (2), dentro de uma extensão temporal associada ao evento descrito pelo SN (*a viagem*), mas não está especificado se a situação ocupa todo o intervalo ou apenas parte dele<sup>74</sup>. Em (3) a situação localizada cobre todo o intervalo da localização.

Para diferenciar entre as duas preposições homônimas podemos usar os testes seguintes:

a) fazer perguntas: *quando?* (localização) ou *quanto tempo?* (duração):

- (1) *Quando* é que choveu muito? - *Durante o fim de semana*.
- (2) *Quando* é que conversamos muito? - *Durante a viagem*.
- (3) (Durante) *quanto tempo* é que choveu hoje? - *Mais de duas horas*.

b) identificar a natureza do complemento que segue a preposição:

- (1) *o fim de semana* marca o intervalo
- (2) *a viagem* apresenta um evento ao qual é associado um certo intervalo
- (3) *mais de duas horas* denota a quantidade de tempo

c) tentar substituir a preposição *durante* por uma preposição de localização temporal direta.

---

<sup>73</sup>É de notar que o artigo definido que desempenha o papel do determinante do SN (*as três horas de espetáculo*) indica exatamente a duração completa do espetáculo. Se o artigo definido não estiver presente, o significado da frase pode ser ambíguo: *Durante três horas de espetáculo, o público permaneceu hipnotizado* (o espetáculo durou mais do que três horas).

<sup>74</sup>Localização de simples sobreposição, segundo GP(573).

O valor de localização temporal, tipicamente, permite esta substituição; o de duração não:

- (1) Choveu muito *no fim de semana / este fim de semana*.
- (2) Conversamos muito *na viagem*.
- (3) \*Hoje choveu *em mais de duas horas*.

d) tentar alternar a preposição *durante* com a preposição *por*, o que se revela possível apenas quando o complemento marca a duração da situação representada pela frase:

- (1) \*Choveu muito *por fim de semana*.
- (2) \*Conversamos muito *por viagem*.
- (3) Hoje choveu *por mais de duas horas*.

d) tentar omitir a preposição *durante* sem alteração de significado. No caso de localização temporal, esta omissão revela-se impossível, enquanto para expressão de duração ela é usual:

- (1) \*Choveu muito *o fim de semana*.
- (2) \*Conversamos muito *a viagem*.
- (2) Hoje choveu *mais de duas horas*.

A distinção referida parece-nos relevante para o ensino-aprendizagem de PLE visto que em outras línguas, à preposição portuguesa *durante* podem corresponder duas preposições distintas (como em inglês: *for* e *during*)<sup>75</sup> e a questão coloca-se desde os níveis mais baixos de aprendizagem.

Por fim analisaremos os três conectores que não apresentam entre si as diferenças semânticas significativas e na maioria dos contextos podem ser alternados um por outro: *depois de*, *após* e *a seguir a*.

Uma locução prepositiva que ocorre mais frequentemente no discurso e admite uma grande variação dos complementos é *depois de*. Na secção 3.2.6. pretendemos explorar este localizador temporal com mais detalhe. Entretanto, relativamente a *após* e *a seguir a*, optamos apenas por definir as suas características de uso distintivas, visto que o seu comportamento com as classes aspetuais e o tempo da situação descrita na frase é muito semelhante ao da locução *depois de*.

*Após* e *a seguir a* usam-se primariamente para localizar uma situação posteriormente em

---

<sup>75</sup>Observação em RAPOSO, 2013: 576.

relação a outra situação com uma referência temporal. Como consequência, ambas introduzem o complemento expresso por nomes deverbais e eventivos (*Após a tempestade apareceu o arco-íris; Sinto-me sempre feliz a seguir a um bom concerto*) e podem marcar uma distância temporal entre as situações (*Poucos minutos após a tempestade apareceu o arco-íris; A notícia foi divulgada 10 horas/ logo a seguir ao acontecimento*).

*Após* ocorre também com o especificador de duração do evento descrito no complemento (*Após alguns minutos de espera, fomos embora*), enquanto *a seguir a* revela alguma resistência a este tipo de uso.

Uma construção de localização mais típica para *a seguir a* é a seguinte:

EM + nome de referência cronológica + A + SEGUIR (+ A + Nome eventivo)

*Os nomes serão revelados no dia a seguir às eleições.*

*Ontem foi dia de folga para toda a equipa; é sempre assim nos dias a seguir aos jogos.*

Esta construção permite à locução prepositiva *a seguir* ocorrer sem o complemento expresso (*Na primeira semana de agosto visitamos Londres, na semana a seguir fomos a Paris*) visto que uma combinação do nome de referência cronológica e da locução *a seguir* apresenta uma perífrase do mesmo nome com o adjetivo *seguinte* (*Na primeira semana de agosto visitamos Londres, na semana seguinte fomos a Paris*).

Nos casos em que *após* e *a seguir a* não tratam de ordenação de situações mas introduzem um intervalo aberto, com a fronteira inicial marcada pelo complemento com alguma informação temporal cronológica (como em *depois do dia 1 de maio*), encontram-se mais restrições de uso, especialmente com *a seguir a*, cuja função principal é ordenar as situações<sup>76</sup>.

Nomeadamente, observam-se muito poucas (em comparação com *depois de*) ou nenhuma ocorrência de *após* e *a seguir a* com os advérbios dêiticos (*hoje, ontem, amanhã, agora*), as horas (*após as 18h, a seguir às 8h*<sup>77</sup>) e os nomes de dias de semana.

Mesmo quando *após* introduz um intervalo aberto (*após o mês de janeiro, após a semana de Páscoa, após o domingo*, etc.), pressupõe-se que este intervalo cronológico foi marcado por algum evento (*Após o mês de janeiro particularmente difícil, fizemos uma pausa no trabalho. Após a semana de Páscoa no Algarve, voltámos para Lisboa. Após o domingo em casa, sinto-me melhor*). Em alguns casos, o carácter eventivo do complemento não está presente ou não é tão óbvio (*Após 2012 o país entrou no período de crise política. Logo após o 25 de Abril, o país avançou com as reformas democráticas*).

---

<sup>76</sup>Nota-se que esta locução prepositiva se usa frequentemente para indicar uma sequência numa lista, hierarquia ou avaliação (*As estradas portuguesas continuam a ser das mais congestionadas da Europa, logo a seguir às da Itália e acima das da Inglaterra* – CETEMPúblico: par=ext772710-opi-98a-2).

<sup>77</sup>Apesar de ser raras, estas ocorrências são possíveis: *Outra das rubricas das manhãs informativas da Antena 1 serão as entrevistas ao pequeno-almoço, a seguir às 8h00, a cargo de Sena Santos ou Adelino Gomes* (CETEMPúblico: par=ext22783-clt-96a-2).

A mesma característica observa-se em caso de *depois de*, *antes de* e *a seguir a* – dos conectores que podem ter como complemento quer o nome eventivo, quer um intervalo cronológico. No último caso, estes conectores revelam uma tendência de atribuir o valor eventivo à expressão que contem apenas uma informação temporal cronológica (*O museu foi inaugurado depois do/ antes do/ a seguir ao dia 5 de janeiro de 2014*). Pressupõe-se que o intervalo temporal (*o dia 5 de janeiro de 2014*) é marcado por algum evento que já foi ou ainda vai ser introduzido no contexto (*O museu foi inaugurado depois do dia 5 de janeiro de 2014, o dia quando ...*). Assim, estamos perante duas situações que ficam ordenadas pelos conectores referidos.

### 3.2.5. ANTES DE (Tempo)

#### 1. Estatuto categorial e estrutura interna

*Antes de* é uma locução prepositiva de base adverbial

ANTES (advérbio) + DE (preposição simples)

*Antes* pertence à classe de advérbios relacionais (temporais e espaciais<sup>78</sup>).

*Antes* (quer com o valor espacial, quer com o valor temporal) pode ocorrer sem um complemento explícito à sua direita: *Já vi este filme antes. / Agora estamos a passar por cima da montanha. A nossa casa fica um pouco antes.*

#### 2. Significado

Expressões temporais com *antes (de)* usam-se para localizar uma situação como anterior em relação à outra situação sem ou com uma distância temporal entre as situações marcada (*A avaria foi detetada antes da descolagem do avião. O ministro demitiu-se dois anos antes do termo do seu mandato*). Por outras palavras, *antes de* participa na ordenação de situações e constitui o inverso da locução *depois de*.

Além disso, *antes de* pode localizar uma situação pontual ou durativa num intervalo aberto com a fronteira inicial marcada (*É raro deitar-me antes das cinco ou seis da manhã; Por causa da greve, hoje o metro não circula antes das 9h30*) exprimindo o valor aproximado da localização.

#### 3. Natureza aspetual

*Antes de* combina-se com estados (*Antes das 11h estou em casa; Vivemos em Moscovo antes de 2010*)

---

<sup>78</sup> Segundo Teixeira (2001: 492), “o espaço que antes/depois configura não é o espaço-em-si, a pura espacialidade, mas antes as vertentes espaciais implicadas num processo temporal. Mesmo a sua aplicabilidade aparentemente espacial, com figurantes estáticos, assenta no dinamismo de um movimento potencial entre um Exp e os outros figurantes da situação”.

Por outras palavras, *depois (de)* é um marcador prioritariamente temporal, porque todos os usos espaciais deste advérbio (locução prepositiva) incluem o vetor temporal (*Para já o ciclista português está depois do espanhol* (posição no espaço com o vetor temporal), *mas vai chegar à meta antes*).

e processos<sup>79</sup> (*Os ornitólogos vêm trabalhar nesta zona do país antes do início do outono*), acentuando, quando ocorre com os predicados no presente, a fase inicial do estado ou processo; e no passado - duração da situação.

Com processos culminados, *antes de* permite duas variantes de uso dependendo da situação descrita na frase: uma fica limitada à fase processual do evento – interpretação durativa (*Ele escrevia o seu diário antes de 2009 e depois deixou de tomar notas*; nesta frase o Pretérito Imperfeito contribui para a expressão deste valor, acentuando uma habitualidade da situação no passado); outra salienta o ponto de culminação próprio – interpretação inclusiva (*Ele escreveu o seu artigo antes do dia 1 de janeiro, como tinha sido combinado com o editor: “no dia 1 de janeiro o artigo já estava escrito”*).

Quando *antes de* ocorre com culminações, salienta-se que uma situação pontual descrita na frase ocorre no interior do intervalo indicado pelo complemento, perto da sua fronteira final, mas não coincide com ela nem vem depois dela (*A Lei entra em vigor antes do dia 1 de setembro: “A Lei entra em vigor, o mais tardar, no dia 31 de agosto”*).

Pode ainda significar que a situação pontual acontece a qualquer momento dentro de um intervalo com a fronteira final marcada (*O Pedro chega a casa antes das 21h: “O Pedro tipicamente já está em casa às 21h, mas não tenho certeza sobre a hora certa da sua chegada”*).

Este último significado também pode ser atribuído às situações descritas por verbos pontuais em combinação com *antes de* (*O carteiro bate à porta antes das 8h: “o carteiro costuma a bater à porta por volta das 7h30-8h”*).

#### 4. Relações temporais

*Antes de* pode introduzir uma expressão temporal durativa (*A sua firma já era uma casa de câmbio antes do dia 1 de janeiro de 1973*) ou inclusiva (*Ele chegou a casa antes da meia-noite*).

Observa-se que em caso de uma situação durativa, *antes de* ocorre apenas com os verbos no passado (*Antes de 2001 ele estudava na universidade de Berlim*).

Entretanto, quando a situação durativa fica localizada no futuro ou no presente *antes de* funciona como o operador aspetual acentuando o momento inicial do estado ou do processo (*O Pedro vai nadar antes das 11h: “o Pedro vai começar a nadar antes das 11h”*). Comparamos esta frase com *O Pedro vai nadar até às 11h* onde a situação é concebida como prolongada no tempo.

É importante mencionar que muitas vezes quando *antes de* descreve uma situação durativa e introduz um intervalo cronológico (*antes de janeiro de 2016, antes da segunda-feira*, etc.), pressupõe-se que este intervalo temporal é marcado por algum evento que já foi ou ainda vai ser introduzido no contexto: *A Maria trabalhou na escola antes de 2013 (quando nasceu a sua filha)*. Assim, atribui-se o valor eventivo ao adjunto que é portador, apenas, de uma informação temporal (*antes de 2013*) e estamos perante duas situações que ficam ordenadas por *antes de*<sup>80</sup>.

Neste contexto, uma situação durativa no futuro também pode ser localizada por *antes de*: *Durante a nossa viagem pela Europa queremos visitar várias cidades. Em junho visitamos Londres, antes de agosto (quando a cidade começa a ficar cheia de turistas) vamos estar em Paris, depois queríamos ver Berlim*.

As expressões temporais introduzidas por *antes de* podem descrever situações culminativas terminadas na sua totalidade no passado (*Ele chegou a casa antes da meia-noite*), o que não acontece em caso de *até* (*\*Ele chegou a casa até à meia-noite*).

Quando *antes de* ordena situações, pode ocorrer no passado (*Ontem, antes do almoço, fomos ao*

---

<sup>79</sup>As particularidades do comportamento aspetual de *antes de* em combinação com estados e processos no futuro são observadas mais adiante.

<sup>80</sup>*Depois de* e *após* revelam a mesma característica.

*museu*), no presente (*Todos os sábados, antes do almoço, vamos ao museu*) e no futuro (*Este sábado, antes do almoço, vamos ao museu*).

## 5. Conteúdo referencial

Tipicamente, *antes de* marca anterioridade em relação a uma outra referência temporal (*antes da guerra, antes 2015, antes daquele dia, etc.*) e não em relação ao momento de fala (*\*antes de agora, \*antes deste momento*), o que indica a sua natureza anafórica.

*Antes de* pode introduzir como complemento os advérbios de natureza dêitica (*ontem, hoje, amanhã*): *O candidato não fará conhecer a sua posição antes de hoje ou amanhã. As duas senhoras não se conheciam antes de ontem, apesar de durante anos frequentarem o mesmo ginásio.*

Observe-se que numa situação que coincide com o momento de fala é possível o uso do advérbio *antes* sem complemento (*Não vamos discutir este tema agora porque falamos sobre isto antes*).

Entretanto, com uma distância temporal especificada, isto já não acontece (*??Não vamos discutir este tema agora porque falamos sobre isto dois dias antes*). No último caso, usam-se expressões dêiticas com *há* (*Não vamos discutir este tema agora porque falamos sobre isto há dois dias*).

Entretanto, no discurso indireto localizado no passado, podem ocorrer ambos conectores: *Ele disse que tinha comprado o carro dois meses antes /há dois meses*.

## 6. Natureza do complemento

Como já referimos acima, *antes de* localiza temporalmente uma situação em relação a outra, daí a possibilidade do seu complemento incluir o nome eventivo ou deverbal (*antes do concerto, antes da entrada do país na zona Euro, etc.*) com ou sem especificador temporal de duração (*Decidimos comer alguma coisa antes de cinco horas de viagem*)<sup>81</sup>.

Muitas vezes a locução prepositiva *antes de* está acompanhada por especificador que indica a distância temporal entre as situações<sup>82</sup> (*A avaria foi detetada poucos minutos antes da descolagem do avião*); neste caso, o complemento pode não estar expresso (*O aluno respondeu à questão colocada alguns minutos antes*).

Além disso, *antes de* localiza situações mediante a fronteira final do intervalo também expresso por complemento com SN que traz alguma informação temporal cronológica (*antes das 18h, antes de 2015, etc.*).

Observam-se os seguintes variantes de uso:

ANTES DE + ...

nome eventivo

*A rendibilidade da indústria caiu antes da recessão de 1993*<sup>83</sup>.  
*O treino realizar-se-á esta manhã antes da corrida.*

nome eventivo com especificador temporal<sup>84</sup>

---

<sup>81</sup>Os complementos oracionais não são observados neste trabalho.

<sup>82</sup>O especificador referido pode ser expresso por várias entidades temporalmente ordenadas, como intervalos, situações ou indivíduos (*Falámos sobre este tema três aulas antes/ há três aulas*). Segundo Mória (2003: 98), este processo chama-se "**contagem** de entidades temporalmente ordenadas" a partir do ponto de ancoragem.

<sup>83</sup>CETEMPúblico: *par=ext388080-eco-97a-4*

*O piloto deve descansar bem antes de seis horas do voo.*

especificador temporal + ANTES DE + nome eventivo

*O João chegou dez minutos antes do jogo.*

*Ela começa a sentir-se nervosa algumas horas antes da tempestade.*

advérbios dêiticos

*Não vou conseguir fazer a transferência bancária antes de amanhã.*

numeral + NRC/NUT<sup>85</sup>

*Os trabalhos deverão ser entregues antes do dia 1 de janeiro / antes da segunda-feira/ antes de dezembro.*

*Podes ligar-nos antes das 23h.*

*O tenista português defronta hoje, não antes das 18h, o líder da competição, tenista espanhol.*

## 7. Sinonímia

Quando *antes de* faz uma localização inclusiva aproxima-se às expressões temporais com *até*: Comparamos as frases *O trabalho deve ser entregue antes do dia 5 de outubro* e *O trabalho deve ser entregue até ao dia 5 de outubro*. Quer *antes de* quer *até* introduzem um intervalo onde a situação pode acontecer a qualquer momento. Porém, se *até* permite a situação ocorrer no limite final do intervalo (“O trabalho deve ser entregue, o mais tardar, no dia 5 de outubro”), *antes de* pressupõe que a situação ocorre antes deste ponto temporal (“O trabalho deve ser entregue, o mais tardar, no dia 4 de outubro”).

Em caso de uma situação durativa, as expressões com *antes de* e *até* também são semanticamente muito próximas, mas não completamente substituíveis, o que ilustram os exemplos: *A Maria trabalha antes das 19h*. (“A Maria pode acabar de trabalhar mais cedo do que as 19h”; “a Maria começa e acaba de trabalhar antes das 19h”).

*A Maria trabalha até às 19h*. (“A Maria acaba de trabalhar às 19h”)

Locuções que podem substituir *antes de* na sua função de ordenar as situações são *na frente de* e *mais cedo do que*:

*João chegou na frente / mais cedo do que o/ antes do Pedro*

Quando a distância temporal entre as situações fica marcada por especificador e o complemento não está expresso, *antes* pode alternar com, *há* (no passado): *A Maria chegou a casa e ficou a saber que o João tinha saído meia-hora antes/ há meia-hora*.

## 8. Erros potenciais

\**Nunca pensei nesta alternativa antes de agora*.

\**Não vamos discutir este tema agora porque falámos sobre isto dois dias antes*.

\**Vamos viver em Londres antes de 2016* (interpretação durativa).

**Sinopse conclusiva:** a função principal de *antes de* consiste em ordenação de situações exprimindo o

---

<sup>84</sup>Especificador temporal tipicamente indica uma quantidade do tempo (que o evento dura ou que separa as situações), e pode ser expresso por nomes de informação temporal (*momento, tempo, instante, etc.*) ou nomes de referência cronológica (*segundo, minuto, hora, dia, ano, etc.*) com vários quantificadores (*muitos, poucos; cinco, vinte; vários, etc.*)

<sup>85</sup>Nomes de unidades do tempo (*segunda-feira, janeiro, 2015, etc.*)

valor de anterioridade e tendo o caráter anafórico. *Antes de* opera com os complementos expressos por nomes eventivos e aceita os especificadores que indicam uma duração destes eventos ou uma distância temporal entre as situações. *Antes de* também pode formar um intervalo aberto com a fronteira final marcada, exprimindo o valor aproximado da localização. Combina-se com situações no passado, presente e futuro.

### 3.2.6. DEPOIS DE (Tempo)<sup>86</sup>

#### 1. Estatuto categorial e estrutura interna

*Depois de* é uma locução prepositiva de base adverbial

DEPOIS (advérbio) + DE (preposição simples)

*Depois* pertence à classe de advérbios relacionais (temporais e espaciais<sup>87</sup>).

*Depois* (quer com o valor espacial, quer com o valor temporal) pode ocorrer sem um complemento explícito à sua direita: *Falamos sobre este assunto depois.* / *Agora estamos a passar por cima da montanha. A nossa casa vem depois.*

#### 2. Significado

As expressões temporais com *depois (de)* usam-se para localizar uma situação como posterior em relação à outra situação sem (*O museu foi inaugurado depois das últimas eleições presidenciais*) ou com uma distância temporal entre as situações marcada (*O museu foi inaugurado uma semana depois das últimas eleições presidenciais*). Por outras palavras, *depois de* participa na ordenação de situações<sup>88</sup>.

Além disso, *depois de* pode localizar uma situação pontual ou durativa num intervalo aberto com a fronteira inicial marcada (*O museu foi inaugurado depois do dia 1 de setembro; Estou em casa depois das 20h*) exprimindo o valor aproximado da localização.

#### 3. Natureza aspetual

*Depois de* combina-se com todas as classes aspetuais.

Quando *depois de* ocorre com culminações, salienta-se que uma situação pontual descrita na frase ocorre logo depois da fronteira inicial do intervalo indicado por complemento, mas não antes (*O museu foi inaugurado depois do dia 1 de setembro*: “o museu foi inaugurado num dos dias que seguem o dia 1 de setembro”), ou que a situação pontual pode/podia acontecer a qualquer momento dentro de um intervalo com a fronteira inicial marcada (*Chego a casa depois das 19h*: “Chego a casa mais tarde do que as 19h, mas não tenho certeza sobre a hora certa”).

O último significado também pode ser atribuído às situações descritas por verbos pontuais em combinação com *depois de* (*O carteiro bate à porta depois das 8h*: “Todos os dias o carteiro bate à porta por volta das 8h15-8h30”).

Com outros predicados, *depois de* desempenha o papel do operador aspetual.

Assim, *depois de* acentua o momento inicial em combinação com estados (*Estou em casa depois das 18h*: “Chego a casa mais tarde do que as 18h e fico lá”) e processos (*Ele trabalha depois das 9h*: “Ele começa a trabalhar mais tarde do que as 9h e continua a trabalhar”).

Com processos culminados *depois de* salienta uma duração, ignorando a culminação (*Depois das 16h, a Maria escreve os relatórios*: “Todos os dias à tarde a Maria começa a escrever os relatórios e

---

<sup>86</sup>Visto que os conectores *após* e *a seguir a* são semanticamente próximos a *depois de* e não apresentam diferenças significativas na sua natureza aspetual ou em relações temporais, optamos por descrever as características referidas só uma vez, relativamente a *depois de*. Entretanto, as diferenças de uso entre os conectores em questão já foram observadas na secção 3.2.4.

<sup>87</sup>Como já referimos, *depois (de)* é um marcador prioritariamente temporal.

<sup>88</sup>Mais um valor circunstancial que pode surgir na ordenação de situações introduzida por *depois de* é de sequência-causa (*Depois de treinos intensivos, ele ganhou a corrida*).

passa algum tempo fazendo isto”).

#### 4. Relações temporais

Como já foi mencionado, *depois de* pode fazer uma localização aproximada de uma situação pontual (*O museu foi inaugurado depois do dia 1 de setembro*: “O museu foi inaugurado no dia qualquer que segue o dia 1 de setembro”), *durativa* (*Ele vai trabalhar depois das 9h*: “o processo de trabalhar começa mais tarde do que as 9h e prolonga-se durante algum tempo”) ou *inclusiva* (*Ele chega a casa depois das 18h*: “a qualquer momento depois das 18h”).

O facto de que *depois de* ordena situações através de relações de posterioridade, permite às expressões temporais introduzidas por esta locução prepositiva ocorrer com as situações no passado (*Ontem, depois do almoço, fomos ao museu/dormimos em casa*), no presente (*Todos os sábados, depois do almoço, vamos ao museu/dormimos em casa*) e no futuro (*Este sábado, depois do almoço, vamos ao museu/dormimos em casa*).

As expressões com *depois de* também são compatíveis com as situações pontuais terminadas na sua totalidade no passado: *Ele chegou depois da meia-noite; Fiquei a saber esta notícia depois do dia 1*, o que não acontece, por exemplo, com *a partir de*.

#### 5. Conteúdo referencial

Tipicamente, *depois de* marca posterioridade em relação a uma outra referência temporal (*depois do teu aniversário, depois de 2015, depois daquele dia*, etc.); não em relação ao momento de fala (*\*depois de agora, \*depois deste momento*), o que indica a sua natureza anafórica.

*Depois de* pode introduzir como complemento os advérbios de natureza dêitica (*ontem, hoje, amanhã*). Uma expressão *depois de amanhã* que localiza a situação no Futuro, nomeadamente no intervalo do dia que vem segundo depois do dia do momento de fala, pode ser considerada fixa (*Depois de amanhã, vou ao médico*).

Enquanto o advérbio dêitico refere o tempo anterior ao momento de fala, verifica-se uma particularidade semântica: o significado de uma expressão temporal com *depois de* traz o certo valor eventivo (*Mas depois de ontem, ninguém no partido pode dizer que não foi avisado*: “depois do que foi dito ontem”; *Tinha boa impressão dele como jogador e como pessoa, mas depois de hoje já não*; “depois do que ele fez/disse hoje”)<sup>89</sup>. Reparámos que na língua existem as palavras que indicam “o dia depois de ontem” (*hoje*) e “o dia depois de hoje” (*amanhã*), que tira a necessidade destas expressões.

Observa-se que numa situação que coincide com o momento de fala é possível o uso do advérbio *depois* sem complemento (*Agora não posso falar. Falamos depois*). Entretanto, com uma distância temporal especificada, isto já não acontece (*Agora não posso falar. \*Falamos 5 minutos depois*).

#### 6. Natureza do complemento

Como já referimos acima, *depois de* realiza a localização temporal de uma situação em relação a outra, daí a possibilidade do seu complemento incluir o nome eventivo ou deverbal (*depois das aulas, depois da publicação do livro*, etc.) com ou sem especificador temporal (*depois de cinco horas de viagem*).

Há casos quando o nome eventivo não está presente no complemento, mas é recuperável no discurso anterior (*Nós começámos a conversar e, depois de 5 minutos, percebemos que temos muitos interesses comuns*: “depois de 5 minutos de conversa”).

---

<sup>89</sup>Estes exemplos apresentam os casos de orações elididas, reduzidas a uma única informação temporal.

Além disso, *depois de* localiza situações mediante a fronteira inicial do intervalo também expresso por complemento com SN que é portador de alguma informação temporal cronológica (*depois das 18h, depois do ano 2015, etc.*).

Observam-se os seguintes variantes de uso:

DEPOIS DE + ...

nome eventivo

*Ontem, em conferência de imprensa depois do congresso, o presidente do PSD afirmou que...*

*Depois do concerto, sinto-me sempre muito feliz.*

nome eventivo com especificador temporal

*Depois de cinco horas de viagem, chegámos finalmente a Lisboa.*

*Depois de duas horas na água, sinto-me esgotado.*

*Depois de horas e horas em filas, conseguimos receber o certificado.*

*Depois de várias tentativas falhadas, ele desistiu.*

*Depois de algumas hesitações, avançou.*

especificador temporal + DEPOIS DE + nome eventivo

*O João chegou dez minutos depois do início do jogo.*

numeral + NRC/NUT

*Só depois de segunda-feira é que devemos ter novidades para anunciar.*

*Liga-me depois das 18h.*

*E, finalmente, depois do dia 1 de Setembro, vou estar de férias.*

## 7. Sinonímia

Os conectores que podem substituir *depois de* na sua função de ordenação das situações são *após* e *a seguir a*, visto que entre os conectores referidos não se encontram as diferenças semânticas significativas<sup>90</sup>.

*Depois da / a seguir à / após a tempestade apareceu o arco-íris.*

*Alguns minutos depois da / a seguir à / após a tempestade apareceu o arco-íris.*

*Depois de / após / a seguir a dois meses de seca, começou a época de chuvas.*

Quando *depois de* introduz uma localização pontual aproximada, tem como sinónimos expressões com os mesmos conectores *após* e *a seguir a*:

*O museu foi inaugurado depois do dia 3 de junho / após o dia 3 de junho/ a seguir ao dia 3 de junho.*

Em casos de uma localização inclusiva, *depois de* pode ser substituído por uma expressão *mais tarde do que*:

*A Maria sempre chega a casa depois das 20h /mais tarde do que as 20h.*

Para exprimir uma posterioridade numa sequência de situações (valor anafórico), *depois* (sem complemento expresso) pode ser substituído por locuções *a seguir* e *mais tarde*:

*Jantámos e depois /a seguir/ mais tarde fomos ao cinema.*

---

<sup>90</sup>A análise de algumas diferenças de uso entre estas locuções foi apresentada na secção 3.2.4.

Quando a distância temporal entre as situações fica marcada por um especificador, *depois* pode alternar com locuções *daí a*, *dali a*, *passado/a(s)*, *mais tarde*:

*Ele contou-me que a polícia lhe pediu para sair do carro e meia-hora depois/ daí dali a meia-hora/ passada meia-hora/ meia-hora mais tarde prendeu-o por excesso de álcool no sangue.*

#### 8. Erros potenciais

É importante ter em conta o valor anafórico desta locução prepositiva e não a usar nas situações dêiticas: *Agora não posso falar. \*Falamos 5 minutos depois.* A frase correta seria: *Falamos daqui a cinco minutos*, onde *daqui a* permite marcar a distância entre o momento de fala e uma situação posterior.

*\*Depois de agora vou mudar a minha vida.*

**Sinopse conclusiva:** a função principal de *depois de* consiste em ordenação de situações exprimindo o valor de anterioridade e tendo o caráter anafórico. Assim, *depois de* opera com os complementos expressos por nomes eventivos, aceitando os especificadores temporais destes. *Depois de* também pode formar um intervalo aberto com a fronteira inicial marcada exprimindo o valor aproximado da localização. Combina-se com situações no passado, presente e futuro.

### 3.2.7. DENTRO DE (Tempo)

#### 1. Estatuto categorial e estrutura interna

*Dentro de* é uma locução prepositiva de base adverbial

DENTRO (advérbio) + DE (preposição simples)

*Dentro* pertence à classe de advérbios relacionais (espaciais).

Quando *dentro de* introduz o valor espacial, pode ocorrer com ou sem um complemento expresso: *A mala ficou dentro do carro. / A mala ficou lá dentro.*

Quando *dentro de* tem o valor temporal, sempre ocorre com o complemento expresso (*A sua chamada vai ser atendida dentro de minutos / \*A sua chamada vai ser atendida dentro*)

#### 2. Significado

*Dentro de* usa-se para localizar de forma menos precisa uma situação pontual no futuro, indicando uma extensão temporal (quantidade de tempo) dentro da qual a situação pode ter lugar a qualquer momento<sup>91</sup>: *Ele chega a casa dentro de duas horas* = “Ele pode chegar a casa aproximadamente desde agora até daqui a duas horas, mas o falante não tem certeza sobre a hora exata ou não tem intenção de a exprimir”).

#### 3. Natureza aspetual

*Dentro de* combina-se bem com eventos pontuais: culminações (*Ele chega a casa dentro de duas horas*) e pontos (*Ele bate à porta dentro de cinco minutos*). Nestes casos descreve situações pontuais.

Pode também funcionar como operador aspetual acentuando o ponto de culminação, com processos culminados (*Ele escreve o artigo dentro de dois dias*: “Antes de passarem dois dias, o artigo estará escrito”) ou o momento inicial, com estados (*Estou em casa dentro de duas horas*: “Chego a casa dentro de duas horas”).

#### 4. Relações temporais

*Dentro de* tem uma orientação prospetiva: marca relações temporais como posteriores ao momento de fala, e tipicamente se usa para localizar situações no futuro: *O museu vai ser inaugurado dentro de semanas. Dentro de alguns minutos pode começar a chover.*

Por essa razão, *dentro de* não ocorre com as situações anteriores ao momento de fala e terminadas no passado (cf. *\*Ele saiu de casa e voltou dentro de duas horas*).

Entretanto, *dentro de* pode ser usado no passado 1) quando o momento de fala também se situa no passado no discurso indireto: *Ele disse ao seu chefe que entregasse o relatório dentro de duas horas*; ou 2) quando uma expressão temporal introduzida por *desde* é aplicada numa narrativa que descreve situações no passado, para exprimir uma localização temporal imprecisa (*Pouco faltava para as duas da manhã quando se soube que Vera Jardim iria a Caxias dentro de pouco tempo*<sup>92</sup>).

Uma situação pontual descrita na frase tipicamente fica localizada no interior de uma extensão temporal, introduzida pela locução prepositiva *dentro de*, com a possibilidade de acontecer a qualquer momento, o que prova o carácter inclusivo desta localização: *Ele chega a casa dentro de duas horas* = “Ele pode chegar a casa desde agora até daqui a

<sup>91</sup> Além deste valor, *dentro de* pode ser usado para descrever os ‘eventos planeados’, se a localização temporal for mais precisa (*Dentro de uma semana, a esta hora, ele estará a trabalhar em Londres*).

<sup>92</sup>CETEMPúblico: par=ext1366823-soc-96a-3

duas horas”.

### 5. Conteúdo referencial

*Dentro de* pertence aos conectores temporais dêiticos, visto que, tipicamente, faz uma localização temporal relativamente ao momento de fala, nomeadamente, introduz uma extensão temporal, cujo início coincide com o momento de fala.

Uma frase *Ligo-te dentro de uma hora* significa que o falante promete fazer uma telefonema no interior do intervalo de uma hora, contando a partir do momento de fala.

### 6. Natureza do complemento

*Dentro de* opera com as quantidades de tempo (*meia-hora, alguns minutos, momentos, etc.*).

Tipicamente, *dentro de* introduz uma expressão nominal (SN) que traz alguma informação sobre a quantidade de tempo. Observam-se os seguintes variantes de uso:

DENTRO DE + ...

artigo indefinido + NIT/ NRC

*A notícia segue dentro de momentos/ dentro de segundos / dentro de minutos*

*O impacto pleno desta catástrofe só dentro de anos/ dentro de horas/ dentro de dias/ dentro de semanas se verá*

advérbios vagos (*pouco, algum, muito*) + NIT/NRC

*Esta situação só se deve verificar dentro de muitos meses*

*Pode começar a nevar dentro de pouco tempo*

numeral + NRC

*A empresa irá introduzir esta inovação dentro de cinco anos*

*Ninguém poderá dizer o que será a União Soviética dentro de um ano*

Visto que *dentro de* introduz as quantidades de tempo, esta locução prepositiva não se usa com os nomes de unidades de tempo (*sábado, janeiro, 2015*).

### 7. Sinonímia

Uma locução semanticamente mais próxima de *dentro de* é *daqui a*.

Mas enquanto *dentro de* exprime incerteza sobre o ponto de localização temporal de uma situação (*Chego a casa dentro de duas horas*: “chego a casa no interior do intervalo de duas horas”), *daqui a* localiza a situação no momento preciso, separado do momento de fala por uma certa quantidade de tempo (*Consigno chegar a casa daqui a 40 minutos* = “o falante estima a quantidade de tempo exata que ele demora até chegar a casa”).

Para transmitir o valor semântico temporal que apresentam os advérbios com *dentro de*, é possível usar as expressões seguintes: *Chego a casa em menos de duas horas/ nas próximas duas horas*.

### 8. Erros potenciais

É importante ter em conta o valor dêitico desta locução prepositiva e não a usar nas situações anafóricas:

\**A sua chamada vai ser atendida dentro dos momentos.*

\**Ele saiu de casa e voltou dentro de duas horas.*

**Sinopse conclusiva:** *dentro de* forma adjuntos adverbiais que fazem uma localização temporal inclusiva de situações pontuais. A localização referida é, tipicamente, organizada em relação ao momento de fala como posterior a este.

### 3.2.8. DAQUIA / DAÍ A / DALIA

#### 1. Estatuto categorial e estrutura interna

*Daqui a, daí a e dali a* fazem parte de expressões temporais semifixas<sup>93</sup>

DE (preposição simples) + AQUI / AÍ / ALI (advérbio) + A (preposição simples)

Estas expressões sempre exigem o complemento expresso<sup>94</sup> (*Encontramos-nos daqui a /daí a/ dali a duas horas*; cf. \**Encontramos-nos daqui a/daí a/ dali a*).

#### 2. Significado

Tipicamente, *daqui a, daí a e dali a* localizam uma situação pontual posteriormente, num momento preciso, separado do momento de fala ou de uma outra referência temporal por uma certa quantidade de tempo: *Ele chega a casa daqui a duas horas* = “Se agora são 10h, ele chega a casa às 12h”.

Quando o complemento indica uma quantidade de tempo indefinida, a localização pontual torna-se menos precisa: *Ele chega a casa daqui a minutos*: “Ele pode chegar a casa aproximadamente desde agora até daqui a alguns minutos. O falante não tem certeza sobre a hora exata ou não pretende esclarecer esse facto”).

#### 3. Natureza aspetual

*Daqui a/daí a/ dali a* combinam-se bem com eventos pontuais: culminações (*Ele chega a casa daqui a duas horas*) e pontos (*Ele bate à porta daqui a cinco minutos*) e descrevem, portanto, situações pontuais.

Podem também funcionar como operadores aspetuais<sup>95</sup> acentuando a fase inicial com estados (*Estou em casa daqui a duas horas*: “Chego a casa daqui a duas horas”), processos (*Ele trabalha daqui a duas horas*: “Ele começa a trabalhar daqui a duas horas”) e processos culminados (*Ele escreve o artigo daqui a dois dias*: “Ele começa a escrever o artigo daqui a dois dias”).

#### 4. Relações temporais

*Daqui a/daí a/ dali a* marcam relações temporais como posteriores ao momento de fala (*daqui a; daí a/ dali a* – apenas no discurso indireto) ou a um momento de referência, introduzido previamente no discurso (*daí a/ dali a*).

*Daqui a* tem uma orientação prospetiva (usa-se com os verbos no presente e futuro: *Entrego o relatório daqui a duas horas*).

<sup>93</sup>O estatuto categorial destas construções foi brevemente discutido no Capítulo II do presente trabalho.

<sup>94</sup>*Daqui, daí e dali* são usados como autónomos enquanto advérbios do espaço.

<sup>95</sup>I.e. alterando a classe aspetual básica das predicacões com que se combina.

No discurso indireto, quando o momento de fala se situa no passado, *daqui a* é substituído por *daí a/ dali a*, não perdendo a ligação com o momento de fala (*Ele disse ao seu chefe que entregasse o relatório daí a/ dali a duas horas*).

*Daí a/ dali a* não apresenta restrições de uso com situações localizadas no passado, presente ou futuro e participa na ordenação destas: *Ele saiu de casa e voltou daí a/dali a duas horas / Normalmente o pai sai de casa e daí a/ dali a 40 minutos está no trabalho / Eu mando-te a mensagem e, daí a/ dali a dois minutos, tu respondes*.

## 5. Conteúdo referencial

*Daqui a* sempre introduz uma localização temporal, tendo como referência o momento de fala (conector temporal dêítico), o que indica também o advérbio dêítico *aqui*, incluído nesta locução prepositiva. Por outras palavras, *daqui a* introduz uma extensão temporal, cujo início coincide com o momento de fala.

Por sua vez, expressões temporais com *daí a/ dali a* apresentam o valor anafórico determinado por advérbios anafóricos *ai* e *ali*. *Daí a* faz uma localização que depende de uma outra referência temporal (o seu antecedente).

## 6. Natureza do complemento

*Daqui a/ daí a/ dali a* operam com as quantidades de tempo (*meia-hora, alguns minutos, momentos, etc.*).

Tipicamente, *daqui a/ daí a/ dali a* introduzem uma expressão nominal (SN) que traz alguma informação sobre a quantidade de tempo. Observam-se os seguintes variantes de uso:

DAQUI A/ DAÍ A/ DALI A + ...

artigo indefinido + NIT/NRC

*A «Science on-line» abre as suas portas ao público do mundo inteiro daqui a dias*<sup>96</sup>.

*O grande jogo começa daqui a momentos.*

*O Pedro ligou-me para dizer que o jogo começava daí a minutos.*

advérbios vagos + NIT/NRC

*O avô completa, daqui a alguns meses, 80 anos.*

*O casamento está marcado para daqui a pouco tempo.*

*Falamos daqui a pouco* (um elipse de palavra “tempo”, expressão fixa)

*Ele contou-me que a polícia lhe pediu para sair do carro e, dali a pouco, prendeu-o por excesso de álcool no sangue.*

numeral + NRC

*A infraestrutura irá entrar em funcionamento daqui a três anos.*

*Com 75 anos, ele levanta-se todos os dias às cinco da manhã para, daí a uma hora, dar início a uma aula de Yoga*

Estas locuções prepositivas não se usam com os nomes de unidades de tempo (*sábado, janeiro, 2015*).

## 7. Sinonímia

Uma locução semanticamente mais próxima de *daqui a* é *dentro de*.

Quando o complemento é expresso por uma quantidade de tempo indefinida (*minutos, algumas*

---

<sup>96</sup>CETEMPúblico: *par=ext1224793-clt-96b-4*:

*semanas, pouco tempo, etc.*), *daqui a* e *dentro de* apresentam o mesmo significado - “localização pontual aproximada organizada em relação ao momento de fala” (*As notícias começam daqui a alguns minutos/ dentro de alguns minutos*). Mais uma possibilidade sinonímica seria: *As notícias começam nos próximos minutos*.

Quando o complemento é expresso por uma quantidade de tempo definida (*três horas, um ano, 40 minutos, etc.*), a diferença no significado entre as expressões temporais introduzidas por *daqui a* e *dentro de* manifesta-se do seguinte modo.

*Dentro de* permite uma interpretação de uma localização aproximada, i.e. a possibilidade de uma situação acontecer quer no interior de uma extensão temporal quer na sua fronteira final (*O site irá começar a funcionar dentro de uma hora*: “o site pode começar funcionar a qualquer momento no intervalo desde o momento atual até uma hora mais tarde”).

*Daqui a* localiza tipicamente a situação no momento preciso, separado do momento de fala por uma certa quantidade de tempo (*O site irá começar a funcionar daqui a uma hora*: “se agora são 10h, o site começa a funcionar às 11h”).

Relativamente às diferenças de uso entre *daí a* e *dali a* que apresentam o valor idêntico<sup>97</sup> verifica-se na base da análise dos *corpora* uma prevalência de ocorrências com *daí a*. É possível que na oralidade o número de ocorrências de *dali a* para as mesmas situações seja maior. Da nossa observação, quando nas narrativas há uma prevalência de *dali a* sobre *daí a* nas restantes situações de comunicação o uso é equilibrado.

As locuções semanticamente próximas de *daí a/ dali a* são *depois de, passado/a(s), mais tarde*.

Para exprimir uma posterioridade numa sequência de situações (valor anafórico), podem ser usados quer *daí a/ dali a, quer depois de, após e passado/a(s)*:

*Ele contava que a polícia lhe pediu para sair do carro e daí à meia-hora/ dali à meia-hora/ meia-hora depois/ passada meia-hora/ meia-hora mais tarde prendeu-o por excesso de álcool no sangue.*

*Com 75 anos, ele levanta-se todos os dias às cinco da manhã para, daí a uma hora/ dali a uma hora/ uma hora depois/ passada uma hora/ uma hora mais tarde, dar início a uma aula de Yoga*

Com o valor dêitico no discurso indireto, é possível o uso de *daí a/ dali a* e *depois*:

*O Pedro ligou-me para dizer que o jogo começaria daí a minutos/ dali a minutos poucos minutos depois.*

Note-se que os sintagmas preposicionais introduzidos por *daqui a/ daí a/ dali a* constituem o inverso das expressões temporais com *há*, que marcam um tempo anterior ao momento de fala ou a um momento de referência. Cf. *A Lei entrou em vigor há três dias. A Joana chegou às 6h. O Pedro tinha saído há 5 minutos.*

## 8. Erros potenciais

\**Ligo-te em 10 minutos.*

\**O teste oral está feito. Pouco depois, os professores irão anunciar os resultados.*

\**A Maria prometeu-me enviar os resultados da análise após dois dias.*

\**Ele saiu de casa e voltou daqui a duas horas.*

**Sinopse conclusiva:** *daqui a* pode formar o adjunto adverbial de localização temporal pontual com orientação prospetiva, sempre organizada em relação ao momento de fala;

*daí a/ dali a* podem formar o adjunto adverbial de localização temporal pontual organizada em relação ao momento de fala situado no passado (no discurso indireto) bem como em relação à outra

---

<sup>97</sup>Este tópico merece de um estudo à parte.

referência temporal introduzida anteriormente.

### 3.2.9. HÁ (Tempo) <sup>98</sup>

#### 1. Estatuto categorial e estrutura interna

*Há* é “o verbo *haver* na terceira pessoa do singular do presente ou (para alguns falantes) do imperfeito do indicativo” (GP: 1549).

Este verbo introduz expressões temporais que marcam o tempo anterior à enunciação ou a um momento de referência, e neste uso “funciona praticamente como uma preposição” (ibidem), facto que nos permite analisar estes adjuntos de localização temporal a par dos outros, introduzidos por sintagma preposicional.

Uma expressão temporal que vem a seguir a *há* é de natureza quantificacional e indica uma extensão temporal mais ou menos precisa, tipicamente expressa por nomes de informação temporal ou de medida de tempo com ou sem quantificador ou determinante (*Eles casaram-se há muitos anos/ há pouco tempo; O Pedro saiu há cinco minutos/ há instantes*, etc.)

Observa-se a impossibilidade destas expressões ocorrer sem o complemento expreso (*\*Eles casaram-se há; \*O Pedro saiu há*), o que revela a natureza “preposicional” deste conector.

Notamos que quando *há* localiza uma situação, pode ocorrer com a partícula *atrás* (*Estivemos em Londres há dois anos atrás. O livro foi publicado há cinco meses atrás. O João chegou há uma hora atrás*). Entretanto, uma interpretação durativa é incompatível com esta partícula (*\*Estamos em Londres há dois anos atrás. \*O João trabalha há uma hora atrás*).

#### 2. Significado

*Há* pode localizar uma situação pontual ou durativa e, respetivamente, introduzir expressões de localização temporal (grupo “QUANDO”) ou de duração (grupo “QUANTO TEMPO”). No primeiro caso, *há* localiza uma situação num momento preciso, anterior ao momento de fala ou a outro momento de referência, separado dele por uma certa quantidade de tempo: *O Pedro entrou de férias há uma semana; A Maria chegou a casa e ficou a saber que o João tinha saído há meia-hora*.

#### 3. Natureza aspetual

Quando *há* produz uma localização temporal anterior ao momento de fala, combina-se com todas as classes aspetuais no passado: com estados (*Estivemos em Londres há dois anos*: “visitamos Londres há dois anos”), processos (*O Pedro trabalhou em Londres há dois anos*: “nos últimos dois anos o Pedro trabalha no outro sítio”), processos culminados (*A Maria construiu uma casa há dois anos*: “a casa está construída e tem dois anos”), culminações (*Chegamos a casa há dez minutos*: “se agora são 18h00, chegamos às 17h50”) e pontos (*O carteiro bateu à porta há dois minutos (atrás)*: “o carteiro bateu à porta e desde este momento até agora passaram dois minutos”).

---

<sup>98</sup>Na secção “Sinonímia” desta ficha observamos também as expressões temporais introduzidas por verbo *fazer* que em alguns casos podem substituir as introduzidas por *há*. Optamos por não dedicar uma ficha à parte às expressões com *fazer* devido à sua dependência de advérbios e locuções adverbiais dêiticos.

Embora este trabalho não trate de localização temporal feita através da duração (grupo “QUANTO TEMPO”), mencionamos aqui alguns usos de *há* na sua função de localizador de situações durativas: *Estamos em Londres há dois anos. Ele trabalha nesta empresa há muito tempo. A Câmara Municipal está a reparar esta estrada há meses.*

Estes exemplos ilustram várias situações que se prolongam no interior de uma extensão temporal introduzida por *há*, tendo como início o momento marcado por complemento de *há* (*há dois anos, há muito tempo, há meses*) e continuando até ao momento de fala e no momento de fala.

Assim, os significados das frases apresentadas acima seriam os seguintes: “nos últimos dois anos estamos a viver em Londres”; “ele trabalha nesta empresa (durante muito tempo)”; “a reparação da estrada está a decorrer (durante muitos meses), mas a estrada ainda não está reparada”.

Em caso de situações pontuais, *há* desempenha o papel de operador aspetual.

Assim, com pontos *há* introduz uma leitura iterativa (*O carteiro bate à porta há alguns minutos*).

*Há* é compatível com culminações apenas para realizar localização temporal.

É de notar que para localizar uma situação durativa que se prolonga até o momento de fala *há* precisa de se combinar com os verbos no Presente Indicativo ou Presente Progressivo (*Vivemos em Lisboa há cinco anos. O miúdo está a dormir há três horas. O Pedro está a escrever o artigo há semanas*).

Apenas com estes tempos verbais se mantém uma referência ao momento de fala que *há* introduz.

Comparamos com outras situações durativas que já não têm ligação ao momento de fala (*Vivemos em Lisboa durante cinco anos e depois mudamos para o Porto. O miúdo dormiu três horas e acordou bem disposto. O Pedro passou várias semanas a escrever o artigo mas não o acabou*).

#### 4. Relações temporais

Quando *há* realiza uma localização temporal, apresenta o valor retrospectivo, sendo compatível apenas com as situações no passado (*Chegámos a casa há pouco tempo. A Maria publicou o artigo há dois meses. O Pedro trabalhou nesta empresa há três anos (atrás)*). Comparamos estes exemplos com as frases inaceitáveis (*\*Vamos chegar a casa há pouco tempo. \*A Maria publicará o artigo há dois meses. ?O Pedro trabalha nesta empresa há três anos (atrás)*). Repare-se que em combinação com os predicados no presente as expressões temporais com *há* exprimem duração.

#### 5. Conteúdo referencial

Uma característica que distingue *há* nas situações acima é a sua referência ao momento de fala e a capacidade de localizar uma situação anterior a esse momento.

*Há* também pode realizar uma localização temporal relativamente a outro momento de referência introduzido anteriormente no discurso: *A Maria chegou a casa e ficou a*

*saber que o João tinha saído há meia-hora. Se a Maria quer chegar à universidade às 15h, vou tentar chegar lá meia-hora antes/ \*há meia hora.* Nota-se que *há*, em comparação com *antes*, apenas pode ocorrer no passado.

Neste contexto *há* pode alternar com *antes* usado sem complemento expreso e precedido por especificador que marca a distância: *A Maria chegou a casa e ficou a saber que o João tinha saído meia-hora antes.*

Assim, *há* relaciona temporalmente duas situações marcando uma distância entre elas. Podíamos fazer uma generalização e concluir que *há* sempre relaciona uma situação (situação do momento de fala ou situação com outra referência temporal) com outra.

Por outro lado, *há* também participa na localização anafórica, sendo sinónimo de *antes* (*A Maria chegou a casa e ficou a saber que o João tinha saído meia-hora antes*).

## 6. Natureza do complemento

*Há* opera com as quantidades de tempo (*meia-hora, alguns minutos, momentos, etc.*).

Tipicamente, *há* introduz uma expressão nominal (SN) que traz alguma informação sobre a quantidade de tempo. Observam-se os seguintes variantes de uso:

HÁ + ...

artigo indefinido + NIT/ NRC

*As aulas começaram há semanas.*

*O professor chegou há minutos.*

advérbios vagos (*pouco/algum/muito*) + NIT/ NRC

*O avô completou, há poucos dias, 80 anos.*

*Vi este filme há muito tempo (atrás).*

*Encontrei o Paulo, há alguns dias, na faculdade.*

numeral + NRC

*A infraestrutura entrou em funcionamento há dois meses.*

*O jogo acabou há vinte minutos (atrás).*

Estas locuções prepositivas não se usam com os nomes de unidades de tempo (*sábado, janeiro, 2015*).

## 7. Sinonímia

Uma locução adverbial introduzida por *há* pode alternar com uma introduzida por verbo *fazer* na terceira pessoa do singular do presente ou do pretérito perfeito (*Comprámos este carro há cinco anos; Comprámos este carro faz cinco anos<sup>99</sup>*). A alternância referida pode ocorrer apenas quando a localização temporal é feita em relação ao momento de fala.

Entretanto, *fazer* “permite variar o tempo de referência a partir do qual se mede a

---

<sup>99</sup>Segundo GP (1633), nem todos os falantes consideram este uso de *faz* aceitável neste contexto.

distância temporal que localiza o evento no passado” (GP: 1633) e neste aspeto diferencia-se de *há*.

Assim, para as expressões introduzidas por verbo *fazer* o momento de referência da localização, para além do momento de fala, pode ser outro, tipicamente representado por um advérbio ou uma locução adverbial de valor dêitico que vem imediatamente a seguir ao verbo (*Comprámos este carro faz amanhã cinco anos; Comprámos este carro fez ontem cinco anos*). Como se observa nestes exemplos, *fazer* muda o tempo verbal consoante a posição temporal do advérbio dêitico: anterior ou posterior ao momento de fala.

A Gramática do português (2013: 1634) acrescenta ainda que “com algumas restrições de natureza semântica ou pragmática, a maioria dos advérbios ou locuções adverbiais dêiticos pode combinar-se com *fazer*”, incluindo os que representam o próprio momento de fala (*agora, hoje*, etc.)

As frases seguintes ilustram esta característica do verbo *fazer*: *Comecei a trabalhar nesta empresa faz amanhã/ depois de amanhã/ daqui a uma semana três anos. Comecei a trabalhar nesta empresa fez ontem/ há dois dias três anos. Comecei a trabalhar nesta empresa faz agora/ hoje/ neste preciso momento três anos*.

Como já foi dito, expressões temporais com *há* constituem o inverso dos sintagmas preposicionais introduzidos por *daqui a/daí a*.

Em casos quando expressões com *há* localizam uma situação pontual em relação a outro momento de referência, podem alternar com *antes* (o caso também mencionado acima).

## 8. Erros potenciais

\**Estamos em Londres há dois anos atrás.*

\**O João trabalha há uma hora atrás.*

\**O miúdo dormiu há três horas e acordou bem disposto.*

**Sinopse conclusiva:** *há* pode formar adjuntos adverbiais de localização temporal pontual ou durativa. *Há* localiza uma situação anterior ao momento de fala ou a uma outra situação no Passado, marcando uma distância temporal entre as situações.

## Considerações finais

As reflexões sobre o papel de gramática no contexto contemporâneo do ensino aprendizagem de PLE produzidas no âmbito deste trabalho revelaram que a competência linguística, ou seja o conhecimento de recursos formais de língua e a capacidade de os usar na elaboração de mensagens portadores de significado, perdeu a sua centralidade em comparação com os outros componentes da competência comunicativa: as competências pragmática e sociocultural. Porém, em várias situações no ensino-aprendizagem pode surgir a necessidade de recorrer a uma apresentação explícita e estrutural da língua, nomeadamente na explicação de particularidades de uso de algumas

categorias linguísticas. Como ficou demonstrado na breve análise de alguns manuais e livros de apoio de PLE, a literatura didática não tem como ideia prioritária colocar à disposição dos aprendentes uma descrição linguística devidamente sistematizada e profunda, tratando a língua na sua complexidade e dando uma especial atenção às zonas críticas do ponto de vista de PLE.

Na nossa opinião, esta lacuna poderá ser preenchida por uma fonte do conhecimento explícito da língua, complementar aos manuais, com a capacidade de fornecer aos professores e alunos de PLE uma exposição sistemática dos temas linguísticos, realizada com rigor descritivo. Uma descrição linguística deste género associada à respetiva função comunicativa e ao contexto sociolinguístico poderá facilitar o processo de interiorização dos conteúdos e servir como instrumento de apoio em caso de dúvida linguística.

É claro que estamos a referir-nos a tópicos sistematicamente evitados ou pouco trabalhados na literatura didática de PLE. Um deles, os adjuntos adverbiais de localização temporal introduzidos por conetores de tipo preposicional, foi eleito como foco principal do presente estudo pela sua acuidade e por ser fonte de inúmeras interferências na produção oral e escrita dos aprendentes.

O caminho que seguimos na abordagem deste tema revelou-se bastante produtivo. Em primeiro lugar, o tema foi identificado como problemático no âmbito de PLE devido à ausência de sistematização e descrição detalhada nos manuais e livros de apoio. Entre outros fatores que justificam as zonas "cinzentas" no tratamento da língua, encontram-se os frequentes erros e dúvidas dos aprendentes (alguns destes dados podem ser obtidos no *corpus*) bem como as observações dos professores relativamente aos elementos de PLE mais complexos e ambíguos que exigem uma apresentação especialmente cuidada e bem pensada.

A seguir, fez-se o levantamento dos estudos na área da linguística contemporânea dedicados ao tópico, entre quais destacamos Mória (2000), (2003), Viegas (1996), Peres (1993) e Teixeira (2001). Além da informação obtida nas principais referências sobre o tema, servimos-nos das descrições propostas por *Gramática do Português* (Raposo et alii, 2013) que se veio a revelar de uma grande utilidade para o estudo. Este facto não anulou, porém, o percurso analítico que precedeu a consulta da gramática.

O passo seguinte consistiu na exploração das categorias linguísticas mais relevantes para o tópico (como tempo, aspeto, adjunção, valores semânticos da localização temporal) e tomada de decisões quanto à terminologia a usar. Na base desta informação gramatical foi apresentada uma proposta do agrupamento dos adjuntos adverbiais temporais (grupos "QUANDO", "QUANTO TEMPO" e "QUANTAS VEZES") e, a seguir, um dos possíveis agrupamentos dos adjuntos de

localização temporal introduzidos por vários conectores. No fim, foi apresentada uma descrição linguística numa forma sintética e unificada de fichas cujo foco constituem os conectores que agregam os valores de localização temporal em toda sua complexidade.

Já não incluído no presente estudo, mas seu natural desenvolvimento, seria uma reorganização dos conteúdos para apresentação de forma mais conveniente e compreensível para os aprendentes de PLE. Cremos que o tema estudado poderia então estar em condições de ser usada por professores na sala de aula ou integrado numa almejada Gramática de PLE. As sínteses propostas, porém, são prioritariamente destinadas aos autores de manuais de PLE, aos professores, para preparação das suas aulas e aos aprendentes dos níveis avançados, com formação linguística sólida na sua língua materna.

À medida que o estudo prosseguia, surgiram novos fenómenos linguísticos que, devido às limitações do presente trabalho, não foram devidamente tratados (como, por exemplo, a distinção entre *daí a* e *dali a* ou as ocorrências no mesmo contexto de *há* e *atrás* em conjunto ou separados). Pela mesma razão, os adjuntos de localização temporal não foram analisados em relação à sua posição na frase. Estes são alguns dos aspetos que podiam ser explorados nos outros estudos de PLE baseados nos *corpora*.

No entanto, a análise apresentada para os adjuntos de grupo "QUANDO" é um exemplo do que gostaríamos de fazer também para os grupos "QUANTO TEMPO" e "QUANTAS VEZES". Os critérios de descrição linguística desenvolvidos no trabalho (como a base dos *corpora* e dos estudos linguísticos contemporâneos, uma metalinguagem adaptada e uma apresentação sistemática) poderão ser usados para o desenvolvimento dos conteúdos linguísticos (quer gramaticais, quer pragmáticos) para os fins de PLE.

A prática do ensino-aprendizagem numa língua como língua estrangeira ou língua segunda fornece-nos como que um novo "ponto de vista" que os falantes nativos, tipicamente, não têm. Observados nesta perspectiva, os fenómenos linguísticos, até agora ocultos e não tratados, merecem uma descrição pormenorizada e bem estruturada que, na nossa opinião, é indispensável para o tratamento dos conteúdos linguísticos no âmbito de PLE.

Espera-se que o trabalho produzido possa constituir um contributo válido para uma eventual Gramática de PLE.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Ana Teresa (1993) “Levantamento e Análise da Bibliografia sobre o Tempo na Língua Portuguesa”. In *Cadernos de Semântica* 13. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

\_\_\_\_ (2003) *Sobre a Localização Temporal Adverbial Anafórica em Português*. Universidade dos Açores (dissertação de doutoramento).

BOYER, Henri et alii (1990) *Nouvelle Introduction à la Didactique du Français Langue Étrangère*. CLE. International, Paris.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa; Maria Francisca XAVIER (1991) *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa. Universidade Aberta.

CASTELEIRO, João Malaca; Américo MEIRA; João PASCOAL (1988) *Nível limiar: para o ensino [e] aprendizagem do português como língua segunda [e] língua estrangeira*. Estrasburgo. Conselho da Europa. Lisboa. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

CASTELEIRO, João Malaca (1991) “A gramática no ensino-aprendizagem do português como língua estrangeira”. Em *Actas, Português como Língua Estrangeira*. Macau. Direção dos Serviços de Educação, Fundação Macau, Universidade da Ásia Oriental, Instituto Português do Oriente.

COSTA, João (2008) *O Advérbio em Português Europeu*. Lisboa. Edições Colibri.

DOWTY, David (1979) *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht. D. Reidel.

ELLIS, Rod (2005) *Principles of Instructed Language Learning*. In [http://asian-efl-journal.com/sept\\_05\\_re.pdf](http://asian-efl-journal.com/sept_05_re.pdf) (acendido em novembro de 2013).

\_\_\_\_ (2006) "Current Issues in the Teaching of Grammar: An SLA Perspective". In *TESOL Quarterly*. Vol. 40. Nº 1. March, pp. 83-107.

FONSECA, F.I. (1994) *Gramática e Pragmática – Estudos de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto. Porto Editora.

KAMP, Hans; Uwe REYLE (1993) *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht. Kluwer.

KRASHEN, Stephen (1981) *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Oxford. Pergamon Press Inc.

LARSEN-FREEMAN, D. (1991) "Second Language Acquisition Research: Staking Out the Territory". *TESOL Quarterly*. Vol. 25. Nº 2, pp. 315-350.

LOBATO, Lúcia (1989) *Advérbios e preposições, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais*. São Paulo. D.E.L.T.A.

LONG, Michael H., PORTER, Patricia A. (1985) "Group Work, Interlanguage Talk, and Second Language Acquisition". In *TESOL Quarterly*. Vol. 19. Nº 2, pp. 207-228.

LOPES, Ana Cristina (1996) "Tempo, aspecto e coesão discursiva". In *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa 1995)*. Lisboa. APL e Colibri: 351-371.

LÓPEZ, M. C. F. (2004) "Princípios y critérios para el análisis de materiales didácticos". In

*Vademécum para la Formación de Profesores, Enseñar español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. SGEL. Madrid.

MATOS, Gabriela Ardisson (1996) “A Sintaxe e a Morfo-Sintaxe nas Gramáticas Descritivas do século XX”. In *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa 1995)*. Lisboa. APL e Colibri: 105-121.

MATOS, Sérgio (1999) *Adverbiais de Tempo em Português Contemporâneo: Forma e Significação*. Universidade do Porto (tese de doutoramento).

MÓIA, Telmo (1995a) “Aspetos da Semântica das Expressões Temporais com Desde e Até – Questões de Aktionsart”. In *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Évora 1994)*. Lisboa. APL e Colibri: 341-358.

\_\_\_\_ (1995b) “Leitura Inclusiva de Achievements e Accomplishments em Frases com Expressões Temporais com desde”. In *Cadernos de Semântica 23*. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

\_\_\_\_ (1997) “Sintagmas com Durante e Em como expressões de localização temporal ou de duração”. In *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Braga – Guimarães 1996)*. Lisboa. APL e Colibri: 227-240.

\_\_\_\_ (2000) *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*. Universidade de Lisboa (dissertação de doutoramento).

\_\_\_\_ (2001) “Sobre a Expressão da Duração em Português Europeu e Português Brasileiro: o Uso de Sintagmas com a Preposição por”. In *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, Número Especial, II Congresso Internacional da ABRALIN (Fortaleza). Anais. Vol. I. Fortaleza. ABRALIN: 415-419.

\_\_\_\_ (2003) “Subdomínios de significação associados ao tempo – uma panorâmica geral”. In Castro, Ivo; Inês Duarte (orgs.) *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Vol. II. Lisboa. INCM: 95-127.

\_\_\_\_ (2004) “Sobre a delimitação temporal da quantificação”. In *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa 2003)*. Lisboa. APL: 581-593.

\_\_\_\_ (2011) “Expressões temporais com haver: gramaticalização e interpretação semântica”. In *Textos Selecionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Porto 2010)*. Lisboa. APL: 401-419.

MOIA, Telmo; Ana Teresa ALVES (2001) “Sobre a Expressão de Distância Temporal no Português Europeu e no Português Brasileiro”. In *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Coimbra 2000)*. Lisboa. APL: 699-714.

OLIVEIRA, Fátima (1985) “O Futuro em Português: alguns Aspetos Temporais e/ ou Modais”. In *Actas do 1.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa 1985)*. Lisboa. APL: 353-373.

\_\_\_\_ (1998) “Algumas Questões Semânticas acerca da Sequência de Tempos em Português”. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, série Línguas e Literaturas: 421-436.

OLIVEIRA, Fátima; Luis Filipe CUNHA; Sérgio MATOS (2000) “Alguns Operadores Aspetuais em Português Europeu e Português Brasileiro”. In *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa 2000)*. Lisboa: APL e Colibri: 737-750.

PERES, João Andrade (1993) “Towards an integrated view of the expression of time in portuguese (First Draft)”. In *Cadernos de Semântica 14*. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

\_\_\_\_ (1996) *Localizadores temporais adjuntos em português*. Faculdade de Letras, Universidade de

Lisboa, ms.

\_\_\_\_ (2003) "Estrutura das situações e semântica temporal". In Castro, Ivo; Inês Duarte (orgs.) *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Vol. II. Lisboa. INCM: 199- 216.

PERES, João Andrade; Ana Teresa ALVES (1998) *Sobre a construção da referência dos localizadores temporais adjuntos*, ms.

PERES, João Andrade; Telmo MÓIA (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa. Caminho.

PICA, Teresa (2005) "Second Language Acquisition Research and Applied Linguistics". In *Scholarly Commons*. In [http://repository.upenn.edu/gse\\_pubs/34](http://repository.upenn.edu/gse_pubs/34).

QECR (2001) *Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas - Aprendizagem, ensino, avaliação*. Conselho da Europa, Porto: Edições ASA.

REICHENBACH, Hans (1947) *Elements of Symbolic Logic*. New York. Macmillan Co.

RIBEIRO, Ana Paula Tavares Cumbre dos Santos (2006) *Ensino-aprendizagem do português como língua estrangeira: análise de manuais de iniciação*. Tese de mestrado em Língua e Cultura Portuguesa. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

RODRIGUES, Helena Isabel da Rocha Alzamora (2001) *Valores e marcadores de posterioridade na Língua Portuguesa*. Tese de mestrado em Linguística Comparada. FCSH. Universidade Nova de Lisboa.

SEARLE, John Robert (1969) *Speech Acts: an Essey in the Philosophy of Language*. Cambridge. Cambridge University Press.

\_\_\_\_ (1975) "Indirect Speech Acts". In Cole e Morgan (orgs.), *Syntax and Semantics*. 3. Speech Acts, 30-57. Nova Iorque. Academic Press.

TEIXEIRA, José (2001) *A verbalização do espaço: modelos mentais de frente/trás*. Tese de doutoramento em Ciências da Linguagem – Linguística Portuguesa. Braga. Universidade do Minho.

VENDLER, Zeno (1967) *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, NY. Cornell University Press.

VIEGAS, Maria Filomena Beata (1996) *Aspetos da semântica dos localizadores temporais em português*. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa (dissertação de mestrado em linguística portuguesa descritiva).

### **Gramáticas e dicionários**

BECHARA, Evanildo (2009) *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.

CASTILHO, Ataliba. T. de (2010) *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo. Contexto.

CUNHA, Celso; Luís F. Lindley CINTRA (2005) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 18.<sup>a</sup> ed. Lisboa. Edições João Sá da Costa.

HOUAISS, Antônio, Mauro de Salles VILLAR (2002-2003) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa. Círculo de Leitores.

LOPES, Óscar (1972) *Gramática Simbólica do Português – um esboço*. 2<sup>a</sup> ed. corrigida. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

MATEUS, Maria Helena, XAVIER, Maria Fransisca (1992) *Dicionário de Termos Linguísticos*. 2 vol. Lisboa. Edições Cosmos, 1992.

MATEUS, Maria Helena Mira; Ana Maria BRITO; Inês DUARTE; Isabel Hub FARIA; e Sónia FROTA; Gabriela MATOS; Fátima OLIVEIRA; Marina VIGÁRIO; Alina VILLALVA (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa. Caminho (6ª ed.).

OLIVEIRA, Luísa; SARDINHA, Leonor (2005) *Saber Português Hoje - Gramática Pedagógica da Língua Portuguesa*. Didáctica.

RAPOSO, Eduardo Paiva et alii (2013) *Gramática do Português*. Vol. I, II. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

### **Manuais e livros de apoio de PLE (*corpus*), guias gramaticais**

*Aprender Português 3 Curso Intermédio de Língua Portuguesa Para Estrangeiros - Nível B2* / Carla Oliveira, Luísa Coelho, Direcção e coordenação: Prof. Doutor João Malaca Casteleiro, Texto Editores, Lda, 2007.

*Caderno de exercícios Aprender Português 3 Curso Intermédio de Língua Portuguesa Para Estrangeiros - Nível B2* / Carla Oliveira, Luísa Coelho, Direcção e coordenação: Prof. Doutor João Malaca Casteleiro, Texto Editores, Lda, 2007.

*Gramática Aplicada Português Língua Estrangeira Níveis Intermédio e Avançado B2 e C1* / Carla Oliveira, Luísa Coelho, coordenação: Prof. Doutor Malaca Casteleiro, Texto Editores, Lda, 2007.

*Gramática Ativa 2 - 3.ª Edição* / Isabel Coimbra, Olga Mata Coimbra, Lisboa; Porto: Lidel, 2012.

*Gramática Ativa 1 - 3.ª Edição* / Isabel Coimbra, Olga Mata Coimbra, Lisboa; Porto: Lidel, 2012.

*Lusofonia : curso avançado de português língua estrangeira* / António Avelar, Helena Bárbara Marques Dias ; dir. João Malaca Casteleiro, ed. rev. Lisboa, Porto, Coimbra: Lidel, D.L. 2006.

*Lusofonia : curso avançado de português língua estrangeira: Caderno de exercícios* / António Avelar, Helena Bárbara Marques Dias ; dir. João Malaca Casteleiro, ed. rev. Lisboa, Porto: Lidel, 2004.

*Lusofonia : curso avançado de português língua estrangeira: Livro do professor* / António Avelar, Helena Bárbara Marques Dias ; direct. João Malaca Casteleiro, Lisboa : Lidel, D.L. 2001.

*Português XXI: livro do aluno 3: nível B1* / Ana Tavares; dir. Renato Borges de Sousa; colab. Ana Dias, Lisboa; Porto; Coimbra: Edições Lidel, 2005.

*Português XXI: caderno de exercícios 3: nível B1* / Ana Tavares; dir. Renato Borges de Sousa, Lisboa: Edições Lidel, 2005.

*Português XXI: livro do professor 3: nível B1* / Ana Tavares; dir. Renato Borges de

Sousa. Lisboa; Porto; Coimbra: Edições Lidel, 2006.

*Português Mais: para os níveis avançados de português língua estrangeira* / Francisco Pelicano Antunes, Ana Paula Cleto, Maria Isabel Matos. Porto: Porto Editora, 1997.

*S.O.S. Língua Portuguesa: guia temático para resolução de dúvidas em português* / Sandra Duarte Tavares, Sara de Almeida Leite. Lisboa: Verbo, 2010.

## **Anexos**